

Coisas Espantosas de Camilo Castelo Branco

I

A guerra e a peste, flagelos congénitos do homem, ou gerados pelo homem na peçonha do pecado, como dizem bons teólogos e doutos moralistas, devastavam Lisboa em 1833.

Cruzavam-se às dezenas as macas, umas internando os feridos das baterias: estes, por entre os cortinados de lona, deixavam ver o rosto arregoado de sangue ou cortado de golpes. Outras macas levavam os mortos de contágio aos valados dos cemitérios, onde os cadáveres a monte exalavam vaporações pestilenciais.

O troar da artilharia e o dobre a finados, estridor medonho com que falava o rancor humano, e plangente pedir de orações para as almas dos extintos, casavam-se em lúgubre toada; porém, o sentir íntimo daquelas duas manifestações, – uma, ódio de guerra, outra, piedade de sufrágio – repeliam-se, eram o antagonismo da crença e da religião, da civilização e da barbária, a antinomia do céu e do inferno.

Em leito de ouro e púrpura, se reclinava o sol por uma formosa, e saudosíssima tarde de Junho. A face do céu, retinta de puro anil, serena e límpida, era contraste doloroso com este canto do globo, em que os filhos da mesma mãe se espedaçavam como bestas-feras (estas que nos perdoem o confronto!) e o sangue fraterno espadanava à cara dos que vociferavam com a mesma língua as raivosas imprecações do ódio civil.

Nessa tarde de Junho de 1833, em uma casa da rua da Oliveira, agonizava nas derradeiras ânsias do cólera, um homem, que representava quarenta anos.

Ao lado do seu leito estava um menino de nove anos, e uma mulher de vinte.

No rosto da criança, via-se o pavor, o espasmo, e não sei quê de suprema angústia, raro manifestada em rosto de criança, que assiste ao formidável transe de seu pai. No semblante da mulher, revelava-se a impassibilidade de mera enfermeira., e, por vezes, a impaciência de quem assiste por obrigação a prolongada agonia.

Era o menino filho do moribundo; mas a mulher não era mãe daquele menino, nem sequer madrasta.

Cinco anos antes, tinha morrido a mãe de Augusto, que assim se chamava o filho de Inácio Botelho. Este era um morgado da província de Trás-os-Montes, desde muito residente. na capital, para onde fora com uma senhora fugida a seus pais.

Dez anos a tivera consigo, primeiro com fervores de amante, depois com aborrecimento do encargo, e por fim com affecto de amigo. Vencera o hábito as impermanências da idade e as repugnâncias da vida doméstica. Balbina, de paciente índole, resignara-se conhecendo o esfriamento do amante, que ela imaginara esposo, cedo ou tarde; embebera-se toda no amor de uma filha, que voara ao céu, antes de lhe dar o doce nome de mãe; sucedera-lhe neste amor um segundo filho, que era Augusto. Foi sua vida, pois, dar ao filho os cuidados e carinhos de sua alma; e ao gélido pai desta criança os serviços duma boa regente de casa.

Tinha quatro anos o menino, quando Balbina, desde muito adoentada do peito, sucumbiu, pedindo, em últimos paroxismos, a Inácio Botelho, que perfilhasse Augusto, para que seu filho não expiasse na pobreza a culpa materna.

Chorou-lhe o morgado a falta.

Não era a saudade aflita de amante que o mortificava: era a ausência irremediável

de uma amiga de dez anos, afeita ao seu génio, providente nos seus mais caprichosos desejos, zeladora de interesses, que nem sequer a pobre senhora esperava que aproveitassem ao filho; era, em suma, o hábito, aquele tenacíssimo vínculo, que prende o coração, já não pelo mais sensível, mas decerto pelo mais sólido e durável dos seus fios.

Inácio Botelho, livre de encargos e de embaraços com a morte de Balbina, não sabia o que fazer da sua liberdade.

Nenhuma outra afeição lhe disputava na alma o lugar daquela, que lavrara fundas raízes em dez anos, embora essas raízes não desabrolhassem em flores embriagantes, das que enlouquecem o coração. Das inclinações passageiras, que haviam feito desmerecer Balbina aos olhos do amante, já não existia nem memória. Dedicções graves, que presumissem honesto intento de casar-se, não tivera Inácio Botelho alguma. É de supor que, a ter existido um grande amor ou grande conveniência, a mulher, que perdera o nome e a dignidade de senhora, tivesse sido sacrificada.

Morta Balbina, o morgado de Montezelos, com trinta e seis anos, relações na melhor sociedade, e fama de abastado, poderia aspirar ao consórcio de uma herdeira, que lhe dobrasse os recursos, com que a vida se estraga em delícias de poucas horas, ou associar à sua genealogia o nome de alguma filha segunda dotada com apelidos Ilustres da monarquia.

Não quis, ou as eventualidades não quiseram. Permaneceu indeciso, um ano, em recolher à província ou viajar. Nesta irresolução, deparou-lhe o acaso uma mulher que o resolveu à sua maneira de viver antiga. Era a filha da sua engomadeira, esbelta rapariga de dezesseis anos, com os modos agradáveis das mulheres menos educadas de Lisboa. Empregou o morgado os recursos da sua muita astúcia, e conseguiu, sob o honesto título de mestra de seu filho, com liberalíssimo ordenado de Carlota, que a velha e pobre mãe lha cedesse. Entregou-lhe a educação de Augusto, submeteu os antigos criados às ordens dela, e consentiu-lhe que se fizesse chamar *dona* Carlota.

Meses depois, a filha da engomadeira valia tanto para Inácio Botelho quanto valera Balbina, a filha de proprietários honrados, um ano depois que fugira a seus pais; com a diferença, porém, de que esta chegara a enganar-se com as exterioridades afectuosas, e algumas vezes apaixonadas do amante; ao passo que a outra fora sempre forçada a reconhecer-se comprada, vendida, ou alugada, porque a expressão *amor*, nem sequer mentida a pudera tirar dos lábios de seu senhor, nas horas de mais expansiva intimidade.

Balbina chorara muito em segredo; Carlota nem ao menos por impostor pesar soltou um suspiro na presença de Inácio. Depois de ter vãmente chorado a sua queda, lembrou-se de procurar o amor noutra parte; mas achava-se em mau terreno para conquistá-lo. Quis excitá-lo com o ciúme no coração do descuidado amo; receava, porém, que ele, em vez de irritar-se, a conduzisse pela mão à porta da rua, com carta de alforria, e excelentes informações do seu préstimo, se lhas pedisse.

Assim predisposta, cedeu à primeira impressão do homem que a encarou significativamente, e entabulou relações epistolares, o mais secretamente que pôde, valendo-se do criado cuja boa fé soubera enganar, depois que conseguiu expulsar todos os que não tinham a sua confiança. Este criado, que não vem como pueril incidente na história, há-de oportunamente exercer uma providencial missão, se me consentem que um galego possa receber do alto o ponderoso encargo de executar ordens divinas.

II

Era o amante clandestino de Carlota um desses centenaes de homens, sem profissão conhecida, ou conhecidamente honesta, que vagamundeiam nas ruas de Lisboa, umas vezes ostentando uma prosperidade misteriosa, outras vezes mostrando nas coçadas casacas e na maceração das caras o outro bico do dilema, em que trazem bifurcada a existência, tão irrisória na grandeza como na miséria.

Chamava-se Manuel de Castro, e era filho de um brigadeiro realista, que se estava batendo nas linhas de Lisboa, enquanto ele, desde os vinte anos vadio, vivia das alternativas do jogo, e desbaratava os poucos recursos de sua mãe, quando a sorte lhe era adversa.

Carlota dispunha de fartos meios, e senhareara-se a comprazimento do morgado de algumas jóias da defunta Balbina. O que ela podia cercear da mesada recebida para as despesas da casa, o que podia furtar das algibeiras e gavetas de Inácio Botelho, as suas próprias soldadas, e até as jóias de Balbina tudo Manuel de Castro fundira no jogo.

Grandes deviam ser os méritos com que o miserável se impusera aos sacrifícios de Carlota! Talvez a promessa de casamento, talvez a paixão absurda que não dá razão do seu modo de ser, talvez a ameaça de a denunciar a Inácio Botelho: todas estas hipóteses serão porventura prováveis para explicar a duração desta vergonhosa dependência, desde 1830 até à data daquela tarde de Junho em que o fidalgo arrancava da vida.

Eram oito horas da tarde, quando na câmara do moribundo entraram dois homens de venerável aspecto e cabelos brancos. Eram dois amigos certos do enfermo, que vinham confortá-lo e dissuadi-lo da suspeita da morte que o aterrava, se bem que no começo do ataque fora benigno o carácter do cólera. Os médicos, admirados do progresso da doença, desconfiaram da enfermeira, e comunicaram, na manhã deste dia, suas suspeitas aos amigos do doente. Estes, conhecidos de Carlota, e enganados pela boa fé de Inácio, desvaneceram as dúvidas dos médicos, atribuindo-as um pouco à ignorância da cura, e outro pouco à malevolência. Receosos, porém, de que ele expirasse, sem deixar algumas instruções concernentes ao filho, que eles conheciam desde o berço, iam resolvidos a lembrar-lhe, se não o perfilhamento por ser tarde, ao menos um testamento em que o declarasse seu filho, para que os sucessores do vínculo lhe não pudessem tirar os alimentos, quando muito.

Um dos dois, palpando a testa ao doente, chamou-o. Inácio abriu os olhos, relanceou-os sobre o menino, e tornou a fechá-los. Quis ainda falar; mas os monossílabos intercutados perdiam-se na rouquidão estertorosa que lhe tomava a garganta.

Augusto, quando os dois amigos de seu pai o acariciavam, disse-lhes que tinha na algibeira um papel, que o pai lhe dera para entregar aos seus amigos, quando ele expirasse. Disseram que não seria necessário, pois esperavam em Deus que o seu amigo vivesse; recomendaram-lhe, porém, que fosse procurar um deles a qualquer hora que o enfermo expirasse.

Nesta ocasião, estava Carlota fora do quarto, escutando. Os visitantes, ao saírem, encontraram-na, soluçando, com o rosto abatido sobre o regaço. Disseram-lhe palavras consoladoras, e notaram compassivamente a sincera dor de Carlota.

Às nove horas da noite, Augusto adormecera sobre um canapé na antecâmara do pai.

À cabeceira do leito estava um castiçal com vela de sebo, derramando nas faces arroxeadas do agonizante um clarão sinistro.

Gregório, o criado antigo de Botelho, ressonava recostado numa cadeira de

espaldar ao pé do canapé em que dormia Augusto; mas o seu ressonar era intervalado de sobressaltos, em que o galego relanceava os olhos em derredor, fitava o ouvido em direcção da alcova, e recaía no torpor, para outra vez acordar entrenoitado, e espreitar a agonia do amo.

A cozinheira, por ordem da governante, fora deitar-se.

Carlota estava na sala de visitas no primeiro andar, e junto dela Manuel de Castro, confortavelmente estendido sobre as almofadas de um sofá, fumando, e seguindo as ondulações do fumo do charuto com orientais delícias. Carlota, sentada na cadeira próxima dizia:

– Mas que papel será o que ele entregou ao pequeno?

– Isso é bom e fácil de saber-se, tola – respondeu Manuel de Castro, sacudindo com o dedo mínimo a cinza do charuto.

– Fácil!... como?

– Se o pequeno dorme, vai-lhe à algibeira, traz o papel, e está sabido o que desejas.

– Dizes bem; mas se ele acorda?

– Se acorda, diz-lhe que o estavas cobrindo, ou despindo para o deitares. Há nada mais fácil? Vai buscar o papel, Carlota, anda. Desconfio que te seja muito útil saber o que ele diz.

Subiu Carlota de mansinho ao segundo andar, entrou na antecâmara, espreitou por entre as cortinas da alcova, recuou assustada do aspecto descomposto do moribundo, e avizinhou-se do canapé em que dormia Augusto.

A este tempo, Gregório estremeceu, e Carlota parou. O galego viu-a, e cerrou as pálpebras, sem as fechar, ressonando fingidamente. Carlota levou a mão subtil à algibeira do pequeno, tirou o papel, e saiu em tremuras, como se a respiração cavernosa de Inácio fosse aos ouvidos dela uma frase de condenação. Gregório abriu os olhos, cismou alguns segundos, descalçou-se, e, pé ante pé, seguiu Carlota, e foi ajustar a orelha à porta da sala, em que ela estava conversando com Manuel de Castro.

Corte-se, por curto espaço de tempo, a narração seguida, como os leitores a querem, para se dar uma página ao bosquejo moral deste criado, digno dela, e de mais apurado pincel. Eu pinto, pela primeira vez na minha vida, galegos credores da imortalidade.

Gregório aceitara a proposta de levar e trazer cartas, porque a ama lhe dissera primeiramente, que Manuel de Castro era o namorado de sua irmã, que estava fora da terra, e ela a confidente destes amores. Conquanto parecessem inocentes tais relações, Gregório resolvera dizê-las ao patrão, quando Carlota foi avisada do intento pela cozinheira, que privava na honesta intimidade de Gregório. Chamou-o, e disse-lhe que tencionava dar-lhe meios para poder estabelecer uma taverna, e casar-se com Joana, a cozinheira, com a cláusula de que ele não diria ao patrão que levava e trazia cartas.

Tinha Gregório bom pedaço de amor a Joana; e o amor, como sabem, tem amolado não direi cabeças tão rijas como a de Gregório, mas decerto consciências mais robustas e meticulosas. Se a história é verdadeira, Cipião, o africano, é o singular herói que saiu vencedor dos sortilégios do amor, sacrificando o coração ao puritanismo da honra. Bem pudera Gregório entrar na história logo depois de Cipião, se, em menosprezo de Joana e da auspiciosa taverna, delata ao patrão as *chirinolas*, como ele dizia, em que andava envolvido. Para estes e outros holocaustos do belo e fementido deus, é que Camões escreveu o verso:

Tu só, tu, puro amor, que a tanto obrigas.

Houve, porém, um momento em que Gregório esteve a ser herói por um triz; e, se o é então, ainda vinha a tempo de ensaboar-se da nódoa, que, apesar do que logo se conta, há-de marear-lhe a fama perante a posteridade.

Foi o caso, que, entrando ele uma noite, por volta das dez, com o barril de água, topara com dois vultos na pátio; e, desconfiando que o vulto mais corpulento fosse um oficial de barbeiro, que aproava o nariz a Joana, desceu o barril do ombro, e, sem palavra única de programa, disparou incontinentemente um chuveiro de murros, e tamanhos que, ao segundo, Manuel de Castro perneava indecorosamente no pátio, enquanto Carlota aplacava as brutas iras do galego, dizendo o nome da vítima esmurrada.

A este tempo, Manuel de Castro, cobrando alento, e a consciência da sua ignominia, ergueu-se, brandiu um punhal duas vezes sobre o costado de Gregório, e cevou as fúrias homicidas em quatro arrátéis de chouriço de sangue, que o galego trazia no saco. O assassino, convencido de que matara Gregório, fugiu, não tendo já ânimo de arrancar o ferro do terceiro furo.

Carlota, defendendo o criado com o corpo, suplicava ainda ao amante, que lhe perdoasse; e ao mesmo tempo o galego pedia desculpa do seu engano, sem se queixar dos golpes recebidos; e tomando o barril ao ombro, foi para a cozinha.

Joana, vendo o cabo do punhal pendurado do saco, puxou-o com susto, no momento em que a ansiada Carlota entrava para estancar o sangue de Gregório, que ela julgava mortalmente ferido. O galego, como visse a lâmina do punhal engordurada, carregou o sobrolho, e disse à ama:

– O maldito estripou-me os chouriços! Valha-te o diabo.

Riu-se muito Carlota; e Joana, sabedora do caso, cuidou de rebentar.

Desconfiou Gregório das gargalhadas, e entendeu que os dois murros puxados de alma não eram cabal desforço. Disse que se iria embora no dia seguinte, visto que o sujeito, a quem ele levava as cartas, entrava de noite em casa do seu patrão. Desta vez ainda a dignidade humana foi esmagada pelo amor na pessoa de Gregório de Redondela.

Nunca Joana foi tão garrida, casquilha, e requebrada como nessa noite. Carinhos, que ela não inventou, nunca os lograram Paulo nem Romeu. A taverna suspirada desenhou-a ela com as mais cobiçáveis cores. As delicias matrimoniais, os encantos da prole, a velhice sossegada com abundância, tudo Joana traçou na tela de um futuro próximo, com tanta graça e ternura, que o embelezado Gregório, cansado de felicidade, adormeceu com a cabeça encostada à carvoeira.

No dia seguinte, estavam desvanecidos os receios de Carlota; e Manuel de Castro recebia, pelo mesmo Gregório, a consoladora certeza de que o seu punhal tinha perdido a virgindade nuns inofensivos chouriços de sangue.

Nova catástrofe, porém, na vida amorosa de Gregório, pôs em novo e gravíssimo perigo Carlota.

Joana, muito apaixonada e rendida do barbeiro, que motivara os murros por hipótese no amante de sua ama, decidiu casar-se. Grandes esforços fizera Carlota para espaçar o casamento; mas Joana replicava que a sua virtude estava comprometida, e não podia por mais tempo esconder o testemunho autêntico duma falta, ou nódoa, das que, dizia ela, caíam em bom pano.

Felizmente para o barbeiro, Gregório não sabia nada destas nódoas. O que ele soube, quando menos o esperava, foi que a cozinheira se despedira para casar com um rapaz da sua igualha, oficial de ofício.

Acudiu Carlota com boas razões à quase demência de Gregório, contando os precedentes desonestos de Joana, e encarecendo os merecimentos dele, com fazer-lhe ver quanto era indigna dele semelhante mulher. Duvidando, ainda assim, da eficácia destes argumentos, Carlota deu a Gregório recursos com que ele, emparceirado com seu

primo Tiago, pudessem abrir taverna na rua da Condessa.

Esta terceira queda de Gregório é menos desculpável que as outras: atendendo, porém, a que o coração humano, despojado das galas do amor, se veste de preto, repele o doce alimento das sensações generosas, e ama nutrir-se de vícios e indignidades, tem desculpa o coração de Gregório como o de tantos Manfredos, que o leitor festeja e imita, porque não nasceram em S. Tiago de Compostela.

Sempre injustos e inconsequentes, olhamos com certa seriedade e acatamento para o homem bem nascido e educado, que sofreu reveses na luta do coração com a sociedade, ou trouxe o fel da perfídia, e protestou depois vingar-se da espécie humana, seja imolando no altar da sua vindicta inocentes virgens de quem se faz adorar, seja afrontando perigos da guerra, e barateando a vida contra a morte que lha respeita, e devolve cheia de invejáveis triunfos.

Isto compreendemos e admiramos.

Que Gregório, porém, desiludido, céptico, misantropo, arado de fogo infernal na alma, estanque de lágrimas, estéril de aspirações ao ideal em que devaneava, outrora, sentado no barril; que Gregório, enfim, descrido de quimeras, golpeado o coração de afrontosas dores, se aturda no tráfego delicioso duma taverna, seu segundo, e já agora único sonho de ouro realizável; disso, que tão triste é, rimos nós, Balsacs pífiros, que não sabemos trabalhar com o escalpelo observador no coração do nosso irmão da Galiza, mais nosso irmão por sangue, que nenhum outro desses que andamos sempre a pintar nos nossos romances, remendados como capa de pedinte.

Pois é verdade. Gregório Redondela abriu taverna de sociedade com seu primo Tiago; mas logo de princípio lhe correu mal o negócio. Disse-lhe um dia o primo que ele Gregório andava em pecado mofento. O galego recolheu-se à sua consciência, viu-a suja, e protestou fazer-lhe barreira. Foi confessar-se a um frade carmelita, de notável severidade, e descarregou o pecado que mais lhe pesava nos lombos da alma: era inquestionavelmente o de alcaiole entre Carlota e Manuel de Castro. Impôs-lhe o frade a pena de tudo relatar ao seu patrão, posto que, no entender do casuísta, Inácio Botelho estava no inferno, enquanto não expulsasse a manceba de que o demónio se servira para perdê-lo. Acrescentou o frade que esta denúncia seria meio de arrependimento para o concubinário, visto que ele, a ter vergonha e honra, devia despedir imediatamente a comborça.

Ergueu-se Gregório dos pés do confessor no firme propósito de tudo descobrir ao amo; quando, porém, o buscava encontrou-o na cama, ansiado com os vômitos do contágio, e achou mal azada ocasião para o aviso. Resolvido, assim mesmo, a desoprimir sua consciência de qualquer modo, e, ao mesmo tempo, suspeito de que à morte do amo se seguisse o roubo no precioso da casa, aconselhado por Castro e executado por Carlota, o galego estava de sobreaviso para chamar os amigos do seu amo, logo que Inácio expirasse. Eis a razão por que o vimos, primeiro, sentado ao pé de Augusto, e depois o vimos na peugada de Carlota, quando descia ao primeiro andar com o papel tirado da algibeira do menino.

III

Carlota e Manuel de Castro falavam de modo que Gregório ouvira o essencial do seguinte diálogo:

– O homem estava doido! – dizia Manuel de Castro – nem ele tem tamanha soma de dinheiro, nem, se a tivesse, precisava de declarar aos amigos a espécie em que a tem...

– Quem sabe! – atalhou Carlota Ora lê outra vez o papel.

Castro leu:

Em peças de 7\$500 réis, num pequeno cofre de pau preto, tenho trezentas. Este mesmo cofre está forrado de notas no valor de um conto de réis. Dois sacos de prata em cruzados novos, contendo cada saco cem moedas. Cinquenta dobrões de 24\$000 rs. num canudo de cobre com as minhas armas na tampa. Esta última quantia quero que seja entregue à sucessora no vínculo, minha irmã D. Leonor Botelho. Na minha carteira grande de marroquim escarlate está um título do governo para liquidar com o valor nominal de quatro contos de réis. Na mão do meu amigo conde de S. Tomé do Castelo estão dez mil cruzados. Nessa mesma carteira está o meu testamento.

– É muito dinheiro, não é, Manuel? disse Carlota com alegria.

– Eu te digo, menina... isto deve somar para mais de cinco contos, não falando nos quatro da dívida do governo, e nos dez mil cruzados depositados em a mão do conde; estas duas quantias não há remédio senão perdê-las.

– Mas cinco contos é bastante para nós, não achas?

– Somos ricos, minha amiguinha! Em menos de um ano, havemos de ter quinze.

– Como estás a mangar!

– Eu cá sei. Verás que boladas eu tiro do jogo, tendo as algibeiras bem forradas contra a sorte...

– Pois tu queres jogar!? Então, daqui a pouco, estamos miseráveis. Não achas que era mais acertado abrir eu uma loja de capela, e tu viveres descansado com os rendimentos do negócio?

– Loja de capela! – replicou Manuel de Castro com severidade e assombro. – Pois consentiria eu que fosse lojista a mulher destinada para minha esposa! Renuncia tão vil ideia, Carlota; faz-me esse favor. Eu sou filho dum oficial general, e neto de outro. Tempo virá em que eu possa escolher um dos melhores cargos públicos do meu país, e queira apresentar na sociedade minha mulher. Não tarde que o poder do sr. D. Miguel seja restaurado, e daqui até lá preciso fazer-te senhora, isto é, civilizar-te, colocando-te ao pé de minha mãe, que é um senhora de corte, educada no Ramalhão, em companhia da senhora D. Carlota Joaquina, de quem minha mãe foi particular amiga.

– Pois sim, o que tu quiseres – tornou Carlota – mas eu sei cá se tu me queres para tua mulher!

– Essa dúvida é ofensiva à minha honra. Que te tenho eu dito há três anos, Carlota? De que modo poderia eu recompensar-te os sacrifícios, e os sagrados empréstimos que me tens feito?

– Cala-te, Manuel. Eu fiz o que devia e que podia, à custa de tudo, meu querido... Mas, olha, como há-de ser isto?

– O quê?

– Tirar o dinheiro.

– Pois ainda o perguntas? Está decidido... Este papel já não sai de minha algibeira.

– Mas o pequeno disse aos homens que o pai lho entregara.

– Isso que tem? O que o pequeno disse é coisa que não monta nada. Logo que o homem morra, tira-se da secretária o dinheiro em ouro e papel, e deixam-se os sacos de prata para não desconfiar... Agora me ocorreu uma feliz ideia! – exclamou Manuel de Castro, indicando na testa o lugar da ideia.

– O que é?

– Parece-me que posso imitar esta letra. Vai buscar lápis e papel, que eu aponto apenas o dinheiro em prata, o título do governo, e os dez mil cruzados que tem o conde de S. Tomé do Castelo.

– Boa ideia! mas imitarás tu bem a letra?... vê lá no que te metes...

– Imito... Vai depressa, que não há tempo a perder.

Carlota correu à escada, e, abrindo a porta, ainda viu Gregório que subia rapidamente os degraus a quatro e quatro.

– Onde vens tu? – disse-lhe ela assustada.

– Ia chamá-la, senhora, porque o patrão acho que está a passar... – disse Gregório com mal fingida naturalidade.

Desconfiou Carlota, e mais ainda quando viu que era a mesma a respiração estertorosa de Inácio Botelho. Augusto dormia ainda. Gregório, inquieto e vigilante, seguia os menores movimentos de Carlota. Isto mais a fez suspeitar de que tinha sido escutada. Acendeu uma vela, e buscou na papelreira papel e lápis. Achou o papel, mas o lápis estava à cabeceira do agonizante. Ainda foi à porta da alcova, para entrar; mas retrocedeu tremendo. Fez novo esforço, desviando a vista do aspecto desfigurado do amo, e venceu o pavor. Gregório presenciava tudo. Quando ela aceleradamente atravessava a saleta, o criado, cruzando os braços, disse-lhe com visível amargura:

– A minha ama que quer fazer?

Porque me fazes tu essa pergunta, Gregório?

– A minha ama quer roubar o filho do nosso patrão? Isso é tentação do demónio, senhora D. Carlota!

– Roubar, eu! estás doido ou bêbado? Pois tu julgas-me capaz de roubar teu amo!

– Eu ouvi tudo o que lá disseram na sala, senhora D. Carlota. O trampolineiro, que lá está em baixo, há-de ir dar com os ossos numa enxovia, ou eu não hei-de chamar-me Gregório. Daqui vou de um pulo a casa dos amigos do meu patrão, e conto-lhes tudo, se a senhora não põe o tratante fora de casa, e se não mete na algibeira do menino o papel, que tirou de lá.

Carlota enfiou sem poder articular defesa, ou palavra de vitupério ao inexorável criado.

– Se a senhora deixa – continuou Gregório – eu vou lá abaixo, e ponho o tal malandro na rua, pelas orelhas. Mande-o ao diabo, que é a sua perdição, aquele patife! Então que diz? quer que eu vá sacudi-lo lá de baixo?

– Não – acudiu Carlota, tirando energia de um pensamento, que lhe ocorreu. – Eu vou lá dizer-lhe que mudei de tenção, mas tu não digas a ninguém que o demónio me tentou, não? Devo-te a ti não ceder à tentação infernal!...

– Palavra de honra, que não digo palavra, minha ama. Ponha-o fora, e traga o papel, que o menino tinha na algibeira... Eu bem sei o que ele reza.

Carlota desceu atribulada, e falou quase ao ouvido de Manuel de Castro:

– Estamos perdidos... Nada se pode fazer... O galego ouviu o que a gente disse; e, se tu não saíres daqui já já, ele vai contar tudo aos amigos de Inácio; e quer que eu leve já para cima o papel que trouxe... Vês tu que malvado galego aquele!... Isto agora não

lhe vejo remédio...

Manuel de Castro desanimou também, e chegou a erguer-se para sair com as perdas esperanças dos cinco contos, cujas parcelas ele estivera a somar.

– Pois não há remédio nenhum?! exclamou ela com ansiedade.

– Não o vejo. Não te disse eu, há dias, que mandasses embora este galego?

– Temi fazer outro criado sabedor da nossa vida – disse ela soluçando e vertendo sinceras lágrimas. – E agora tu vais deixar-me porque eu fico pobre?

– Não deixo; mas melhor seria deixar-te, Carlota...

– Abandonar-me!... porquê?

– Diz-me tu que vida há-de ser a nossa! Como hei-de eu sustentar-te, se ajudado pelos teus empréstimos mal tinha podido satisfazer as minhas precisões?

– Eu trabalharei para sustentar-se, Manuel

– interrompeu ela lançando-lhe os braços ao pescoço. – Tu hás-de arranjar uma ocupação, e não me dês nada que para mim eu arranjarei. Torno para o ofício de engomadeira... E olha, quem sabe se este homem me deixa alguma coisa no seu testamento?

– Ora! que te há-de ele deixar! alguma dúzia de moedas para comprares um capote! Ainda és de bom tempo!

– E abandonas-me, Manuel! – tornou ela, ajoelhando-lhe aos pés.

– Este infame galego! – murmurou Castro

– Se fosse possível comprá-lo... Promete-lhe cem moedas...

– Não posso... não sei como hei-de falar-lhe... Se tu quisesses dizer-lho...

– Digo – atalhou resolutamente Manuel de Castro – manda-o cá falar comigo.

– Mas acautela-te, Manuel... Olha que ele é mau.

– Não tem dúvida... – disse Castro apertando a mão no cabo do punhal, que outrora escorchara os chouriços de sangue.

Subiu Carlota onde estava Gregório, a interrogá-lo com os olhos.

O sr. Castro quer falar-te, Gregório – disse ela com muita brandura.

– Não tenho pendências com esse homem. O papelucho vem ou não vem?

– Há-de vir; mas vai tu primeiro falar com o senhor Castro.

– Já disse que não vou. É decidir; quando não, daqui a casa do juiz de fora é como um raio. Esta pouca vergonha há-de saber-se...

Tão alto falava Gregório, que Manuel de Castro subiu ao segundo andar, e foi encostar-se ao batente da porta mal fechada.

– Se não vai buscar o papel – insistiu o galego – eu acordo o menino, e digo-lhe que a senhora lho tirou, e levo-o comigo ao juiz.

– Cala-te, malvado! – bradou ela subitamente enfurecida – que, se eu fosse um homem, tirava-te a vida!

– Pois vá chamar o seu amante, que eu cá estou a espera – redarguiu o destemido Gregório, bambeando a cabeça.

Quando Carlota abriu a porta para sair, Gregório seguiu-a com o intento de ir participar o plano do roubo aos amigos de Inácio; mas, apenas transpusera o limiar da porta, sentiu roçar-lhe a cara um ferro: era o punhal de Manuel de Castro. Estendeu os braços musculosos para arcar com o vulto, que se agitava diante dele, e recebeu segunda punhalada no peito. Vacilou, ao faltar-lhe a vista, e caiu desamparado nas escadas, soltando apenas um rugido, com um espirro de sangue, que borrifou a face de Carlota.

– Que fizeste? exclamou ela, caindo convulsa num degrau.

– Ajuda-me a lançá-lo à rua – disse Manuel de Castro, passado de medo. – Não me faças exclamações, senão deixo tudo, e vou-me embora. Levanta-o pelas pernas para não fazer estrondo.

Castro levantou um pouco a cabeça de Gregório, que ele, com razões de boa aparência, reputava cadáver. Colocado em posição inferior à de Carlota, foi-o descendo de degrau em degrau, enquanto ela, erguendo-lhe as pernas pelas calças, evitava que os sapatos ferrados batessem na escada. Chegados ao pátio, Castro escutou a respiração de Gregório, e pareceu-lhe que ouvira algum sinal de vida; escutou de novo, e convenceu-se da sua ilusão. Depois abriu subtilmente a porta: era completa a solidão e escuridade na rua da Oliveira. Tomou o suposto cadáver nos braços, encostou-o ao peito pelas costas, arrastou-o a distância de dez passos, postou-o na testeira duma taverna, e recolheu-se.

Só duas testemunhas viram isto: Deus e a consciência dele.

Se o leitor me perguntar de quem pude eu saber o facto, se de inspiração divina, se da consciência dele, mais tarde verão que a gente pode saber muitas coisas sem conversar com o Espírito Santo, nem com a consciência dos criminosos, nem com a polícia, que sabe muito menos que os romancistas.

IV

Fugira para o segundo andar Carlota, logo que Manuel de Castro saíra. Fazia-lhe terror a escuridão do pátio e das escadas. Entrando no seu quarto, passou diante dum espelho, lançou-lhe os olhos, e viu-se salpicada de sangue. Lavou-se, e presumiu que as escadas deviam de estar ensanguentadas. Fitou o ouvido para ouvir os passos de Castro, que vinha subindo, e ouviu também os últimos arrancos de Inácio Botelho. Manuel de Castro chamou-a, e ela, hesitando sair do quarto atemorizada, disse-lhe que entrasse.

– É preciso limpar as escadas – disse ele – traz água e uma esponja. Enquanto lavas as nódoas de sangue...

– Eu!... –balbuciu ela.

– Sim, tu: é preciso coragem! Que temes tu agora? – dizia ele simulando valor. – O que deves temer é alguma imprudência que nos acuse. Vai, vai lavar as escadas, enquanto eu vou escrever o papel que hás-de meter na algibeira do pequeno.

Lavados os degraus, Carlota recebeu o papel que imperceptivelmente introduziu no bolso do menino. Feito isto, parou a rouca respiração do agonizante. Rangeu o leito denunciando a última convulsão da vida. Inácio Botelho expirava, solitário, abandonado, sem amor, sem família, sem lágrimas, sem mão amiga que lhe enxugasse da fronte o derradeiro suor. À sua cabeceira estava a vela quase extinta da luz que vascolejava uns clarões azulados.

– Está morto – disse Manuel de Castro, mal podendo dominar o terror, que lhe incutiu o repentino silêncio.

Carlota não respondeu, e caiu sobre uma cadeira, como se a mão de ferro do remorso lhe batesse no peito.

– Chama o pequeno, diz-lhe que morreu o pai – prosseguiu Castro com infernal energia. – É preciso que ele vá entregar o papel aos homens.

– A esta hora?! quem há-de acompanhá-lo? amanhã ira...

E erguendo-se de golpe com desvairada gesticulação, exclamou:

– Oh meu Deus! o que eu estou sofrendo é maior castigo que o meu crime! Dai-me a morte e o inferno, que há-de ser um tormento menor!

Era Manuel de Castro um infame fraco. Há uns infames fortes que vão onde querem ir com intrépido ânimo. O terror de Carlota aumentava o dele. Flagelou-o o remorso, que não queria ceder à resistência que lhe punha a vítima, pensando na posse de alguns contos de réis, sem que o mundo pudesse criminá-lo.

Um coração piedoso não poderia ver estes dois miseráveis, um em face do outro, sem lastimá-los. Não nos peçam outra prova da Providência. Se aquela angústia durasse duas horas, os suplícios de uma outra vida seriam demasia de justiça divina. Para acreditarmos que as eternas penas são mais que mito, carecemos de crer que algum desses dois criminosos gozaram neste mundo dias de paz e contentamento.

Augusto acordou, e Manuel de Castro retirou-se da antecâmara para o primeiro andar.

Carlota aproximou-se do menino, e disse-lhe:

– Morreu o paizinho.

E chorava, sem fingimento, porque era atrozmente verídica a sua tribulação.

Augusto correu ao leito, pediu luz, encostou a face ao braço ainda tépido do cadáver, e rompeu em alto choro. Carlota não podia ir tirá-lo de lá: receava desfalecer, quando visse a imagem do seu remorso no rosto do defunto.

Chamava Augusto o pai com grandes brados, beijando-lhe a mão orvalhada de suor frio, e forcejando por chegar-lhe os lábios ao rosto, que oscilava sacudido pelos

empuchões que o menino dava ao braço morto. Os olhos meio cerrados pareciam entrever com o derradeiro raio de luz as lágrimas do órfão. O filho de Balbina, exaurido de pranto e de força, encostou-se à beira dos colchões, apoiou a face sobre o lençol húmido da transpiração da agonia, e aí permaneceu num daqueles letargos de que despertam dementes os adultos, quando o despertar não é em uma outra vida de glória para os mártires desta.

No entanto, Manuel de Castro, vil demais para sustentar a cínica serenidade dos grandes celerados, avocava todos os deleites que podia proporcionar-lhe o punhado de ouro roubado a um órfão.

Confrontava o seu actual viver – trama de expedientes arriscados e infames – a prosperidade, que se lhe antolhava, senão absolutamente encerrada no roubo, pelo menos derivada desse dinheiro cem vezes multiplicado na indústria do jogo, em que ele se julgava um génio, manietado pela pequenez dos recursos.

A onerosa obrigação de associar Carlota aos seus destinos, era coisa estranha aos cálculos dele. Era isso um fardo tão fácil de sacudir dos ombros, que não valia a pena estudar pretextos. A crueza do abandono, e os sucessos consecutivos do desamparo eram previsões impossíveis àqueles olhos toldados de sangue.

Assim mesmo, Manuel de Castro ouvia uns gritos da consciência, e não sabia como havia de responder à voz que o apelidava ladrão e homicida. Chegou a desejar a luz do dia para se furtar às incómodas imagens, que lhe avultavam nas trevas da sala. Abriu a janela para respirar, e viu o clarão da lua, que descia por entre as duas margens de casas, a alumiar o vulto de Gregório. Castro recuou, como se o empurrassem de fora, e levou as mãos frenéticas à cabeça. Minutos depois, soaram passadas na rua, e o amante de Carlota escutou. Era uma patrulha, que parou à beira do corpo de Gregório, e o sacudia a pontapés, cuidando que era filantrópico o pontapé que poupa um bêbado a receber no duro as doentias orvalhadas da aurora. Depois, vieram outros soldados, chamados por um da patrulha, e o cadáver foi levantado e transferido dali.

Rompia a manhã, quando Carlota desceu à sala em que Manuel de Castro a esperava com impaciência.

– Que estiveste fazendo? – perguntou ele com azedume.

– Estive a chorar... Não sei como hei-de consolar aquela criança, que me está a matar com os seus gritos ao pé da cama do pai.

– Para que me meteste nisto, se havias de te arrepender? – replicou Manuel de Castro com assomos de raiva.

– Eu não te disse que matasses o criado.

– Vens então dizer-me que matei o galego contra tua vontade, não é assim? Pois saberás que por tua causa o matei. Foi para realizar a tua felicidade que eu me fiz assassino. Foi para salvar-te de morreres desamparada numa cadeia, que eu tingi as minhas mãos de sangue, Carlota. Entendes isto?

– Perdoa-me! – clamou ela – desculpa o meu remorso, que eu sou fraca, e receio que Deus mude em inferno a felicidade que esperas, e eu não posso já esperar.

– Pois bem – disse Castro com verdadeira expressão do seu aterrado espírito. – Estamos em tempo de remediar uma parte do teu crime e do meu. Serei homicida, porque não posso deixar de o ser. Vai tu trocar o papel, que está na algibeira do pequeno, e deixa-me para sempre, que eu não posso nem quero consolar-me de ter matado um homem, com a posse do amor. Deixa-me para sempre, Carlota, que eu rejeito esse dinheiro, que te está flagelando a consciência. Lembra-te, porém, que eu era um homem sem infâmias nem remorsos, antes de te conhecer.

– Manuel! – bradou Carlota abraçando-o com veemente impulso daquele fatal amor. – Não me deixes, que me matas, e a consciência não se sossega com a morte.

Liga-me ao teu destino; aceito-o, seja ele qual for. Quando não puderes com a vida, mata-me, que eu perdoo-te. Eu já sei que de hoje em diante sou entre as mulheres perdidas a mais desgraçada de todas; não importa, serei tudo, mas ampara-me tu enquanto puderes. Preciso de ti para me defenderes deste remorso... Olha, se nós levássemos o pequeno para a nossa companhia, a minha consciência ficava mais sossegada... Havíamos de estimá-lo como se fosse nosso filho, sim, Manuel?

– O que tu quiseres; mas se levares o pequeno para a tua companhia hão-de perguntar-te donde tiras os meios para o sustentares.

– Digo que são teus.

– E se me perguntarem quem mos dá?

– Pois não receias que to perguntem, ainda que o menino não esteja connosco?

– É que eu tenciono sair contigo para Espanha, e voltaremos, passado algum tempo.

Continuou o diálogo por espaço de meia hora, rematando por se unirem contra os fantasmas, e declarando-se Manuel de Castro suficiente filósofo para asseverar a Carlota que os remorsos eram inquietação de ânimos fracos, passageira como todas as inquietações fundadas num prejuízo.

Era dia claro. Carlota mandou Augusto, com um indivíduo da vizinhança, procurar os dois amigos de Inácio Botelho.

V

Logo que o menino saiu, Manuel de Castro abriu os armários da papelaria, e encontrou todas as quantias indicadas no apontamento. Senhoreou-se de tudo, excepto dos dois sacos de prata. Abriu a carteira de marroquim, tirou o testamento, e deixou o título de empréstimo ao governo.

– É preciso guardar este dinheiro no teu baú – disse ele.

– No meu baú?! – acudiu Carlota – e se fazem uma busca? Quem me diz a mim que o testamento declara o dinheiro que estava na papelaria?!

– É provável que declare; mas eu vejo o que ele diz.

Castro rasgou os selos do testamento, correu-o com os olhos, e leu em voz alta as seguintes linhas:

Deixo à minha criada Carlota dos Reis a quantia de dez mil cruzados que ficam na mão do sr. conde de S. Tomé do Castelo; a qual quantia lhe deixo pela boa companhia que me fez no espaço de seis anos, que foi minha criada, e porque além disso lhe devo reparar de algum modo os danos que causei à sua honestidade; com a condição, porém, de que, se os meus dois amigos, já nomeados meus testamenteiros, entenderem ser vantajoso à educação de meu filho o conservar-se ele na companhia da dita Carlota dos Reis, com alimentos arbitrados pelo conselho de família, ela continuará a ser, como sempre foi, e espero que seja, uma segunda mãe de meu filho Augusto.

Era este o máximo castigo que a justiça do céu podia cominar à desgraçada!

A liberalidade do testador, e a confiança que ele depositava na *segunda mãe* de seu filho foram dois cruelíssimos espinhos, que entraram na consciência, onde já o remorso a estava mordendo. Carlota debulhou-se em lágrimas, e desvairou em ânsias de desespero. Por momentos, a ideia de matar-se lhe serviu de alívio; mas o muito que pensava fê-la crer em Deus, e logo o temor do inferno, condenação infalível dos suicidas, lhe foi maior tormento que o próprio crime.

– Vou confessar tudo! – bradou ela com súbita veemência. – Vou dizer o meu crime aos amigos do sr. Inácio. Quero morrer penitente e contrita. Não quero nada do roubo nem da herança. Hei-de pedir que me deixem ser a mãe de Augusto nos poucos dias que me restam de vida! Morro desta aflição, sem remédio! Morro, se a graça e a misericórdia de Deus me não acode!

Manuel de Castro, com severo semblante, interrompeu-a:

– Queres dizer que vais denunciar-me como assassino e ladrão? É assim que me consolas da desonra a que me fizeste descer? Valeu bem a pena ser malvado para te agradar, Carlota! Pensas que eu fujo à infâmia que a tua confissão me traz? estás enganada. Espero-a aqui de braços cruzados, para que tu vejas até ao fim a tua obra, mulher, que me atiraste a um abismo, e me apontas ao mundo com o sangue de teu criado no rosto, do teu criado a quem tu disseste que arrancarias a vida, se fosses um homem! Serei eu quem primeiro diga: – o assassino e o ladrão, cúmplice desta mulher, sou eu. Esta mulher, que aqui está arrependida do crime de que se não lava, resolveu arrepender-se depois que viu neste testamento que era senhora duma quantia que a dispensaria de ser ladra, se o testador lhe dissesse em vida que a deixava rica. Pensas que, depois da confissão, receberás a herança de Inácio Botelho, a quem te venderam? Iludes-te. Nem na cadeia consentirão que comas os juros dessa quantia. Daqui a pouco

entrarão nesta casa os amigos do teu generoso amante. Sem que fales, falarei eu. Há pouco faltava-me a coragem para me ver assassino e ladrão; agora sobra-me ânimo para me denunciar a todo o mundo... Veremos como te portas na presença deste horrível espectáculo, Carlota! Hei-de ver com que coração arrastas a infâmia deste novo delito de que eu vou ser vítima, depois de ter sido algoz, submisso escravo dos teus caprichos. Se te julgas infame agora, que pensarás de ti logo? Se não podes calar o remorso com a certeza do amor e felicidade, que eu te queria dar, como poderás sufocá-lo, tendo atirado à ignomínia um homem perdido por te amar tanto?!

– Oh pai do céu! – bradou a infeliz, que o demónio arrancava às mãos do anjo da contrição.

– Valei-me, Senhor, valei-me nesta agonia!

– Ainda é tempo – acudiu Castro, temeroso da chegada dos amigos do morto – Carlota, tu amas-me? amas a ti própria? queres que nos salvemos? Esconde este dinheiro, e eu te assevero que de hoje a quinze dias todos os teus instantes serão de ventura e paz de consciência. Não tardam aí os homens. Este testamento rasga-se. Os dez mil cruzados que eram para ti são para Augusto, porque eu assim o declarei no papel, que ele levou; e, quando tal declaração fosse inválida, o pequeno está perfilhado. O que tu tiras é pouco mais ou menos o que deixas. Por este lado não há de que tenhas remorsos. Eu é que tenho motivos demais para sofrê-los; mas espero destruí-los com o teu amor. Que dizes, Carlota? Se consentes em guardar esse dinheiro, eu vou sair, que é mais que tempo.

– Leva-o tu – murmurou ela com profundo desalento. – Leva-o, que eu irei ter contigo onde tu me mandares ir.

– Levarei, e logo que te derem livre para escolher o destino que quiseres, procura-me em minha casa.

– Sim, sim, vai que é tarde – tornou ela quase em voz despercebida.

Saiu Manuel de Castro com as algibeiras repletas. No momento em que saía do pátio, passava defronte da porta uma maca conduzindo o corpo de Gregório. Seguiu-o um bando de homens entre os quais havia alguns, que apontavam a casa donde ele fora criado.

Manuel de Castro foi detido por um oficial de diligências que lhe perguntou se ele era daquela casa. Respondeu Castro que era o médico do dono dela, que acabava de expirar do cólera.

Deixaram-no seguir seu caminho, e a autoridade chamada a lavrar o auto, entrou na casa do defunto Inácio Botelho. Depois de bater repetidas vezes à porta do primeiro e segundo andar, dispunha-se a fazer arrombar as portas, quando Augusto subia com um dos amigos de seu pai. Contou a autoridade que ninguém lhe respondia, e, de acordo com o amigo de Inácio Botelho, foi arrombada a porta. Na antecâmara não viram ninguém. Foram ao quarto do defunto, e viram uma mulher desmaiada aos pés do leito.

– É a pobre Carlota!... disse o amigo de Inácio.

– Filha do defunto? – perguntou o juiz.

– Filha não... era uma verdadeira amiga.

– Entendo – tornou o juiz – poucas esposas sentem tanto... Queria eu que alguém da casa me informasse acerca dum galego que mandei agora quase morto para o hospital. Poderá ela informar-me?

– Certo que não. Imagine que noite ela passaria ao lado do agonizante!

Carlota abriu os olhos, e tremeu uma convulsão de alguns segundos. Chamavam-na, e ela relanceava a vista espavorida sobre cada pessoa que a rodeava. Transportaram-na à sua cama. Foi chamado o médico que disse não entender o que era; mas bem podia ser uma congestão cerebral. À quarta sangria, Carlota, subitamente reanimada,

perguntou a Manuel de Castro, que lhe falava em seus delírios, em qual cidade de Espanha estavam.

Desta e doutras perguntas, o médico e os amigos de Inácio, concluíram com grande pena, que estava douda a pobre mulher.

Chegava o cadáver de Inácio Botelho ao Alto de S. João, quando Carlota saía para o hospital de S. José, e Augusto para casa de um dos amigos de seu pai.

VI

Na tarde do dia imediato, em volta de uma mesa no «Marrare das sete portas» estavam seis homens, ainda moços, com Manuel de Castro.

A mesa estava pejada de licores, e já pela terceira vez as garrafas tinham sido restauradas. Era Manuel de Castro quem dava as ordens, e insultava os criados pouco lesto no serviço. Era também ele quem emborcava maiores tragos, e forçava os convivas a imitarem-no, provando-lhes sua superioridade em invasar dum fôlego o conteúdo de duas garrafas, pelos dois gargalos simultaneamente. Os assistentes, que ocupavam as outras mesas, olhavam espantados para a capacidade absorvente de Castro, o qual, incitado pelo espanto dos espectadores, acrisolou o heroísmo até à formal embriaguez.

A temulência do amante de Carlota era desabrida. Praguejando contra a covardia dos companheiros menos bebedores, batia com as garrafas no mármore, e estas saltavam em estilhaços à cara dos circunstantes.

As mesas imediatas foram desamparadas; e os criados, zelosos do decoro da casa, ou desconfiados da insolvência do ébrio, intimaram-lhe a saída.

Castro reagiu metralhando-os com cálices e castiçais, abonando-se ao mesmo tempo com uma mão cheia de peças que espalhou sobre a mesa.

A rogos dalguns amigos da ordem, interveio a força armada. Declarou o fautor da desordem que era filho do oficial general Severo de Castro. Os soldados respeitariam o filho dum oficial general, se algumas vozes não bradassem: «E de mais a mais é filho dum caipira! Fora burro!»

A gritaria excitou as covardes iras de alguns liberais que, em vez de as desafogarem nas baterias, liam nos cafés o boletim, e corrigiam os erros estratégicos dos generais.

Manuel de Castro e os seus amigos foram espancados e expulsos.

Dizia um dos frequentadores do Marrare, mais vizinho da mesa de Castro, que, aplicando o ouvido ao que ele falava antes de embriagar-se, lhe ouvira dizer que precisava afogar no licor um demónio que lhe abrasava as entranhas, e que havia de saturar-se de álcool a ponto de dar aos seus amigos o luminoso espectáculo duma combustão espontânea. Acrescentara mais Manuel de Castro que, entre todos os suicídios inventados pela dor ou pelo capricho, o mais heróico e magnífico à vista, decerto era o da combustão; se bem que o imediato na escala da perfectibilidade tinha sido o do duque inglês que se afogou no tonel de Malvasia, a não ser o de Sardanápalo queimado nos braços das suas formosas escravas.

Isto se repetia em todas as mesas, e já havia quem ligasse à embriaguez do filho do brigadeiro miguelista uma ideia, se não respeitosa, ao menos compassiva.

Um dos concorrentes, médico do hospital de S. José, ouvindo proferir o nome *Manuel de Castro*, fez notar aos circunstantes uma coincidência que merecia ser averiguada. Dizia ele que, no dia anterior, entrara na enfermaria das doudas uma bela rapariga, que tinha sido criada ou amante de um sujeito falecido de cólera, horas antes de ela endoudecer. Segundo afirmavam as pessoas que a tinham conduzido ao hospital, a rapariga enlouquecera de paixão por seu amo. Continuou o médico: – Uma mulher douda de saudade cativa-me mais que nenhuma outra a simpatia e compaixão. Pedi que me deixassem ouvi-la. Falei-lhe no homem por quem ela estava sofrendo tanto, perguntei-lhe quantos anos vivera em companhia dele, quantos daria da sua vida por tornar a vê-lo: disse-lhe tudo o que devera compungi-la e desafogá-la em lágrimas. Nem uma lágrima só! Apenas me disse: – Vai-se demorando muito Manuel de Castro, e nós

precisamos de fugir hoje, senão metem-me numa enxovia e ele é enforcado. – Para onde quer fugir? – atalhei eu. – Para Espanha... Vamos para Espanha viver muito felizes, e levamos o filho do sr. Botelho, que me há-de amar como amaria sua mãe, porque eu hei-de amá-lo como se fosse meu filho. – Perguntei-lhe quem era, e onde morava Manuel de Castro. Voltou-me as costas com arremesso. Parece-lhes aos senhores – continuou o médico – que haverá alguma coisa comum entre este Manuel de Castro e o outro de que fala constantemente a douda?

Opinaram alguns ouvintes que era justo indagar-se a residência de Manuel de Castro. Saíram logo alguns na cola dos que estavam com ele, e ainda alcançaram dois no Rossio. Não duvidaram estes declarar que o seu amigo morava no largo de S. Roque, e acerca da douda nenhuma suspeita souberam esclarecer.

A curiosidade malévola, ou altamente providencial, levou o facto ao conhecimento da polícia. Já lá era sabido que a douda Carlota se horrorizava dum fantasma, que ela chamava *Gregório*, e que as enfermeiras, proferindo aquele nome de propósito, lhe arrancavam pavorosos gritos.

Combinou a polícia com estes pavores a existência dum galego moribundo no mesmo hospital, e o facto de ter aparecido nas algibeiras do ferido um papel em que se liam estas palavras: *Do Castro recebi por várias vezes setenta e oito pintos e três tostões.*

Foi passada ordem de captura do filho do brigadeiro realista Severo de Castro.

Conduzido à prefeitura, e perguntado se conhecia Carlota, respondeu que não; perguntado mais se conhecia um galego chamado Gregório Redondela disse que não tinha decaído tanto da posição social de seus pais que estivesse relacionado com galegos. Pareceu à justiça insuficiente prova de inocência a ironia, e quis que ele fosse levado à presença da douda. Levado ao hospital de S. José, Carlota encarou nele longo tempo com olhos esgazeados, e não proferiu um monossílabo. Disseram ao preso que lhe perguntasse a ela se o conhecia. Castro, sem hesitação, interrogou:

– A sr^a D. Catarina...

– Carlota, é Carlota – atalhou um dos funcionários.

– A sr^a D. Carlota conhece-me?

– Vou para Espanha – respondeu ela coçando-se com ambas as mãos freneticamente. Estou à espera do meu Manuel de Castro.

– E não é este o Manuel de Castro que a sr^a espera? – dizia o médico.

– O meu Castro?

– Sim.

– O meu Castro há-de vir logo.

A polícia e a medicina desanimaram.

– É admirável e mesmo imoral – disse o preso com severidade – que os senhores, pessoas de tino, ao que parecem ou querem parecer, me obriguem a vir aqui figurar nesta miserável comédia! Que há que ver entre mim e esta mulher douda? Que peso tem na lei ou na medicina o proferir uma demente o nome de um homem de bem, para que esse homem seja trazido entre esbirros a uma enfermaria, e acareado com a demente? Faz-se-me semelhante afronta porque eu sou filho dum realista? Que tem a minha honra com a política boa ou má de meu pai?

– Está o senhor enganado – atalhou o maioral da diligência – ninguém se importa com o senhor como homem político. Havia indícios de culpa: procedeu-se a esta averiguação. Está claro que o senhor não é o suspeito Manuel de Castro. A polícia cumpriu o seu dever. Mas bom será, para que a sua honra não sofra desaire, que vossa senhoria não continue a embriagar-se como ontem no Marrare.

– Eu costumo pagar os líquidos com que me embriago; – disse com sobranceira

Manuel de Castro – e desejo aos meus censores oficiosos que eles gozem a felicidade com que eu me sento à mesa dum botequim, donde saio ébrio.

Não redarguiram. A inflexão amarga, que ele dera às últimas palavras, moveu à comiseração os ouvintes.

Manuel de Castro saiu livre.

VII

O punhal de Manuel de Castro encontrara o dedo da providência, que o fez três vezes desviar do fito mortal.

O golpe mais perigoso de Gregório era na garganta: os outros, apontados ao coração, nenhum ferira órgão importante.

Não obstante, Gregório não dera acordo de si dois dias; e, quando recobrou os sentidos, não podia mover a língua nem articular palavra.

Disseram-lhe que escrevesse o nome de quem o ferira, se o conhecia. O galego prontamente escreveu, mas com grande custo, as palavras *Manuel de Castro*. Tamanha foi a violência que fez para explicar por acenos a história ininteligível, que, à força de bracejar e gesticular, desmanchou o aparelho da garganta, e gritou com dores, até perder os sentidos.

Neste desacordo se deteve algumas horas; e então o julgaram em extremo perigo.

Requeru a polícia que a douda fosse levada à presença de Gregório, logo que ele recuperou o tino. Carlota, ao vê-lo, barafustou para fugir aos braços que a seguravam. O galego, ao mesmo tempo, deu duas upas tamanhas sobre a cama, e tanto se contorceu que desconcertou o aparelho do curativo, e lançou golfadas de sangue. Foi uma cena muda horrorosa de ver-se.

Por ordem dos facultativos, foram proibidas as averiguações da polícia, enquanto a vida do ferido corresse perigo.

Desde este encontro, Carlota não teve instante de repouso, nem já chamava com meiguice o seu Manuel de Castro. Amarraram-na para lhe conterem os ímpetos com que se arremessava às janelas para precipitar-se, e às paredes para espedaçar o crânio.

Entretanto, Manuel de Castro, por meio de insuspeitas informações, tratava de saber o estado de Carlota. Pode ser que o dó o movesse a indagar da demência da infeliz; mas é mais provável que o medo de novas averiguações o tivesse em sobressalto, e cuidadoso de saber se ela revelava alguma coisa que a polícia aproveitasse. Enquanto fazia estas indagações, mediante uma fiel criada de sua mãe, irmã dum enfermeiro do hospital de S. José ia-se ele preparando para fugir à primeira palavra duvidosa, que a informadora lhe trouxesse.

Por muito más que fossem as suas previsões, o resultado excedeu-as grandemente. A criada veio contar-lhe que seu irmão estava como tolo desde que vira Carlota a espolinhar-se nos braços dos homens que a levaram à presença de Gregório.

– Gregório! – exclamou Manuel de Castro.

– Sim, tornou a criada, um galego, que era moço dela, e que veio procurá-lo a V. S^a muitas vezes.

– Esse galego está morto.

– Não está, meu senhor. O galego está a curar-se das facadas, no hospital. Meu irmão disse-me que ele tem uma nas goelas, salvo tal lugar, e que pode morrer dela; mas, há meia hora, ainda estava vivo, e a policia anda sempre por lá a ver quando ele poderá responder às perguntas.

Manuel de Castro enfiou, e não ouviu o restante da informação. Entrou no seu quarto, embolsou o dinheiro do roubo, e saiu aceleradamente.

Chegando às baterias constitucionais do Campo Pequeno, tomou um alvião para trabalhar nas trincheiras, e fez-se reparável pelo afã com que trabalhava entre os mercenários. Um general, antigo camarada de seu pai, inquiriu do enérgico moço quem fosse sua família, e maravilhou-se do amor cívico, que levava o filho a combater o pai, nessa ocasião comandante duma brigada, acampada no Campo Grande. Durante a noite,

fácil foi a Manuel de Castro passar as linhas, e apresentar-se no campo realista.

O brigadeiro, quando viu seu filho entre os soldados suspeitosos que lho conduziam, chamou-o de parte, e disse-lhe:

– Vens dar-me a triste nova da morte de tua mãe?

– Não, meu pai; minha mãe vive, e tem saúde. Eu vim pegar em armas, e seguir a sorte delas até ao fim.

– A sorte está vista. Vens à desfeita desta desgraçada luta. Estamos perdidos, e tu o que vens é dar mais um infeliz para o número. Melhor te fora tomar armas pela outra causa, que eu nunca to reprovava, meu filho. Os liberais já triunfaram. Desta parte o que já agora pode haver de lucro e glória é a honra da disciplina, e mais nada. De lá., ao menos, ainda poderias vir a merecer um emprego, quando se repartirem os cargos; e com ele sustentarias tua pobre mãe, que há-de morrer de fome ao pé de nós. Manuel, eu nunca te chamei porque, desde o princípio, vi este resultado; agora, que tudo está acabado, vai-te embora, alista-te no exército de D. Pedro, assiste às últimas batalhas, que serão de fácil vitória, e granjeia, sem desonra, o amparo de tua mãe.

Manuel de Castro pensou alguns segundos, e disse que cumpriria a vontade de seu pai, depois de estar algumas horas em sua companhia.

No dia seguinte saiu dos arraiais, e tomou o caminho do Porto. Daqui seguiu à província de Trás-os-Montes, declarando-se realista ou liberal conforme ia sondando o espírito das terras onde pernoitava. Chegou a Bragança, onde nesse tempo estanciavam comerciantes espanhóis e jogadores de ofício. Acrescentou no jogo os quatro contos de réis, que o animavam a grandes excursões no estrangeiro, e passou a Espanha.

Ao mesmo tempo, os facultativos de S. José deram Gregório livre de perigo, e consentiram que a polícia continuasse nas suas pesquisas. O galego contou miudamente a história do projectado roubo, deu seguras indicações de Manuel de Castro, e convenceu a policia da sua inépcia em deixar livre o ladrão, que tinha tido entre mãos.

Foi Castro procurado em sua casa, e a mãe extremosa informada dos motivos por que o buscavam. A virtuosa senhora, compreendendo então a fuga subitânea do filho, sentiu-se traspasada da dor e da ignomínia que mata. Ao seu leito não chegava consolação alguma. As amigas, que tinha, raras e já esmorecidas, porque a viam empobrecer e desesperar da vitória dos princípios de seu marido, abandonaram-na de todo, quando a viram mãe dum ladrão e homicida. Queria a desgraçada ter mão na vida para poder ainda dizer ao marido palavras de conforto, quando ele voltasse coberto de feridas e andrajos. Nisto pensava, e isto pedia a Deus, quando soube que o boletim do governo, numerando jubilosamente os nomes dos oficiais realistas, mortos em Campolide, nomeava o do brigadeiro Severo de Castro. A viúva não chorou: sorriu a Deus, e orou, pedindo-lhe a resgatasse. São ouvidos os infelizes, quando pedem a morte em transes de tal angústia. Morreu a mãe de Manuel de Castro, reclinando a cabeça sobre o seio da sua antiga criada, que vendeu o capote para lhe comprar a mortalha.

VIII

O filho de Inácio Botelho, como se disse, passou para casa de um amigo de seu pai. Foi-lhe nomeado conselho de família, o qual deliberou que o menino fosse enviado para - a companhia de sua tia D. Leonor, residente em Montalegre, na província de Trás-os-Montes. As razões alegadas pelo tutor eram a pequenez do espólio do defunto Inácio Botelho para com os rendimentos suprir à educação de Augusto; que o perfilhamento estava nulo, em consequência de faltar no processo a citação da sucessora do vínculo; que, sem esta nulidade mesmo, a herança era litigiosa, por virtude de uma lei que priva os filhos naturais da sucessão de pais nobres, mormente a de bens vinculados, existindo irmãos do último representante do morgado. Acordaram, pois, que fosse o órfão captar a estima de sua tia para que ela ao menos lhe deixasse a pequena parte da herança em dinheiro.

Foi Augusto para Montalegre, consultada primeiro a vontade de sua tia.

D. Leonor era uma filha segunda, que dissipara o seu dote em poucos anos de ostentosos festins dados à ilustre parentela que lhe pejava as salas do seu solar. Casara ainda formosa com um juiz de fora de Chaves, o qual fugira à carga da mulher, quando reconheceu que o património estava esbanjado em folias. Depois de casado, descobrira o magistrado que os créditos de sua mulher tinham sido deteriorados a passo igual com o património. Viviam, pois, separados sem se carpirem mutuamente.

Inácio Botelho, condoído da má cabeça de sua irmã, e solicitado por lástimas dela, concedera-lhe o usufruto da maior parte do vínculo. Nessa posse estava ela quando morreu o irmão.

A notícia dum filho natural inquietou-a mediocrementemente. Repetidas vezes lhe tinha dito o esposo jurisconsulto, que, se o cunhado morresse solteiro, embora perfilhasse os filhos naturais, Leonor seria indisputavelmente a sucessora do vínculo. Neste pressuposto, a fidalga de Montalegre recebeu satisfatoriamente a notícia do falecimento de seu bom irmão; e, como boa católica, mandou, de seu moto próprio, dizer dez missas de tostão por alma dele, e vestiu-se de preto, notando que o escuro lhe ficava bem aos seus trinta e oito anos, ainda viçosos de flores outoniças. A propósito de pêsames, deu algumas reuniões, para a despesa das quais contraiu empréstimos sobre os frutos do vínculo, que ela afouta e juridicamente denominava seus. Por essa ocasião, o magistrado reconciliou-se com sua mulher, e pôs em ordem a artilharia do direito para defender a legitimidade de Leonor na sucessão aos vínculos.

Aqui está, em poucas palavras, a família a quem a curadoria e tutor mandara o órfão, com o rosto mal enxuto das lágrimas saudosas de seu pai.

Foi o menino recebido sem carinho nem desagrado. Deram-lhe um quarto na casa e um talher à sua mesa; compraram-lhe alguns livros, e mandaram-no estudar gramática latina.

O órfão estava como estranho no meio daquela família. Ninguém o acariciava, nem louvava pela sua regularidade nos estudos, e bom proceder dos nove anos. Passavam-se dias sem que sua tia lhe dirigisse uma palavra.

O marido dela, como recolhesse, exonerado do cargo, em 1834, tratava-o com o mesmo desamor. As pessoas de fora olhavam-no como ente que vivia às sopas da fidalga, e, para a lisonjarem, maravilhavam-se de tamanha generosidade.

D. Leonor não gostava de ouvir dizer que Augusto se parecia com o pai: a opinião dela era que o menino tinha a cara e os modos da mãe, que todos tinham conhecido.

– A Balbina! – dizia Leonor com desdém – a Balbina tal e qual. Reparem-lhe nas grandes mãos e nos pés, e digam-me se não é a Balbina como quem a pintou!

– Como quem a pintou, minha senhora! o nariz é mesmo o da Balbina – diziam os comensais com uma só boca.

– Aquele meu irmão era duns gostos muito estragados!... Disse-me o meu procurador de Lisboa que ele tinha, quando morreu, uma mulher em casa, que o roubou, de mãos dadas com um amante. Quem perdeu, fui eu, Deus sabe quanto! Apenas apareceram lá uns doze mil cruzados, que os amigos de meu irmão empregaram em inscrições averbadas em nome do rapaz, como se o filho da Balbina pudesse herdar de meu irmão!

– Não te dê isso cuidado, Leonor – atalhava o ex-juiz de fora de Chaves. – A demanda está principiada, e o êxito é de lei, é infalível. Os universais herdeiros somos nós.

– Pois aí está. A falar a verdade, não sei com que obrigação tenho aqui este pequeno! Que modo de vida se há-de dar a isto, não me dirão? Se os irmãos de Balbina quisessem tomar conta dele, bom seria... Podiam educá-lo na lavoira, e fazê-lo homem. De que serve o latim a um rapaz que não tem onde caia morto? Eu deixo-o ir à aula para ele me não andar por aqui a choramingar, e a dizer às criadas que tem saudades de seu pai. Fala no seu pai, como se para ser filho de meu irmão lhe bastasse assinar-se com os apelidos de meus avós. A mãe chamava-se Balbina Fernandes: que se assine ele também Fernandes, se quiser que o conheçam. É boa! *Augusto Botelho do Amaral Tavares e Donas Boto!* Já viram um atrevimento assim? Pois saibam que o tal Fernandes tem a audácia de pôr este nome em todos os seus livros! Eu já lhe disse que os apelidos não usava deles quem queria, e que o seu nome era maior que a propriedade; mas o pateta responde que os apelidos são os de seu pai.

Isto basta para amostra da amabilidade da senhora D. Leonor. Infiram daqui a tristeza em que devia viver o menino, rodeado de pessoas que o motejavam, ou repreendiam por inventadas culpas com severo desdém.

Viviam em Montalegre um irmão de Balbina e uma irmã. Conheciam o menino, que, todos os dias, lhes passava à porta, no caminho da aula; mas tamanho rancor tinham herdado dos pais contra o sedutor de sua irmã, que nunca fizeram o menor sinal de se quererem dar a conhecer à criança. Augusto conhecia-os por informações dos criados da casa, e pelos dizeres de sua tia Leonor. Fitava-os como quem pede carinhos e amizade; mas os tios maternos dominavam sempre o impulso do coração, se algum sentiam. Além de que, era já sabido que o menino nada herdara de seu pai. Os Fernandes, como D. Leonor os denominava, contente com poder mofar de apelido tão vulgar, odiavam tanto mais a memória de Inácio Botelho, quanto viam desprezado por ele mesmo e deixado em pobreza o filho de sua irmã. De mais a mais, temiam que o pequeno, maltratado pela tia, os fosse procurar a eles, e buscar o seu amparo. Não podiam com a vergonha de receberem a criança pobre. Tinham lá os seus princípios de honra, que uma só vez haviam sido quebrantados pela perda Balbina!

O litígio da herança corria em Lisboa. Provou-se tudo que sobejou para deserdar inteiramente o filho de Inácio Botelho.

D. Leonor levantou as inscrições como suas; o título do governo, o produto do leilão da mobília do fidalgo, absolutamente tudo. Ficou, portanto, Augusto vivendo da amargurada esmola de sua tia.

Tinha decorrido um ano, quando o doutor, meditando no destino do pequeno, resolveu tirá-lo da carreira das letras, e metê-lo numa casa de negócio. D. Leonor insistia na execução pronta do projecto; e, sentindo impaciente a demora em arranjá-lo no Porto, foi de parecer que Augusto Fernandes entrasse como marçano numa tenda de especieiro em Chaves.

Assim se fez.

Augusto chorou amargamente, quando lhe disseram o seu destino; mas não pediu compaixão, que não tinha a quem a pedisse. Ajoelhou, de mãos erguidas, rogando à alma de seu pai que olhasse por ele, se Deus o não queria tirar deste mundo.

Enfardelaram-lhe a pouca roupa que tinha, e mandaram-no para Chaves, a pé, na companhia do criado, que levava a trouxinha do fato.

O patrão olhou para ele, viu-o de poucas carnes, e disse:

– Quem te mandou para este modo de vida, meu ingarilho? Tu assim um anazado, com a pele sobre os ossos, de que diabo serves? Olha lá, tu és capaz de poder com um cântaro de azeite? És capaz de levantar dois alqueires de centeio aí desse chão?

Augusto não respondeu; chorou.

O especieiro prosseguiu:

– Porque choras tu, rapaz? Quem te fez mal? Anda lá, vai arrumar a trouxa; e vem, que só hás-de fazer o que puderes. Com efeito, o senhor doutor arranjou-me um homem como se quer! O que eu te posso fazer é deixar-te andar a guardar os meninos e os cevados, enquanto tu não arranjas mais algumas carnes. Tu és de Montalegre?

– Não, senhor; sou de Lisboa – respondeu Augusto, limpando as lágrimas.

– De Lisboa!? essa agora! Como diabo vieste tu parar aqui? Quem é teu pai?

– Meu pai já morreu.

– Era soldado?

– Não, senhor. Meu pai era irmão da senhora D. Leonor Botelho, de Montalegre.

– E então ela manda-te para este modo de vida?!

– Sim, senhor, penso que é ela que me manda.

– Então, pelos modos, tu não és filho de casamento?

Augusto baixou os olhos, e o negociante respondeu:

– Lá me parecia!... Serás tu filho da Balbina Fernandes, que foi há muitos anos com o fidalgo para Lisboa? És ou não?

– Sou, sim, senhor.

– Pois, rapaz, quem vem para este modo de vida tem de puxar muito pelos braços, entendes? Aqui come-se o pão que o diabo amassou, antes de ter algum vintém. Já te disse; ficas para guardar os meus meninos que não caíam no quintal, e os cevados, que não vão à horta; e quando puderes puxar por ti, então virás cá prá loja, entendes?

– Sim, senhor.

Entrou o filho de Inácio Botelho ao serviço dos meninos do tio João Torto, assim chamado porque era vesgo. Os meninos eram três, todos vesgos como seu pai, e mais ou menos raquíticos como sua mãe. Logo pela manhã almoçavam os meninos o seu café com leite, e Augusto ia à cozinha com o caixeiro almoçar caldo verde. migado com pão centeio. Nos primeiros dias, o menino vomitava as couves e o unto do caldo, logo que o comia, e desistiu de almoçar; como, porém, a fome o obrigasse, e os jejuns lhe custassem duas repreensões, foi-se afazendo às couves, ao unto, e ao pão centeio.

Depois de almoço, os tenros pimpolhos de João Torto eram confiados à vigilância de Augusto para que não caíssem à pia dos porcos, com os quais os meninos folgavam muito de brincar.

Sentava-se Augusto no mais escondido do quintal, e aí rompia em pranto e gemidos, que abafava com as mãos. Os vesgos vinham ter com ele, e puxavam-lhe pela jaqueta para os ir entreter, e berravam se ele não ia. Assomava logo à janela de cozinha a senhora Apolinária, mãe dos sujos rapazitos, e ralhava com Augusto, ameaçando-o de o fazer andar com uma vergasta. O sobrinho de D. Leonor Botelho do Amaral Tavares e Donas Boto erguia-se, e lá ia jogar os esconderelos com os meninos., e ter mão nas orelhas dos cevados para que os filhos da senhora Apolinária os cavalgassem impunemente. Se o porco, porém, dava uma focinhada em algum dos garotitos, e ele

grunhia juntamente com o agressor, a esposa de João Torto descia ao quintal e ameaçava mais de perto Augusto, chegando-lhe ao pé do rosto a vergasta justiceira.

Os dias do filho de Inácio Botelho eram assim todos, enquanto não pioraram.

Descobriu o sr. João Torto que o rapaz nem para lhe guardar os filhos servia, e escreveu ao doutor queixando-se de lhe ter metido em casa um entulho daquela casta, e pedindo-lhe que o aliviasse da carga. O doutor, consultando a esposa, achou que a melhor resposta era não responder; e João Torto, ofendido da desconsideração, vingou-se, mandando-lhe Augusto a pé, como fora, na companhia dum almocreve.

D. Leonor, ao ver o sobrinho escalavrado, roto, magro, e negro do sol, teve momentos de compaixão, e fugiu de o contemplar para que o dó lhe não incomodasse os nervos. Ouvido o marido, mandaram-lhe fazer uma roupa nova de cotim, e recomendaram a uma criada que lhe desse de comer alimentos substanciosos. À sua mesa não o sentaram, nem consentiram nas salas, quando estivessem visitas.

Insistiu o doutor no pensamento de o mandar para o Porto, e conseguiu arrumá-lo numa loja de chapeleiro, na rua de Santo António.

Foi Augusto para o Porto entre a carga dum recoveiro, e da estalagem onde pousou levaram-no a casa do novo patrão, que reparou nele, e disse:

– É melhor levá-lo ao hospital. O rapaz tem cara de quem treme maleitas! Não vais longe, criatura!

IX

O chapeleiro prescreveu a Augusto as suas obrigações. As mais importantes eram erguer-se às cinco horas de verão, e às sete de inverno. Varrer a loja, e a testada da rua. Espanejar as estantes dos chapéus, e limpar as formas. Chamar, uma hora depois o caixeiro que dormia em casa, e ir buscar o almoço dos oficiais, se estes não tivessem quem lho conduzisse à loja.

Augusto cumpriu parte das suas obrigações no dia seguinte, e cumpriu-as todas, logo que aprendeu as ruas e moradas dos oficiais. Posto que andasse depressa, e se não detivesse nas ruas quando trazia os almoços, os oficiais repreendiam-no desabridamente, ou escarneciam-lhe os modos recolhidos, e o ar de amargura com que ele recebia os chascos ou as injúrias.

Ao cabo do primeiro mês, adoeceu Augusto, e esteve quinze dias desamparado de socorros, sobre uma enxerga onde às horas de comida lhe levavam os ordinários alimentos que se cozinhavam para os criados. O chapeleiro, zangado com a demora da doença, chamou um cirurgião, que declarou o pequeno gravemente enfermo, e a precisão de ser curado com muito melindre. Para doenças de melindre entendeu o patrão que a melhor casa era o hospital. Facilmente conseguiu dar-lhe entrada, e para lá o mandou numa cadeirinha – rasgo generoso que ele contava a toda a gente, dando-se como modelo de patrões caritativos.

Foi inspiração da providência dos infelizes. Augusto melhorou e restabeleceu-se. O seu modo de dizer, a singeleza e lágrimas com que ele contou a sua vida a um dos mesários da santa casa da misericórdia, foi muito na sua pronta convalescença. O chapeleiro, avisado da cura do rapaz, mostrou a má vontade com que o recebia. O mesário, cômico disto, tomou a seu cargo Augusto, e levou-o para sua casa.

Passados dias, disse o mesário ao menino se ele queria aprender a arte de tipógrafo, ou entrar como órfão no colégio da Graça. Augusto respondeu que aceitava a posição que o seu benfeitor lhe desse. Pareceu ao benfeitor que um ofício decente e lucrativo convinha vantajosamente ao seu protegido. Mandou-o para a tipografia de João Nogueira Gandra, que nesse tempo redigia e publicava nos seus prelos a *Vedeta da liberdade*.

Aqui esteve Augusto três meses, trabalhando gratuitamente. Alimentava-o e vestia-o o mesário, e aos domingos mandava-o passear, decentemente trajado, com seus filhos.

Pediu Augusto licença ao protector, para nas horas feridas da tipografia, continuar os seus estudos de língua latina. O cavalheiro sabia que o pequeno, sem mestre, nada podia aproveitar com tal estudo. Condescendeu, porém, consentindo que ele, duas vezes em cada semana, fosse à noite dar conta da sua aplicação a um mestre de latinidade.

A conta era excelente: maravilhava-se o mestre do fruto que Augusto tirava, e o protector cada vez se contentava mais de o ser.

Mas a estrela fatal do filho de Inácio Botelho estava ainda longe de se apagar.

Mal sorteadada saíra aquela criança para as lutas precoces da desgraça!

O mesário da santa casa morreu em princípios de 1836. A viúva, de quem vivia separado por desgostos muito particulares, senhoreou-se dos bens e dos filhos, para ir viver em companhia do segundo marido, que tinha sido seu oitavo amante.

Augusto, que ela nem sequer conhecia, achou-se de improviso desamparado, ganhando no mister de tipógrafo uns cobres insuficientes para a sua sustentação.

Nogueira Gandra, condoído do menino, aumentou-lhe o ordenado, e ligou-o a

uma família pobre que o alimentava e lhe cuidava da roupa, por um pequeno estipêndio.

Deixou de leccionar-se em latim Augusto, por não ter com que pagar ao mestre, nem poder furtar algumas horas ao trabalho da noite.

Faz dó e admiração ver este menino de doze anos incompletos, pautando a sua vida pela esquadria que a mão do infortúnio lhe apresenta! Como a desventura lhe desenvolveu a temporã virtude da paciência, e aquele apurado juízo da conformidade, tão rara em anos adiantados!

Deixemo-lo a braços com o trabalho, e depois voltaremos a ver se a sua fatal estrela se apagou.

X

Vamos saber de Carlota dos Reis, e Gregório Redondela.

Carlota, depois que viu Gregório na enfermaria, onde os braços possantes dos esbirros a levaram, piorou das alucinações, e passou à classe das doudas furiosas.

A polícia tomou-lhe conta dos baús, e, rebuscando-os, achou as cartas de Manuel de Castra, umas extremosas, outras irritadas contra a sorte que o perseguia, e muitas agradecendo os favores recebidos de dinheiro, e jóias, que ele prometia restituir, na primeira monção de prosperidade. Sobejavam, pois, os documentos para mandar à África o filho do brigadeiro; mas, exauridos todos os recursos da pesquisa, a polícia desesperou de capturar o fugitivo, e de processar a cúmplice, já de sobra justificada pela demência.

Gregório curou-se vagarosamente, e saiu do hospital com reputação de galego honrado, que, em defesa do espólio de seu amo agonizante, se deixara apunhalar. Os jornais daquele tempo contaram o sucesso, encarecendo as virtudes do nosso irmão da Galiza, as quais, naquela época, eram proverbiais, e raras vezes desmentidas.

Pessoas, admiradoras do heroísmo de Gregório, quiseram conhecê-lo e ajudá-lo a granjear uma velhice repousada. Ofereceram-lhe dinheiro para se estabelecer em grande com um armazém de vinhos e comidas. Gregório aceitou, associando-se a seu primo Tiago, homem de muito boas contas e amigo de trabalhar.

Abriu Gregório o seu armazém na travessa de S. Domingos, com uma tabuleta amarela e vermelha, onde se lia este mote em letras verdes:

O LEÃO DAS ESPANHAS, REI DOS PETISCOS

De feito, sobre o dístico, via-se o leão empolgando nas garras um pato assado e um paio de Lamego.

Afora este estabelecimento, que lavrou créditos não vulgares, Gregório abriu nas hortas de Chelas uma casa, chamada

RETIRO ADMIRABELE

onde os petiscos eram muito melhores que a ortografia.

De Lisboa, em dias santificados, concorriam às hortas de Cheias os pais destas famílias, que hoje se pejariam, recordando-se de terem lá comido uma salada de camarão, ou uma pescadinha

marmota de rabinho na boca, bem assazoadada da viçosa alface, que deu aos lisboetas unia fresca e inocente nomeada.

O grande caso é que ambos os estabelecimentos de Gregório Redondela & C.^a, prosperaram a olhos vistos, a ponto de ele abrir terceira taverna na rua das Gáveas, que medrou sob a estrela propícia das outras.

Dois anos depois, Gregório, emparceirado num bilhete da lotaria, em metade, tirou o prémio grande, e começou logo a edificar uma casa no largo da Abegoaria, casa

de cinco andares, com grandes armazéns em que estabeleceu uma padaria.

Neste entretanto, namorou-se Gregório dum viúva ainda fresca, que vendia objectos de estanco e capela ao fim da calçada do Duque.

Cuidou ele, até àquela hora, que a ingratição de Joana, a cozinheira matrimoniada com o barbeiro, lhe afogara para todo sempre os instintos amorosos no coração. Resistira desdenhoso a muitas tentativas dos pais que frequentavam com lépidas moças o seu retiro de Chelas, e ao primo Tiago dizia ele que nem a filha mais velha do rei de Espanha seria capaz de lhe bulir no coração.

A estanqueira era a predestinada a milagrosa mão que devia arrancar do seu túmulo aquele Lázaro, chagado das perfídias de Joana. Viu-a Gregório nas hortas, com suas irmãs e cunhados e compadres, frequentadores dominicais do *retiro admirabile*. Vê-la e amá-la foi um case fulminante.

Os petiscos, nesse dia, postos na mesa dos fregueses, excederam o pedido; e, ao dar das contas, Gregório arqueou os braços na cintura, e disse:

Está pago, e que lhe preste é o que se quer.

Daqui à declaração decorreram oito dias. A senhora Rosa estanqueira, quando soube que seu cunhado Bonifácio tinha sido procurado por Gregório, a fim de se tratar o casamento, achou que era mais feliz do que merecia a Deus, e acreditou-se verdadeiramente amada, quando à sua porta parou meia hora um tangedor de gaita de foles, o qual declarou, com intencional sorriso, vir ali de recomendação de Gregório.

Casaram. Foi padrinho do casamento Tiago, e madrinha a irmã de Rosa, que presenteou o noivo com um par de botões de prata rendilhados para o colarinho da camisa.

Celebraram-se as núpcias em S. Domingos, e dali partiram todos, em número de vinte e sete, para Chelas, escarranchados em burrinhos os varões, e as damas muito bem postas sobre as gualdrapas escarlates dos seus portadores que espinoteavam

De soberbos de carga tio formosa,

como diz o grande épico do tritão de Vénus.

Numerosas gaitas de foles tinham precedido o préstito, e alguns flautistas cortavam agradavelmente a monotonia das gaitas, com umas toadas pastoris de muito sabor para corações amantes.

O leitor dispensa as minudências daquele rejubiloso dia. Excepto a sr^a Rosa, cujo juízo igualava o pudor, todos se embebedaram mais ou menos; mas de jeito que o vinho apertava mais os laços de parentesco e fraternal amor que os ficou unindo.

Foi Gregório viver com sua esposa no primeiro andar da casa recentemente construída. Rosa tomou a seu cargo a administração da padaria, na qual se houve com muito tino e zelo. O ditoso cônjuge continuou a velar pelas três tavernas, que de dia para dia granjeavam freguesia, mais abundante que as ambições dos proprietários.

Em 1839, Tiago, desejoso de descansar e gozar, liquidou a sua parte, e foi palra o bispado de Tuy comprar uns grandes bens. Gregório, fatigado de trabalho, e rico, passou os armazéns com vantagens inexcusáveis, e começou a negociar em tráfico menos laborioso e mais limpo. Abriu na Ribeira Velha um armazém de carnes salgadas, e no Bairro Alto duas carvoarias, em que empregou os criados antigos, e donde auferia mais que o necessário para a sua subsistência. A pedido da carinhosa esposa, conservou a padaria para passatempo dela, cedendo-lhe os ganhos

para comprar o seu ouro, e brindar as irmãs e cunhados em dias de anos.

Como quer, porém, que não haja neste mundo gosto completo, o sr. Gregório lastimava-se de não ter um filho, e Rosa chorava, como Sara, a sua esterilidade.

A medicina mandou-a tomar banhos em Pedroços, e as comadres aconselharam-na a entender-se com umas mulheres de virtude, que destramavam a esterilidade, quando ela procedia de maus olhados e ares ruins.

Inútil tudo, e Gregório melancólico, perguntando ao céu de que lhe servia a riqueza!

Em extremos de descrença nos recursos humanos, voltaram-se os esposos para o céu, e resolveram ir de romagem a S. Tiago de Compostela a implorarem a intercessão do santo na obra miraculosa da sua propagação. Alumiava-os um raio de esperança.

Foram.

XI

Desejosos de verem terras, foram pelo Porto.

Estava uma vez a senhora Rosa admirando, pela terceira vez, a Torre dos Clérigos, quando Gregório viu diante de si um moço de catorze anos, que lhe dizia:

– É o senhor Gregório, não é?

– Sou Gregório, sou; e vossemecê quem é?

– Sou o Augusto, filho do senhor Inácio Botelho.

– O senhor Augustinho! – exclamou Gregório abraçando-o, e tomando-o ao alto. – O filho de meu amo! Como venho eu topá-lo nesta terra?! Isto parece-me que é sonho! Pois o menino não foi lá para casa da irmã do seu paizinho?

Augusto principiou a contar a sua vida, e às primeiras palavras saltaram-lhe as lágrimas.

Gregório só então reparou nos pobres trajos do moço, e fez um gesto de espanto, levantando os olhos ao céu, donde os desceu para a senhora Rosa, que estava pasmada daquele encontro.

– Aqui o tens; – disse Gregório – é este o menino de quem te falei, Rosa! Faz-me rebentar de pena vê-lo assim tão magro e tão mal enroupado.

– Coitadinho! – disse Rosa. – Deixa-o contar a sua vida.

– Aqui na rua não é próprio – redarguiu Gregório. – Vamos para a estalagem, e lá conversaremos. Venha daí, senhor Augusto, venha dai, que foi por Deus o nosso encontro.

Na estalagem, contou o filho de Balbina os maus tratos que recebera de sua tia. Esta parte da narração foi muitas vezes cortada por exclamações da senhora Rosa, e sacudidelas de braços do indignado Gregório..

Seguiu-se o triste episódio do merceeiro de Chaves. Neste ponto saíam como punhos as lágrimas dos olhos de Gregório, e muitas vezes voltado para a consorte, exclamava:

– Como este menino foi criado, e ao que ele chegou.

Seguiu-se a ida para casa do chapeleiro portuense, os trabalhos que lhe deram, o desamparo na doença, e a entrada no hospital.

Ergueu-se de golpe Gregório, clamando por entre soluços que não queria ouvir mais nada; mas, a pedido de Rosa, sentou-se para ouvir o resto.

Alegrou-se corações e rostos de ambos, quando Augusto contou o bem-fazer do mesário da santa casa da misericórdia, e a caridade com que o defunto benfeitor lhe dava alimentos, vestidos, modo de vida, e dinheiro para pagar ao mestre de latim.

Gregório quis saber o nome e morada do generoso homem; quando, porém, Augusto disse que ele tinha morrido, o seu antigo criado exclamou:

– Assim havia de ser! Aposto eu que a desavergonhada de sua tia, e mais o tendeiro e o chapeleiro, ainda vivem! Nem o diabo quer os patifes!

Terminou Augusto a sua minudenciosa história, contando o quase desvalimento em que ficou, por morte do seu protector, e o trabalho que tinha na tipografia para ganhar a sua subsistência.

Concluída a história, Gregório aproximou do seio o filho de Inácio Botelho, correu-lhe as mãos calosas pelos cabelos, beijou-o na testa, como o beijava criancinha desde os dois anos, e disse-lhe:

– O passado, passado, menino. Agora é outra coisa. Faça de conta que tinha de passar todos esses trabalhos, e que vai mudar de vida. Rosa – continuou ele, encarando a consternada mulher: – Deus não quis que tivéssemos filhos; agora é que eu atino com

a razão. Temos aqui o filho de meu amo: faz de conta que é o nosso.

– Já me lembrou isso... – disse Rosa. – Parece que Deus me tocou o coração logo que tu o conheceste.

– Sr. Augusto, tornou o Gregório, o menino vai connosco já daqui para Lisboa. Nós íamos para a Espanha; mas já não temos que ir lá fazer. Estás por isto, Rosa?

– Pois então! que vamos nós agora fazer a S. Tiago? Vamos para nossa casa, e levemos connosco o menino. Ele quer ir?

– Vou de muito boa vontade. O sr. Gregório me arranjará em Lisboa um modo de vida, que me não custe tanto.

– O seu modo de vida – atalhou Gregório – há-de ser o que o menino quiser. Eu lhe digo tudo em poucas palavras, senhor Augusto. Sou rico, graças a Deus. Tive amigos que me deram a mão. Trabalhei muito alguns anos, fui feliz em todos os negócios, e agora descanso, e posso fazê-lo homem. Ora aqui tem. Casa, vai tê-la muito decente e aseada, que eu fiz uma que é como se quer. Se o menino quiser ir para um colégio, irá. Se não, está connosco. A minha Rosa é uma santa, e eu cá sou sempre o mesmo Gregório. Olhe aqui para o meu pescoço. (E dizendo, arregaçava o colarinho) vê aqui o sinal de uma, facada? Apanhei-a para lhe salvar o dinheiro, que seu pai tinha. Quem fez o que eu fiz, faz tudo o mais em seu bem, senhor Augusto.

O órfão, quando entrara em casa do amigo de seu pai, ouvira dizer que o criado fora moribundo para o hospital, ao mesmo tempo que Carlota endoudecera; mas ignorava os pormenores da tragédia, que corraera enquanto ele dormia, na antecâmara de seu pai agonizante.

Gregório contou-lhe por partes todos os sucessos, demorando-se no roubo e fuga de Manuel de Castro, pessoa que Augusto nem de nome conhecia.

Os primeiros cuidados de Gregório foram vestir Augusto o mais aseadamente que os alfaiates do Porto podiam.

Brindou-o com um rico relógio e grillhão. Saíram todos de carruagem a ver as ruas do Porto. Estiveram no teatro de S. João, onde a senhora Talassi e o Grilo Coxo faziam o espasmo delicioso da plateia. Por lembrança da senhora Rosa, foram a Braga visitar o Bom Jesus, e agradecer-lhe a felicidade de encontrarem o menino. Voltaram ao Porto, cada hora mais alegres, e partiram para Lisboa numa caleça, cujo dispêndio revelava a bizzarria de Gregório.

Chegados a Lisboa, e decorrido um mês de descanso, Augusto mostrou desejos de frequentar as aulas do Colégio dos Nobres. Prontamente Gregório dispôs tudo, com a condição de que o seu filho adoptivo iria pernoitar a casa.

Por amor dele, houve grande mudança no viver dos cônjuges. Fechou-se a padaria, e acabaram os tráficos menos limpos de Gregório. Já iam ao teatro, e frequentemente tomavam uma carruagem para irem a Chelas, onde o antigo proprietário do *retiro admirabile* se deleitava percorrendo as hortas, onde primeiro vira Rosa, e o banco de pedra em que se tinham sentado juntos no dia do noivado. E não se escondiam de Augusto para estas saudosas expansões. O caricioso mancebo, porventura poeta, e, mais que poeta, coração de anjo, folgava de ouvi-los, e fazia perguntas que os obrigavam a deliciosamente recontarem o seu amor e a doce harmonia em que tinham sempre vivido.

Augusto era sôfrego de saber. Primava entre os seus condiscípulos, tanto pelo luxo do seu trajar, como pelos dons da inteligência. Aprendia línguas, e Gregório ria muito, quando o estudante passeava sozinho, decorando a conjugação dos verbos ingleses.

– Cego seja eu, dizia o folgazão Gregório, se eu sei para que o senhor Augusto anda aí a batalhar com essas trapalhadas! O menino não precisa de saber isso, que tem

muito que comer e beber. Seu pai era um fidalgo rico, e não sabia inglês nem francês. Faça como ele, senhor Augusto, divirta-se, e coma-lhe bem, que anda aí magro que parece chupado pelas bruxas. O que há-de fazer é dar seus passeios a cavalo, que está ali o animal na cocheira arrenegado por andar, e eu cá não lhe salto para cima que é o mesmo que cair pelo outro lado para baixo. Deixe-se de latinórios, senhor Augusto. Se o senhor precisasse de levar a vida a aturar ingleses ou franceses, vá; mas, se Deus quiser, tudo o que nós temos seu é, e olhe que ainda tem que roer.

Augusto, com termos muito claros, tratava de explicar a Gregório o poder da paixão de saber, às quais razões o seu amigo encolhia os ombros, e Rosa também, mas não teimavam com receio de o afligirem.

XII

- Que será feito da desgraçada Carlota? disse um dia Augusto a Gregório.
- Eu sei cá, meu filho!
- Estará ainda douda?
- Isso é bom de saber. Se o sr. Augusto tem empenho nisso, eu saberei.
- Não tenha esse trabalho – disse o filho de Inácio Botelho – que eu irei indagar.
- Então o menino quer vê-la?—acudiu Rosa.
- Vê-la, não, mas queria saber dela. Ainda que o seu crime foi grande, o facto de enlouquecer de remorso, diminui o ódio que inspira à gente.
- Isso assim é – atalhou Gregório – mas, a falar a verdade, eu ainda sinto aqui nas goelas a faca do tal patife, que se atirou a mim de mandado dela. Má raio o parta, que era um brejeiro de marca!

Num dos próximos dias, Augusto Botelho, com um carta do director do colégio, foi ao hospital de S. José, e inquiriu dos empregados o destino de Carlota dos Reis, que para ali entrara douda em 1834.

Tinham decorrido sete anos. Examinaram os livros das entradas e saídas, e descobriram que a douda tinha saído curada em 1838. Foram chamados os enfermeiros do tempo dela, para darem algum esclarecimento do seu destino. Um só disse que a vira uma vez dando a mão a uma velha cega muito mal trajada, a qual disse Carlota que era sua mãe. Acrescentou o informador que as encontrada na rua dos Cardais de Jesus, inferindo daí que não podiam morar muito longe daquele sítio.

Augusto mal conhecera sua mãe. As mais remotas reminiscências da sua puerícia encontraram-se com Carlota, que o trazia sempre ao colo, e o acariciava muito. Se o pai lhe negava os bonecos, que ele pedia, mandava-os à sua custa comprar Carlota. Por intervenção dela conseguira o menino ficar em casa muitas vezes, quando o pai o violentava a ir à escola. Com Carlota é que ele ia ao Passeio Público, a Cacilhas, a Belém, e à Ribeira das Naus. Eram estas recordações que podiam muito sobre o coração do moço, incapaz de ódio, naquela idade imprópria para odiar quem concorreu para a sua pobreza. Ao mesmo tempo, ocorria-lhe a ideia de que sua tia lhe havia de tirar o muito, assim como lhe tirou o pouco. Pois, se nem à descaroadada tia, Augusto conservava rancor, como poderia ele odiar a desgraçada que tão sua amiga fora até ao último momento em que, morto seu pai, ela se abraçou nele, lavada em lágrimas?!

Isto, porém, não o dizia a Gregório, para não acordar a dor retrospectiva, que ele sofria nas goelas. Calava-se com a sua saudade e ardente desejo de ver ainda uma vez Carlota, sem se dar a conhecer.

Nesta pertinaz ansiedade, ia muitas vezes à rua dos Cardais, e por ali se demorava nas travessas mais pobremente povoadas, esperando ver alguma hora uma cega amparada à mão da mulher que devia ser Carlota.

Tomou um dia a resolução de perguntar em diferentes ruas daquelas proximidades. Ninguém lhe dava notícia. Retirava-se já descorçoado, quando fez a última pergunta a uma mulher que viu com a cabeça fora de um postigo de casa térrea, fronteira ao palácio da actual academia real das ciências.

- Quem procura o senhor? – disse a mulher.
- Procuo uma mulher, que morou por estes sítios, e tinha sua mãe cega.
- Como se chamava essa mulher?
- Era Carlota dos Reis.

A pessoa interrogada fitou alguns segundo o mancebo, murmurando, como quem se recorda, o nome que lhe diziam.

– Não sei – disse ela por estes sítios, que eu saiba, não mora tal criatura.

Dobrava Augusto a esquina da rua Formosa, quando sentiu perto de si os passos apressados de uma mulher idosa que o chamava.

Parou, e esperou.

– O senhor – disse ela arquejando de cansaço – não esteve ali a perguntar por uma Carlota dos Reis, que tinha a mãe cega?

– Perguntei, sim. Vossa mercê sabe onde ela mora?

– Ora, se sei! E a pessoa que lhe respondeu sabe-o melhor que ninguém.

– Sabe?! onde é?

– Pergunte-lho a ela, que é ela mesma.

– Como?!

Aquela criatura, com quem o senhor falou, é que é a Carlota, filha da cega. E quer saber porque ela se nega? É porque esteve douda uns poucos de anos no hospital, e tinha endoudecido porque roubou um amante por causa de outro que a deixou, e levou o roubo. Ora agora, como ela tem medo que a metam em justiça, por isso não diz o nome, e assim que vê gente a olhar para ela, some-se logo com medo que a conheçam.

– Diga-me vossa mercê – tornou Augusto. – Está bem certa do que me diz?

– Ora, se estou! Eu conheço-a desde o tempo em que a mãe era engomadeira de um fidalgo que lhe tirou de casa a filha. E foi bonita, o diabo da moça; mas agora tem mesmo cara de pecado... sume-te, demónio!

– E de que está ela agora vivendo?

– Enquanto a mãe foi viva, ia pedir esmola a algumas casas, donde ela foi engomadeira; depois que a mãe morreu, acho que a filha passa fomes de palmo! Eu por lá a vejo a costurar, mas aquilo não dá nada que se veja. Se ela não saísse tão acabada do hospital, inda teria algum homem que a tivesse pelo sustento, mas aquilo está uma lercas que não vale uma sede de água. E o pior é se a justiça pega a andar de carnaz com ela, que então bem na leva o berzabum pela barra fora, e mais não leva coisa boa!

– Está bom: agradeço as suas informações, e tome lá para o seu rapé.

A velha pegou na moeda de prata com sofreguidão, e disse-lhe:

– Ainda que eu seja confiada, vossa senhoria que queria à tal Carlota? É pr'amor do roubo que ela fez?

– Não, senhora. Eu não lhe queria nada.

– Sim...! tornou a velha – que... ela... para outra coisa, como o outro que diz, não lhe vejo jeito. Se vossa senhoria quiser uma rapariga ajeitadinha, há lá uma ao pé, que está na conta...

Augusto olhou com náusea para a mulher, e voltou-lhe as costas.

As nove horas da noite, desse mesmo dia, foi Augusto, rente com o palácio fronteiro, e parou em frente da casa de Carlota. Estavam todas as portas fechadas na vizinhança.

Não se coava por nenhuma raio de luz, excepto na de Carlota, que tinha ainda meio cerrada a fresta do postigo.

Pé ante pé, Augusto caminhou rente com as casas laterais, e espreitou pelas junturas do postigo.

Viu uma mulher sentada no chão térreo, costurando à luz de uma vela, metida em suja placa de folha. Carlota, a espaços, suspendia o trabalho, e cruzava as mãos sobre o regaço, olhando muito fixa a chama da vela. Depois, retomava o trabalho com afã, e parava de novo cismando, ou deixando cair a face sobre os joelhos.

Augusto chamou à sua memória a antiga Carlota, e não via dela feição alguma naquela mulher, que ali estava.

– É impossível que a outra me enganasse, com notícias tão exactas – dizia entre si

o filho de Inácio Botelho – mas também é impossível que em sete anos se desfigure assim uma pessoa!

Nesta perplexidade, viu erguer-se Carlota, e abrir uma caixa donde tirou umas côdeas de pão. Foi depois a um recanto donde trouxe um prato sopeiro e uma bilha. Partiu em bocados as côdeas, e amoleceu-as com água. Enquanto o pão amolecia, Carlota, com a manga do vestido, limpava as lágrimas. Depois comeu o pão; e terminado o repasto, disse a meia voz:

– Bendito seja Deus!

Neste momento, Augusto, cedendo ao ímpeto da sua comiseração, bateu à porta.

– Quem é? – disse em sobressalto a mulher, escondendo o prato debaixo da cadeira de pau sobre a qual tinha a placa.

– Tem a bondade de abrir?

Carlota espreitou ao postigo, e disse:

– Quem procura o senhor?

– Procuo-a a si.

– A mim?! Parece-me que vem enganado. Eu não o conheço.

– Não importa, senhora Carlota dos Reis – eu lhe direi quem sou.

– Queira perdoar; mas eu não abro a minha porta, nem tenho casa digna de receber ninguém. Que pode querer-me vossa senhoria? Vem prender-me?

– Não sou esbirro, senhora Carlota. Pode abrir sem receio. Não me importa saber como é a sua casa. Quem a viu comer o pão seco amolecido com água, pode também ver o resto da sua indignância.

Susteve-se Carlota sem saber que respondesse.

No entanto, Augusto deu um brando impulso à porta, que maquinalmente Carlota abriu.

O filho de Inácio Botelho, sem reparar na pobreza daquele antro, encostou-se a uma mesa de pinho, e cruzou os braços.

– Para desafrontá-la de medos, vou dizer-lhe quem sou, mas desejava eu muito que se afirmasse em mim, e me reconhecesse, a ver se adivinhava em mim um amigo, e não um esbirro.

– Não me lembra de o ter visto – disse Carlota muito tranquila.

– A criança que há nove anos lhe brincava com os cabelos deve estar bem mudada!...

– A criança!... – balbuciou Carlota.

– O filho de Inácio Botelho – disse Augusto.

Carlota expediu um estrídulo grito, e recuou com as mãos nas fontes.

– Não me fuja, Carlota – continuou Augusto – venha ao pé de mim, dê-me a sua mão, diga-me que me conhece, e que pode ainda chorar de saudade, como, há instantes, chorava de dor. Sou eu Augusto, ou não? Conhece-me Carlota?

A desvairada mulher, sem se aproximar de Augusto, ajoelhou e ergueu as mãos à altura do seio, tartamudeando:

– O senhor Augusto... o filho do senhor Inácio Botelho... É ele, é, bem o conheço; não me engano...

O ar, com que estas palavras eram proferidas intimidou Augusto, dando-lhe a pensar que a infeliz poderia volta à demência. Acercou-se dela, ergueu-a, abraçou-a, e fê-la sentar na cadeirinha.

– Tem-se lembrado de mim? – disse-lhe ele com os olhos rasos de lágrimas. – A criança dos cabelos loiros apareceu-lhe alguma vez nas trevas da sua desgraçada vida?

– Perdoe-me! – exclamou ela lançando-se outra vez de joelhos. – Perdoe-me, pelo muito que eu tenho padecido!

– Está perdoada; mas prometa-me que há-de estar tranquila, que há-de conversar comigo sem alvoroço, que há-de crer em mim o afecto que eu lhe tinha em criança. Não se fala aqui no passado; eu nada lhe pergunto, absolutamente nada, Carlota; sente-se, esteja sossegada, sorria-se para mim, e lembre-se bem do nosso passado de há dez anos.

Carlota ouvira com assombro de idiota estas palavras; apertara as mãos que Augusto lhe oferecia; depois, encarando nele com muita penetração, rompeu em pranto desfeito, e, tomando-o para si, apertou-o ao seio vertiginosamente.

XIII

Momentos depois, o sebo da placa estava consumido, e a escuridade do recinto era cerrada.

– Carlota, disse Augusto, venha dar comigo um passeio, que está bela a noite. Vamos conversar na minha infância; eu lhe contarei a minha vida. A sua é que eu não preciso ouvir, que a sei, ou conjeturo o que não sei. Acompanha-me?

– Não tenho com que me cubra, senhor Augusto – disse ela.

– Tem a minha capa.

E, dizendo, lançou-lha sobre os espáduas.

Saíram.

Augusto contou-lhe a sua história desde a morte da pai, e a felicidade que estava gozando sob o amparo de Gregório.

Quando proferiu este nome, viu que Carlota lhe fugia do braço; e, reparando nela ao reflexo dum candeeiro, houve medo da desordem das suas feições. Quis sossegá-la, segurando-a com brandos modos; mas a desgraçada sofria um acesso de loucura.

Uma patrulha presenciava a agitação dos dois, e tomou conta do caso. Augusto explicou em termos simulados o incómodo daquela senhora, e pediu que o ajudassem a transportá-la a uma hospedaria. Carlota foi seguindo, a passos convulsos, a direcção que lhe dava Augusto. A patrulha, no termo do seu distrito, entregou-os a outra, e assim foram indo até ao Rossio, onde entraram numa hospedaria.

Como hóspedes, a tal hora, parecessem suspeitos ao dono do hotel, Augusto apressou-se a depositar nas mãos do zelador da honra doméstica algum dinheiro, dizendo:

– Eu não fico aqui; o que desejo é um quarto para esta senhora.

– *Senhora!* – murmurou o estalajadeiro.

– Sim; *senhora*.

– Pelos trajos não o parece...

– Pois imagine que o é, e não discuta vossemecê a qualidade da pessoa. O que eu peço é que me dê um quarto para esta senhora ou mulher aqui se conservar algumas horas, e o favor de lhe chamar já já um médico.

– Tenho cá dois hospedados.

Pois queira chamá-los, que eu pago pontualmente tudo. Entretanto, eu vou sair, e logo volto.

Carlota, vendo sair Augusto da sala onde a meia voz dialogara com o estalajadeiro, quis segui-lo.

– Espere-me aqui – disse-lhe ele. – Eu volto logo: obedeça-me, sim? pede-lhe o seu Augusto.

Carlota caiu num canapé com os olhos cravados no moço.

O estalajadeiro, de si para si, ouvindo as palavras *seu Augusto*, entendeu que andava ali coisa de paixão; mas admirou-se que um rapaz, tão galante e bizarro, se não empregasse melhor.

Saiu o filho de Balbina, e foi a passo rápido a casa. Estava Gregório esperando-o com a mesa posta para a ceia, e muito sobressaltado da demora.

– Que foi isso, meu filho? – exclamaram Gregório e Rosa ao mesmo tempo.

– Foi muito, foi um sucesso que me obriga a falar já, a dizer tudo... Abram-me os seus corações, que eu preciso de todo o seu amor para este lance.

Acudiram ao pé dele juntamente os dois exclamando: – Que é? – Fale! – Diga o que tem.

– Augusto, voltando-se para Rosa, disse maviosamente:

– Minha mãe!

Rosa, que nunca ouvira estas palavras ditas com tamanha ternura, sentia-se louca de alegria até às lágrimas.

– Que quer, meu Augusto, diga o que quer de mim?

– Quero o seu bom coração para receber nele as lágrimas duma grande desgraçada. Imploro-lhe a sua sensibilidade, porque espero vencer com ela a resistência de seu marido.

– Eu não entendo! – disse Gregório aflito.

– Ó menino, fale claro...

– Encontrei Carlota – disse Augusto – encontrei-a em extrema miséria, comendo côdeas de pão de rala molhadas em água. Eu fui muito desgraçado, e por isso compadeci-me dela. Perdoei-lhe tudo, porque só perdando é que eu posso agradecer a Deus a felicidade que tenho, e que lhes devo, meus queridos amigos. Perdoe também, senhor Gregório, perdoe à desgraçada, que, ao fim de quatro anos de demência, tem experimentando o suplício mil vezes pior, o suplício da razão e da miséria sem igual neste mundo. Se a visse, senhor Gregório!... O chão da casa é de terra e molhado. A cama são umas palhas envolvidas nuns farrapos. Carlota está vivendo para morrer a todas as horas. Não tem uma só feição do que era; nem uma só que a faça recordar. Conheci-a pela voz; mas parece que os gemidos e a vergonha lha cortam na garganta. Sai com ela da sua caverna, porque a desgraçada não tinha luz; cobri-a com a minha capa, porque a pobrezinha não tem com que se cubra. Parece que a sua fraqueza não podia com o ar forte dá noite. A cada passo se amparava no meu braço, e vacilante me pedia que a deixasse sentar. Conte-lhe os infortúnios da minha infância. Eu também tinha sentido a fome e a nudez. Devia saber as palavras com que se mitigam as dores alheias descrevendo dores semelhantes. À luz dos lampiões, vi o rosto de Carlota inundado de lágrimas, como vi o seu, minha mãe, quando no Porto lhe contei as misérias com que Deus fortaleceu a minha alma e desenvolveu em mim os sentimentos da caridade. Depois, quando lhe estava dizendo esta felicidade, que tenho aqui, este bem com que a bondade divina premiou as minhas angústias imerecidas, falei em si, senhor Gregório. E, apenas eu proferi o seu nome, Carlota foi atacada duma vertigem, e teve um novo acesso de loucura. Pude levá-la a uma hospedaria, e lá a deixei esperando que um médico a salve de tornar para o hospital. Seria horrível para mim, se eu via aquela infeliz outra vez douda por minha causa, quando eu meditava em aliviá-la da sua pobreza!...

– Pobre mulher! – atalhou Rosa, com os olhos marejados de lágrimas. – Tem sido bem castigada, não tem, Gregório?

– Isso tem! – disse o bom homem, que ouvira a veemente exposição de Augusto, com visível mostra de compadecimento; e continuou, passados instantes: – Então, o senhor Augusto que quer agora?

– Queria – respondeu o moço, abraçando Gregório – que me deixassem repartir com ela metade da abundância em que vivo. Queria que o meu amigo, o amigo de meu pai, lhe perdoasse... Queria...

– Pois está servido, senhor Augusto – interrompeu Gregório. – Dê-lhe de comer e de vestir. Palavra de honra, que já nem me lembram as dores, que tive na garganta. E quem sabe se ela queria que o tal patife me matasse! O malvado foi que a perdeu. Se ela fosse má, não endoudecia. Esta é cá a minha ideia, e ninguém já me tira disto... Pois então arranje lá isso como quiser. Alugue-lhe casa, e dê-lhe uma mesada à sua vontade.

Augusto ergueu-se para abraçar novamente Gregório.

– Deixe-me também abraçá-la – disse ele a Rosa – devo esta alegria às suas

lágrimas, minha querida amiga. Agora vou à hospedaria ver como está a pobre mulher.

– Espere um pouquinho que eu vou consigo – disse Rosa. – Deixas-me ir, meu Gregório?

– Ó mulher, se hão-de ir dois e ficar um, o melhor é irmos todos três!... Andem lá, que eu não apareço a Carlota, enquanto ela me tiver medo.

Augusto queria embaraçar a resolução de Gregório, temendo que a sua presença intempestiva desordenasse inteiramente a razão da desvairada mulher; mas custou-lhe a rebater a expansiva generosidade daquela nobre alma, e entregou a Deus o bom êxito dos acontecimentos.

Quando chegaram à hospedaria, Carlota dormia tranquila, em virtude duma poção fortemente opiada, que os médicos lhe receitaram. Disseram estes, depois de ouvirem de Augusto os precedentes dela, no tocante à loucura de alguns anos, que não recebavam a reincidência só pelo facto duma alucinação.

Rosa entrou ao quarto de Carlota, e contemplou-a. Gregório, chamado pela mulher, esteve a examiná-la como espantado, e disse:

– Não se parece nada com a outra! Eu ia jurar que não é a mesma! Com efeito!...

Saiu do quarto, deixando Rosa à beira da cama da enferma, que ainda dormia às duas horas da manhã.

Chamou Gregório o seu filho adoptivo, e disse-lhe:

– Sabe que mais? Tenho cá pensado que o melhor é não alugar casa para Carlota.

Augusto estremeceu, cuidando que a vista da mulher e as recordações das facadas, tinham mudado os compassivos sentimentos do benfeitor.

Gregório prosseguiu:

– O melhor é levarmos esta mulher para nossa casa. Lá, sempre está melhor, e mais bem tratada. Que lhe parece?

– Parece-me que a sua alma, senhor Gregório, está debaixo da mão de Deus... Pois sim, levemo-la para sua casa, se sua senhora se não opuser a isso.

– Então o menino ainda não conhece a santa que é minha mulher. Morta por isso está ela!

Veio então Rosa à porta do quarto dizer que Carlota estava chamando Augusto. Foi o moço, e levou consigo Rosa.

– Dormiu regaladamente, não é assim? –disse ele a Carlota, que se havia sentado na cama.

– Dormi muito, creio eu; mas lembra-me tudo. Quem é esta senhora? – ajuntou ela, indicando Rosa.

– É uma senhora para casa de quem Carlota há-de ir logo que possa. Verá que anjo consolador encontra em minha mãe.

– Sua mãe?!

– Sim, minha mãe; a mãe que Deus me mandou com o coração da outra, que me tinha levado... Veja lá, Carlota, sente-se com forças para nos seguir?

– Mais logo; tenho um atordoamento de cabeça horrível... Queria chorar, que estou abafada pelas lágrimas... Eu sou uma grande criminosa! – exclamou ela subitamente, escondendo o rosto entre os joelhos.

– Todos lhe perdoaram, Carlota – acudiu o moço. – Se alguém foi ofendido por si, o perdão depois de tantos sofrimentos, remiu a culpa.

– É assim – disse Rosa. – A senhora pode contar com o dó de toda a gente... Deus é que sabe quem são os pecadores. A paixão é que cega a gente muitas vezes.

Carlota fitou os olhos em Rosa, e murmurou:

– A senhora não sabe a minha vida...

– Alguma coisa sei; mas não falemos agora nisso.

– Falemos, falemos... – exclamou a amante de Inácio Botelho com arrebatamento.

– Não! – atalhou o moço. – Obedeça-me, Carlota. Faça um esforço por sair daqui. Olhe que nos escutam na sala próxima.

Carlota fez menção de se aprestar para descer da cama, e Augusto saiu à sala.

– Senhor Gregório – disse ele – parecia-me conveniente que ela o não visse por enquanto. Faz-me o favor de ir indo para casa?

– Pois, sim; eu já tinha pensado nisso; e venham depressa, que são horas de se deitar a gente.

XIV

Ficou atónita Carlota, quando entrou na primeira sala da casa para onde a conduzia Augusto. O exterior da mulher, que o moço lhe apresentara como sua segunda mãe, não prometia tamanha magnificência. Era muito no espanto da infeliz a passagem do indigente casebre para uma sala, que denotava mais riqueza que bom gosto.

– Quem é esta senhora? – perguntou Carlota a Augusto, logo que Rosa se retirou da sala para ordenar os aprestos do quarto da hóspeda.

– Amanhã falaremos: já lhe disse que esta senhora é um anjo.

– Disse palavras que me fizeram bem. Parece-me que ela sabe toda a minha vida.

– Sabe.

– E não me odeia!

– Não: tem muita pena de si.

– Se o senhor Augusto me perdoou, porque não há-de perdoar-me o mundo a quem eu não fiz mal nenhum?

– Nem a mim; foi a si mesma que fez o mal.

– Mas eu tenho sofrido tanto, meu Deus!

– Todos o sabem, e todos se compadecem, Carlota. Creia que...

De súbito, Carlota apertou as mãos de Augusto, expedindo um estridente grito.

– Que é? que teve, Carlota?

– Recordo-me das suas palavras, neste instante... O senhor que me disse? – tornou ela muito agitada.

– Quando?

– Na rua, quando eu andava consigo... Em que casa me disse que estava? Não me disse que era daquele homem, que o outro feriu com o punhal?

Augusto perturbou-se na resposta, e os olhos de Carlota expressavam o desvairamento do juízo. À turvação dos olhos, seguiu-se um tremor e ansiedade indescritíveis. Depois, soltava uns gritos agudíssimos, e tirava a pedaços o corpete do vestido, como se estivesse em agonias do coração entalado em compressas de ferro.

Acudiu Rosa aos gritos, e venceu o terror, que lhe faziam as contorções da demente. Gregório impensadamente seguiu a mulher, e entrou na sala. Carlota fitou-o espavorida, e cessou de contorcer-se nos braços dos dois. Parece que o terror a congelara: não soltou uma palavra única. As pálpebras desceram vagarosamente, os braços caíram-lhe como inanimados, e o corpo inteiriçado deixou-se arrastar a um canapé.

Ao romper da manhã entraram os recursos da medicina, que se propôs curar uma febre cerebral.

Quarenta e oito horas esteve em exaltado delírio a enferma. Então reproduziu ela muitos dos diálogos que tivera com Manuel de Castro naquela noite funesta. E dizia-os como se os estivesse contando com quieta consciência, salvo quando em termos desordenados reproduzia a descida do suposto cadáver ao pátio, e a lavagem que ela fizera do sangue na escada. Então levava a mão ao rosto, e clamava que o tinha borrifado do sangue de Gregório... «Eu não te disse que o matasses! – murmurava ela com voz rouca – eu não te disse que o matasses!... Vou denunciar-me à justiça: quero ser castigada para salvar a minha alma!»

Estas declamações repetiam-se com breves intervalos de repouso.

Quando a medicina desanimou, Carlota inesperadamente passou do delírio a um profundo quebranto. Reconheceu as duas pessoas que incessantemente a velavam, e sorria a ambas respondendo às perguntas carinhosas. Recordava-se ela de ter visto

Gregório; e parecia esperá-lo no seu quarto, sem assombro nem pavor. Pediu a Augusto que lhe contasse o resto da sua história, e já ouvia sem alvoroço o nome do benfeitor. Uma vez levou ela aos lábios a mão de Rosa, e disse-lhe:

– Eu queria ver seu marido, minha senhora.

Rosa saiu, e entrou com Gregório, que vinha enxugando as lágrimas. Era certo chorar ele, sempre que as via nos olhos da esposa. Acercou-se do leito, Carlota estremeceu ainda.

– Se me diz alguma coisa do que já lá vai, não somos amigos! disse Gregório. – É preciso arrijar, e sair dessa cama para fora, senhora D. Carlota. Vamos todos passar o calor na aldeia. Tenho uma quintarola em Colares, que é um regalo. A senhora lá põe-se fina, e há-de engordar, se for de medrança. Nem um pio a respeito do passado, ouviu? E que me diz do senhor Augusto? Olhe que rapaz este! Alma como esta não há outra debaixo do sol, palavra de honra! Se é amiga dele, faça por ter saúde, ouviu? Olhe que o moço, há oito dias tem desmedrado uma arroba, assim Deus me salve!

Era esta a linguagem quotidiana de Gregório. Se a enferma dizia palavra ligada ao seu crime, atalhava-a logo ele alguma galhofa, coadjuvado por Augusto ou Rosa.

A convalescença de Carlota foi prolongada, mas segura. Os ares campestres restauraram-lhe as forças, e recompuseram-lhe as feições, ainda assim quase nada indicativas da antiga graça, se não formosura.

Findo o verão, quando Gregório se preparava para voltar a Lisboa, Carlota pediu a Augusto que solicitasse do seu benfeitor uma esmola para ela se recolher a um convento longe de Lisboa. Quis o mancebo convencê-la da desnecessidade de tal passo, mas o propósito era inabalável. Não valeram nada as súplicas nem as carícias de Rosa.

Augusto acompanhou-a a Évora, onde achou os seus aposentos asseadamente adornados no convento.

Aí vivia muito recolhida a misteriosa criatura, que as religiosas tratavam com o respeito que inspira o mistério, se o rodeiam os confortos e a abundância. Entre a oração, a cela e o trabalho passavam as suas horas, não tristes nem contentes. Tomara a seu cargo ser a costureira da roupa branca de Augusto e Gregório, e cada mês mandava um pacotinho para Lisboa com a sua costura, em que o filho de Inácio Botelho queria ver, e certamente via, sinais de lágrimas. No primeiro ano, repetidas vezes Augusto foi a Évora, e, segundo ele dizia, Carlota cada dia recuperava mais, como por milagre, as antigas feições, de modo que já não seria lisonja chamar-lhe bela.

XV

Dom Álvaro Barradas, fidalgo português, oriundo de uma das principais estirpes godas, apareceu em Paris, em começos de 1835, ido de Espanha onde estivera homiziado, desde que o arcanjo das batalhas descera sobre a frente do imperador do Brasil a coroa da vitória.

Devemos acreditar o que este homem diz em Paris da sua genealogia. Se duvidamos dela, por ser ele que a diz, teremos de duvidar de muitas, cujo grau de probabilidade é o mesmo. A gente não pode andar com os tratadistas genealógicos debaixo do braço para averiguar os costados de todos os Barradas, que por aí nos saem, como rãs de terra alagadiça em tarde de trovoadas.

D. Álvaro tem cavalos e lacaios espanhóis. Tem relações da velha fidalguia de Carlos X, que o recebem em suas casas. Tem mulheres que o amam, e mulheres que o exploram. Tem – e bastava dizer isto – dinheiro, que lhe jorra das mãos como a onda do Pactolo. A fortuna de D. Álvaro é um escrava dócil, que parece espreitar-lhe os desejos caprichosos, para, antes de os ele procurar, lhos converter em deleitosas realidades.

D. Álvaro joga nos salões da nobreza, e ganha; joga nas casas de tavolagem, e ganha; joga na bolsa, e levanta em poucas horas, e com uma só palavra, milhares de francos.

Acrescem aos cavalos as equipagens. Paris vê passar D. Álvaro. E quando Paris vê *passar*, o homem, que passa, deve de ser um gigante!

A admiração redobra, quando, a par dele, se vê reclinada ao espaldar do faetonte uma formosa mulher, e amanhã outra formosa mulher.

Hoje é a primeira cantora italiana.

Ontem era a primeira dançarina. Amanhã será uma Lais disputada a um príncipe.

D. Álvaro passa no bosque de Vincennes, salta do seu tálburi, e os mancebos das raças carlovingianas acercam-se dele para lhe apertar a mão.

– É o gentil-homem espanhol! – diz uma dama ilustre, e chama com maviosíssima voz um duque para ferir com o timbre de sua palavra os ouvidos distraídos do fidalgo espanhol.

– É o amante da marquesa de*** diz a condessa de...

– É o rival do duque de***, acrescenta outra, e confessa que medita em fazê-lo também rival de seu marido.

Estão em Paris fidalgos expatriados de Lisboa, que não conhecem D. Álvaro Barradas. Os mais lidos em crónicas sabem que em tempo da rainha regente D. Catarina, mãe de D. Sebastião, militou na Ásia, às ordens do governador D. João de Castro, um português esforçado que havia nome Álvaro Barradas; mas duvidam que este Álvaro Barradas seja vivo ainda. Na roda elegante correm boatos, que desmentem a prosápia do famoso personagem; a roda elegante, porém, continua a reconhecer a legitimidade heráldica do gentil-homem espanhol.

Um alto personagem português, encontrado com ele numa sala dum ex-ministro de Carlos X, pergunta-lhe onde é o seu solar.

D. Álvaro torce o bigode, e responde:

– O meu solar anda usurpado; são os paços de Barcelos e de Vila Viçosa. São as ruínas dos castelos que defenderam a independência de Portugal. São a Covadonga de Pelágio, e as ameias derrocadas de Santarém e Alcácer.

Disse, e fez uma ligeira mesura ao português, que ficou pasmado de tantos solares, afora os usurpados, num só solarengo.

Entretanto, as carruagens iam crescendo em número e mais confortáveis que os

solares. Os mesmos fidalgos, que lhe tesouravam os pergaminhos, não se dedignavam de lhe aceitarem uma almofada na carruagem, e os empréstimos de dinheiro bizarramente oferecidos. Afinal, os linguareiros, visto que a língua prende muito com as funções de estômago, imolaram a língua àquela víscera que confessava as fidalgas liberalidades de D. Álvaro Barradas.

A primeira dançarina tinha um amante, que sacrificara a um trem e alguns milhares de francos mensais. O amante sacrificado não tinha vislumbres de pundonor, e quis defender sua honra em duelo. D. Álvaro aceitou a luva do adversário, e foi ao campo. O amante abandonado, que, até aquele momento, ficara apenas sem a dançarina, ficou depois também sem um olho. Isto prova que o duelo é bom, e convence a gente da justiça de cada qual que se bate.

O facto estrondeou, e deu novo lustre à celebridade de D. Álvaro.

O amante da primeira cantora italiana também tinha sua honra que defender, e pediu desafronta à espada. Ficou sem a cantora e sem um pedaço do ombro direito.

Esta segunda bravura associou o medo à admiração. D. Álvaro fez-se uma coisa, que eu chamaria mito, se soubesse o que era mito. Quando aparecia, as mulheres adoravam-no, e os homens ficavam frios como sorveteiras.

Em dezembro de 1835, chegou a Paris uma família portuguesa, ida do Porto. Era um fidalgo realista que em 1834 se refugiara no seu solar do Minho; e, como aí mesmo a plebe o inquietasse, deliberou emigrar.

Vivia pobremente o fidalgo e sua numerosa família. Disseram-lhe que existia em Paris um riquíssimo português da maior nobreza. Deram-lhe conta da generosidade com que ele tinha socorrido patrícios necessitados, e aconselharam-no a escrever-lhe.

Forçado pela extrema precisão, o emigrado escreveu a D. Álvaro Barradas; mas, enquanto escrevia, três vezes depôs a pena, e exclamou:

– Quem é este Barradas na história genealógica da casa real? Vilaslobos ¹ não fala de Barradas, que me lembre. O nobiliário do conde D. Pedro também não. Isto parece-me peta!

Mas a necessidade apertava com o ledor de genealogias, e a pena ia lavrando o humilde peditório.

Recebeu D. Álvaro a carta do seu patrício, que tinha quinze apelidos. Mandou ao seu mordomo que procurasse o português necessitado, e lhe desse mil francos.

Foi o fidalgo em pessoa agradecer, e viu um homem de extrema cortesia, rodeado de pompas asiáticas, num dos melhores palácios de *Chaussée d'Antin*. Dias depois, D. Álvaro visitou o fidalgo seu favorecido, e viu que ele tinha entre muitas uma formosíssima filha, na flor dos quinze anos, meiga como um anjo, e triste como uma santa.

Amou-a. Sentiu que a amava, porque pensou nela três dias e três noites.

Voltou a visitar o homiziado, e multiplicou muitas vezes o primeiro favor de dinheiro. O fidalgo beijou-lhe as mãos; e a filha lacrimosa, ao apertar a mão que lhe oferecia D. Álvaro, sentiu na sua um papel. Susteve-o, mas tremia.

Saiu o magnânimo, e Matilde deu a carta a seu pai.

– Que carta é esta?! – disse ele.

– Recebi-a, neste momento, da mão de D. Álvaro.

Abriu e leu:

«Quer a felicidade, Matilde? quer as pompas da vida, todas quantas o

¹ Camilo queria sem dúvida escrever Vilas-Boas, pensando em António de Vilas-Boas e Sampaio, o conhecido autor da *Nobiliarquia Portuguesa* (Lisboa, 1676). – M. E.

capricho inventou, e, mais que tudo, um coração que pela primeira vez se humilha diante de uma mulher?

Porventura, sonhou comigo o céu? Adivinhou que eu a adoro? Crê que a vida, sem o seu amor, me há-de ser de hora em diante um suplício, tendo sido até ao momento em que a vi uma embriaguez de bem aventurança, uma felicidade douda que não podia durar?

Porque a vi eu, Matilde? Que mensagem me traz do céu ou do inferno?

Eu penso em arrebatá-la. Já me enjoa Paris. Vamos à Ásia, vamos correr o mundo, e esconder nos desertos a nossa felicidade.

Haverá na sua alma exaltações e arrojos capazes de igualarem o meu arrebatamento?

Responda-me. Amanhã hei-de vê-la. Duas palavras, e depois... os mundos deslumbrantes do gozo infinito!

D. Álvaro»

Francisco Valdez, pai de Matilde, dobrou a carta, e disse à filha:

– Vai, e volta depois, para responder à carta do senhor D. Álvaro Barradas.

Matilde retirou-se; e o velho ficou passeando com as mãos encruzadas sobre a testa. Meditou assim alguns minutos, e saiu.

Foi procurar um duque português, que residia, também exilado, em Paris. Narrou-lhe a precisão que o levava a pedir um favor de dinheiro a D. Álvaro...

– Barradas? – interrompeu o duque.

– Sim, senhor. Conhece-o Vossa Excelência?

– Já falei com esse Barradas.

– Que juízo faz Vossa Excelência dele?

– Bom, enquanto à pessoa. Se é quem diz, não sei. De Portugal não o conheço nem pelo apelido. Pode ser que seja algum fidalgo de meia tigela, dalguma província. O que ele denota é ter muito dinheiro, certa esperteza do que por cá chamam bom tom, e muita felicidade nos duelos. Não sei mais nada, senão que ele tem socorrido alguns portugueses pobres.

Continuou Valdez a sua história, e mostrou ao duque a carta que D. Álvaro escrevera a sua filha, e entregara na ocasião, em que espontaneamente lhe emprestava seis mil francos.

O duque adivinhou a dor do ultraje, que alanceava a dignidade do velho. Deu-lhe mais dinheiro do que julgou necessário para o desagravo, e ofereceu-lhe a sua bolsa para as futuras precisões.

Voltou Valdez com o peito desoprimido. Chamou a filha, e disse-lhe:

– Escreve a resposta a D. Álvaro. Eu tu dito.

Matilde escreveu:

«Não ambiciono as pompas da vida. Na minha alma não há exaltações nem arrojos. Adoro a Deus, amo a minha família, e respeito Vossa Excelência.

Por ordem de meu pai, remeto a Vossa Excelência sete mil francos, que lhe devia, com a gratidão que o favor de Vossa Excelência merece.

Matilde Valdez.»

XVI

Lendo D. Álvaro a carta, releu-a, e pensou em cada um das palavras, como se elas não fossem singelíssimas.

Seguiram-se-lhe horas de luta, em que o homem se estava de si mesmo espantando.

– É o verdadeiro amor! – dizia ele consigo. – Chegou! É a virtude que me vence, e eu pensava que a virtude não tinha nenhuma arma. Desconheço-me. Se isto é mais que um momento de fraqueza, está determinado o meu destino. Mas querer-me-ão eles? O fidalgo afrontado aceitará o meu pedido? Não deixaria ela em Portugal um homem que ama?

Enquanto ele assim pensava, dizia Matilde à sua irmã confidente dos nadas da mocidade:

– Que me diria ele na carta? Decerto me não falava em casamento, senão o pai por força consentiria. Fiquei tão perturbada quando senti a carta na mão, que nem soube o que fazia. Se eu adivinhasse que o pai se afligia, não lha mostrava. Foi o coração que me enganou. Imaginei que era a pedir-me, porque me tinha tido algumas coisas com uns modos tão afectuosos e sérios, que fiquei persuadida de que me queria muito. E olha que eu amava-o, Cassilda; e agora não sei como hei-de esquecê-lo...

E chorava.

Aqui têm os senhores como os demónios fascinam os anjos. Isto é muito velho assim, e é para lamentar que assim seja, deveras o digo! A mim me quer parecer que Matilde, tão pura e virtuosa, se não abalaria com as visitas e afectuosas palavras do meu amigo leitor, se o leitor é, como eu penso, um rapaz mui bem composto de maneiras, com grandes créditos de honestidade na sua rua, e provas dadas de não tentar contra a virtude da sua vizinha. É segredo isto, e ninguém se dá a estudar donde vem este predomínio da maldade velhaca sobre a inocência timorata. E olhem que se dá o mesmo magnetismo com as senhoras menos inocentes e timoratas. Nem candura, nem experiência são bastantes a esfriar a electricidade que o demónio empresta aos olhos dos seus predilectos para seduzirem as meninas! Aquela sabida história de Fausto e Margarida, que não é verdadeira nem fabulosa, mas que decerto é *a verdade*, explica, mediante a intervenção de Satanás, todas estas encruzilhadas em que a virtude se perde. Já com o poeta inglês se dava o mesmo fadário! Vejam que versos ele fazia, que impudências tão desanimadoras para corações ajuizados, e afinal de contas as mulheres de Itália andavam atrás dele, e afogavam-se às dúzias, creio eu, quando o impudico ia satisfazer as amoráveis ânsias doutra dúzia de criaturas fascinadas pelos olhos, e cegas a tal ponto que não lhe viam o pé coxo! É coisa do diabo, não se deixar de ser, e por isso aqui me benzo, e fecho o capítulo.

XVII

O duque, solícito protector de Francisco Valdez, quis honrar o fidalgo pobre visitando-o. Contrastou-se de ver as meninas ocupadas nas obrigações de criadas, segundo inferiu, quando perguntou ao velho se se servia com criados portugueses.

– Não tenho criados, senhor duque – disse o velho. – A minha casa estava desfalcada, a ponto de eu mal poder tê-los em Portugal. Menos os posso assoldadar em França. Minha filha Matilde é a providência da casa. Como foi educada no colégio inglês, aprendeu a cozinhar, e tomou a si o cargo da magra panela; as outras meninas cuidam do mais serviço, que pouco é; umas lavam em alguidares, e outras engomam. Graças ao céu, nenhuma se queixa.

– Eu é que me queixo – atalhou o duque – se Francisco Valdez me proibir que eu dê ordens em sua casa. Tenho criados de sobra, todos portugueses. Vou mandar-lhe um para recados, e uma boa criada que tenho há dois anos para o serviço interior. Quis deixar alguns, quando vim para França, mas, a falar-lhe a verdade, estou afeito a ver morrer em casa os meus criados, e não despeço nenhum. A criada que lhe mando serviu vinte anos o meu amigo Severo de Castro, que morreu comandando uma brigada contra as linhas de Lisboa. Quando me contaram que ela vendera o capote para comprar a mortalha da viúva do brigadeiro, mandei indagar em Lisboa onde parava, e mandei-a ir ter comigo a Barcelona, e penso que esta acção agradaria à alma do meu honrado e bravo amigo. Quantas vezes ele me falou dela como se fala duma irmã... e, aqui entre nós, eu sempre supus que ela fosse irmã natural do brigadeiro...

– Ora queira Vossa Excelência dizer-me, senhor duque – interrompeu Francisco Valdez – quando eu estava ainda em Lisboa, ouvi falar dum roubo e duma morte, em que entrava o filho de Severo de Castro...

– É verdade: esse grande desgraçado, que eu conheci menino, e não tornei a ver desde que entrou no Colégio dos Nobres, induziu a amásia dum Inácio Botelho, que eu muito conheci, a roubar o amo, quando ele estava a agonizar. Depois, houve aí também umas facadas num criado da casa, e não sei que outras desgraças, que levaram a viúva de repente à sepultura.

– E o filho do Castro foi preso?

– Não; fugiu, e é natural que não torne à pátria. A Felícia tem-me contado muitas vezes estas coisas, e o meu Valdez pergunte-lhe pela história, que ela lha contará pelo miúdo. Amanhã cá a tem.

O duque não deu ao velho tempo de recusar ou agradecer os favores. Saiu, e na despedida encontrou D. Álvaro Barradas, que o cortejou respeitosamente. Respondeu ao cumprimento com frieza o duque, e D. Álvaro, com o chapéu na mão, disse muito cerimonioso:

– Peço a Vossa Excelência, senhor duque, a graça de subir comigo à presença do senhor Francisco Valdez. Venho reparar um agravo, e desejo que Vossa Excelência honre com o seu testemunho a prova de consideração, que eu vou dar a esta família, e às veneráveis cãs do senhor Valdez.

– Bem sei – atalhou o duque. – Faz o que deve. Não se escrevem assim cartas a meninas do nascimento de Matilde. Nenhuma dúvida tenho em acompanhá-lo. E reconheço que vossa excelência é um cavalheiro, seja qual for a natureza da reparação.

Subiram, e entraram à sala, onde Francisco Valdez estava contando às filhas a folga que lhes dava o duque.

– Torno cá – disse o duque risonho – para ser testemunha dum desafio. Quero ver quem se bate mais galhardamente em delicadeza e generosidade de ânimo.

– Há-de ser o senhor Francisco Valdez –disse D. Álvaro – eu deponho já as armas na mão do meu padrinho.

As meninas iam sair, e D. Álvaro disse:

– Peço à senhora D. Matilde o obséquio de esperar um instante.

– Fica, menina – disse o pai.

– E todas podem ficar, senhor Valdez –continuou D. Álvaro. – Eu escrevi uma carta à senhora D. Matilde. Tenho uma desculpa: é a paixão; mas não peço desculpa; é o perdão que venho pedir; mas haja a generosidade de me não arguirem.

– Está perdoado, senhor D. Álvaro – interrompeu o velho.

– E Vossa Excelência tem o coração generoso de seu pai? – disse Barradas a Matilde.

– Decerto... que eu não sei o que hei-de perdoar... – respondeu ela purpureada.

– Agora, senhor Francisco Valdez, venho pedir-lhe a mão de sua filha.

O velho encarou em Matilde, e murmurou:

– Menina... isto é contigo.

– Então? – disse o duque, para cortar o demorado silêncio. – Respondam ambos com o sim, e seja o meu Valdez que o pronuncie.

– Disse-o Vossa Excelência – acudiu o pai.

D. Álvaro apertou a mão de Matilde e depois a de suas irmãs. O duque chamou-o aos seus braços, e passou-o aos braços do velho.

– O padrinho sou eu, não já do desafio, mas do casamento – acrescentou o duque.

– A duquesa será a madrinha, e as festas nupciais hão-de ser celebradas em minha casa. Isto tem demora?

– O tempo necessário para eu haver de Portugal as necessárias certidões.

– A minha casa, entretanto, senhor D. Álvaro, está sempre franca a Vossa Excelência –disse Francisco Valdez.

– E a minha – ajuntou o duque. – Ora agora veja, se no intervalo, vai ter algum duelo, que lhe leve a mão, que é já daquela angélica menina!...

– A minha vida de duelos acabou, senhor duque. redarguiu Álvaro. Deixei de ser rapaz neste momento.

– Bom é isso. Valdez, depois de amanhã aqui venho jantar com D. Álvaro – terminou o duque, dando o braço, para saírem, ao noivo.

O aspecto de Álvaro transluzia muita amargura, que só ele podia ver num espelho.

XVIII

No decurso do jantar pactuado, o semblante de Álvaro exprimia ainda a dor inquieta, que eu estranharia muito aqui, se estivesse no caso do leitor, que só sabe as coisas, e avalia as inquietações dos personagens dos romances, quando lhas dizem.

Matilde punha os seus lindos olhos nos de Álvaro, e interrogava neles o coração. Nem os chistes do duque, nem a alegria das meninas divertiam a atenção de noivo do ponto escuro que lhe avultava no horizonte do espírito.

– Tem um génio triste, D. Álvaro! – disse o duque. – Parece um velho, que está à mesa, com dores de gota! Converse, conte-nos coisas de Portugal, falemos da cara pátria, que já não é nossa.

– Minha decerto nunca será! – disse Álvaro melancolicamente.

– Porque não? Esperemos, meu amigo. E se eu, com os pés na cova, ainda espero, que fará Vossa Excelência na verdura dos anos! Quantos tem?

– Vinte e nove, senhor Duque.

– Pois aí tem! Quantas revoluções se farão em Portugal daqui até aos seus quarenta? A guerra ainda não acabou. Deixe ver o que faz

D. Carlos.

A conversação tornou-se política, e de todo estranha a D. Álvaro, que dirigiu algumas perguntas a Matilde sobre coisas de Lisboa, cuja sociedade, anterior a 1833, ele mostrava conhecer.

O duque entrou na conversação dizendo:

– Onde estava nessa época, senhor D. Álvaro?

– Em Lisboa.

O duque, extremamente delicado, pensava todas as perguntas tocantes a factos que pudessem suscitar o falar-se na família de Álvaro Barradas. Julgava o fidalgo que o mancebo era um cavalheiro da província, muito rico, mas muito menos nobre do que aparentava, e daí vinha pautar ele reflectidamente as perguntas que fazia.

– Esteve em colégio de Lisboa? – disse o duque.

– Sim senhor, no Colégio dos Nobres.

– Em que tempo?

– Desde 1821 até 1826.

– E depois foi para a província?

– Viajei, senhor duque.

Se esteve nesse tempo no Colégio dos Nobres, havia de conhecer um aluno chamado Manuel de Castro.

– Conheci.

– Deu uma desgraçada saída! Era filho dum meu particular amigo. É verdade, Valdez, perguntou alguma coisa à criada?

– Ainda não, senhor duque.

– Perguntei eu, disse Matilde.

– E então?

– Contou-me uma história bem triste!... Faz pena aquela mãe! Quando acabava de saber que o filho tinha feito um roubo, e quase matado um homem, chegou-lhe a notícia da morte do marido, e morreu de paixão logo ao outro dia!

– Quem, minha senhora? – disse D. Álvaro.

– A mãe do tal Manuel de Castro, que o senhor conheceu no colégio.

– E quem lhe contou a morte dessa senhora? – replicou o noivo.

– Uma criada, que foi dela.

- Da mãe de Manuel de Castro?
- Sim.
- E onde está essa criada?
- Em nossa casa.
- Aqui?!

A maneira espavorida como Álvaro fez esta pergunta devia impressioná-lo, leitor, se Vossa Excelência estivesse à mesa; mas os convivas dos romances não são sempre os mais espertos no descobrimento dos mistérios.

Matilde continuou:

- O senhor D. Álvaro conheceu o tal infeliz?
- *Infeliz...* é o justo nome que ele tem. Conheci, minha senhora.
- Tinha má índole?
- Não tinha má índole. Pelo contrário, era afável, meigo e muito amigo de seus pais.

– Parece impossível isso! – atalhou o duque.

– Mas é a verdade – replicou Álvaro. – Direi tudo o que sei desse *infeliz*, nome bem apropriado que a senhora D. Matilde lhe deu, e ninguém mais talvez o tenha substituído pelo de *infame*. Manuel de Castro saiu do colégio, quando completou dignamente o seu curso. Quis ser cadete e seguir a vida das armas; porém, o pai desviou-o disso, dizendo que a profissão militar era a mais espinhosa e mal compensada das carreiras.

– Isso lhe ouvi eu dizer repetidas vezes – interrompeu o duque. – O meu amigo Castro muitas vezes me disse que seu filho não seria militar. Nesse tempo esperava ele vencer o pleito duns vínculos em Trás-os-Montes. Sabe que resultado teve a demanda, senhor D. Álvaro?

– Perdeu-a.

– Severo de Castro – tornou o duque – era muito fidalgo; mas o pai e avô desbarataram grandes casas. Ora queira dizer o nosso amigo o que sabe do Manuel de Castro.

– Sei que saiu do colégio, e entrou no mundo. Quis ombrear com os grandes, e pediu ao pai recursos para se elevar. O pai não os tinha, e filho granjeou-os à custa de todos os expedientes. Primeiro, foi feliz no jogo, e teve a efêmera glória de espalhar ouro às mãos cheias por entre alguns miseráveis, que o andavam infamando. Depois, desandou a roda debaixo do pé da fortuna, e Manuel de Castro sem amigos, nem honra, baixou-se até à lama para tirar de lá o crime com que sustentava o vício. Seguiram-se as desventuras que Vossas Excelências conhecem. Não sei mais nada do infeliz.

– Faz compaixão! – disse Matilde com tristeza.

– Compaixão não direi eu – atalhou o duque.

– Nesse caso, devemos ter compaixão de todos salteadores e assassinos que estão no Limoeiro!

– Diz bem, senhor duque – tornou Álvaro Barradas – Manuel de Castro é indigno de compaixão. Lembro-me porém, que o mundo lhe não daria maiores louvores, se ele se tivesse suicidado antes de praticar o primeiro crime. Chamar-lhe-ia miserável...

– E ímpio – acrescentou o duque. – Ímpio, condenado eternamente, porque o homem que se mata é imperdoável aos olhos de Deus.

– Então melhor foi – retorquiu D. Álvaro – que Manuel de Castro se fizesse infame, porque a infâmia é susceptível de reabilitação, e o arrependimento do crime salva um homem para a sociedade e uma alma para Deus. Pode ser que a esta hora Manuel de Castro seja um justo.

– É verdade... Quem sabe?! – atalhou Matilde.

– Mesmo assim, ajuntou D. Álvaro, nenhum de nós o aceitaria para amigo, creio eu. Todos repeliríamos o arrependido, se ele nos viesse pedir a confiança e a benevolência que Deus concede aos contritos, e os homens negam aos regenerados... quando os regenerados são pobres.

– Eu lhe digo—respondeu o duque. — Havia-me de custar muito a apertar a mão dum mau filho; e, se esse mau filho roubou, e matou, com todas as circunstâncias atrozes que completam a perversidade, tomara eu nem vê-lo!

– É também o meu parecer — disse Francisco Valdez.

– E o de Vossa Excelência? — perguntou D. Álvaro a Matilde.

– Eu...

– Sim; Vossa Excelência também repelia o Manuel de Castro arrependido de seus crimes, e vergado ao peso da sua ignomínia?

Matilde não ousou responder. Coagiam-na os olhos do pai, e o temor de dizer alguma indiscrição desagradável a Álvaro.

Saíram da casa de jantar, e passaram à sala onde era servido o café.

No momento em que entravam, caminhava em direitura à mesa, com o tabuleiro das chávenas, a criada que fora do brigadeiro Severo de Castro.

D. Álvaro adiantou-se, parou diante dela e disse:

– Também tu me repeles, Felícia?

Felícia cravou os olhos pávidos no rosto do homem que lhe falava, vacilou, e as chávenas escorregaram do tabuleiro ao pavimento. Álvaro avizinhou-se mais dela, e continuou:

– Tu, que me conhecestes criança, e me chamavas anjo, e não acreditavas que eu, tão bom e meigo, pudesse ser deste mundo, também tu me repeles?

E Felícia lançou-se aos braços dele, exclamando:

– O senhor Manuel de Castro!

Quando os circunstantes se contemplavam uns aos outros, com as bocas abertas e as respirações suspensas, Manuel de Castro tomou o chapéu, e disse, indicando a criada:

– Tenho no mundo esta única afeição. Tu serás feliz, em recompensa da mortalha que deste a minha mãe. Senhor Francisco Valdez, Manuel de Castro reconheceu que era indigno de sua filha, quando há pouco ouviu a justa conta em que o tinha o mundo. Jurei então de me despir dum falso nome, para não praticar a nova infâmia de o iludir sob aparências de virtude e nascimento ilustre. Se meu pai era o grande fidalgo, que disse o senhor duque, não sei. De mim sei eu que sou um miserável sem nome, porque amanhã, fora de França, terei de inventar outro. Nem nome, nem pátria, nem esperança de reabilitação!

E saiu, quando a criada, que o vira menino, e lhe amortilhara a mãe, correu a querer ainda abraçá-lo.

Matilde perdera os sentidos nos braços de suas irmãs.

XIX

Antes que este admirável caso acontecesse em Paris, andara em Lisboa um espanhol, indagando notícias de um órfão, que ficara de Inácio Botelho. Com as indicações, que o enviado trazia, fácil lhe foi descobrir o nome e morada do órfão.

Disse o espanhol ao autor que vinha restituir uma avultada quantia, que, em tempos, fora desviada da fortuna de Inácio Botelho. Respondeu o tutor que já não era ele coisa alguma nos interesses de Augusto, filho do seu defunto amigo., pois que uma irmã deste vencera um litígio, em que ficara deserdado o órfão.

Escreveu o espanhol a Manuel de Castro perguntando-lhe o que devia fazer ao dinheiro. Castro, que demorava então em Madrid, respondeu que o entregasse aos herdeiros de Inácio Botelho, e soubesse o destino da criança.

Foi o comissionado a Montalegre, e entregou a D. Leonor o dinheiro. Cobrou o título de recepção, e pediu notícias do órfão. Leonor respondeu que o menino estava num colégio, estudando humanidades para depois se formar. Teve a miserável criatura vergonha de confessar que o filho de seu irmão estava ao serviço do merceiro de Chaves, a guardar os porcos e os meninos do merceiro.

Voltou o portador da comissão a Espanha, e Manuel de Castro saiu para Paris.

A consciência de cúmplice de Castro sossegou; mas eu não sei bem se a palavra consciência está aqui escrita com acerto. Sair o homem com o roubo de Portugal, e achar a consciência em Madrid, parece-me isto coisa que nem os romancistas cabalmente explicam! Seja o que for, esta restituição dá a pensar que Manuel de Castro não era ladrão por amor da arte, e que andava de melhores avenças com a sua razão despojando-se de coisa que não era sua. Verdade é que o merecimento de restituir dez, quando nos sobram cem, é muito menor que o de respeitar os dez dos outros quando se não tem um. Isto, que eu digo, pode ser que seja um paradoxo; pelo menos, é bonita virtude com que só se enfeitam os que não podem violá-la em secreto, e apregoá-la em público.

Dum ou doutro modo, quer-me parecer que o ladrão deixa de o ser logo que restitui o roubo, pelo menos em teologia moral é corrente assim a coisa: no código criminal não sei. Por este lado, o leitor não duvidaria apertar a mão a Manuel de Castro, ou, se não, tem de a retirar a muitos dos seus amigos, que não começaram ainda a regenerar-se. «Este mundo é um covil de ladrões» diz um precioso livro que tenho à vista. Deste livro um dos capítulos reza assim: *Dos ladrões, que furtando muito, nada ficam a dever na sua opinião*. Estes é que são os ladrões por excelência, e com excelência. Veja-se o livro de Tomé Pinheiro da Veiga, chamado *Arte de Furtar*.

XX

Ninguém obsteu que Felícia indagasse a residência de Manuel de Castro.

– Vou procurá-lo – disse ela – porque o pobre menino me disse que não tinha outra afeição neste mundo.

Matilde sabia onde morava Castro, e, num instante em que a deixaram sozinha com a criada, balbuciou a residência dele, acrescentando estas palavras:

– Diga-lhe que conte com uma segunda amiga neste mundo, e que não desespere da bondade divina.

Manuel de Castro ouviu o recado de Matilde, e a fiel relação do acidente e febre consecutiva, que tinha a pobre menina no leito da dor.

Castro levou a mão à frente, e disse mentalmente:

– É completa a revolução, que se opera em mim!

E, nessa mesma hora, escreveu assim uma carta, que Felícia prometeu entregar:

«Matilde.

Eu era o infame que o mundo dizia.

Era o ladrão, que não soube esmagar o orgulho do seu nascimento, e encostar-se honrado a uma esquina, pedindo esmola, ou deixando-se morrer de fome.

Era o homicida, que se lançou como sicário traiçoeiro a um homem, que tinha o segredo da minha infâmia.

Vi endouecer de remorsos uma desgraçada; atirei-a ao meu abismo, e fugi-lhe.

Matilde sabe que está num hospital essa mulher, que eu não posso resgatar, porque é irremediável a sua demência.

Fugi-lhe para morrer mais longe. Queria vingá-la e vingar o mundo, matando-me, quando me visse forçado a manter com um novo crime a minha celerada inércia para o trabalho decoroso.

Enriqueci, sem desonra. Enriqueci nas salas, onde o oiro se me oferecia aos montes. Enriqueci, quando empobreciam outros, que tramavam espoliar-me a mim. Enriqueci no jogo.

Paguei o roubo; mas a nódoa infamante ficou; paguei o roubo, mas o espinho do remorso multiplicou-se em mil espinhos. Eu via sempre diante de mim uma mulher douda, e um homem ensanguentado. Tive pejo da minha credulidade, e indaguei o viver dos homens felizes, que me rodeavam. Uns eram ladrões nobilitados, outros eram homicidas impunes, outros coroavam-se com as flores que tinham arrancado da frente de muitas virgens, umas já mortas de vergonha, outras fazendo mercancia do seu opróbrio.

Quis-me consolar com estes confrontos, e não pude.

Fugi para onde o tinir do ouro me aturdisse, e ganhava sempre, como se tivesse vendido a alma ao inferno a troco da felicidade no azar.

Mas eu não podia fugir de mim mesmo!

Traspassado de fogo e de agonias atrozes, cheguei a entrar nos templos, a ocultar dos homens, para não ser escarnecido e vituperado.

E aí ajoelhava no recanto mais escuro, e dizia: «Meu Deus! deixai-me regenerar!»

Surdo o céu, a natureza impassível, tudo imerso no horror do silêncio! O meu demónio é que me respondia: – Ergue-te daí, vil supersticioso! tu não tens senão um gozo dos que dá o inferno: joga, sacia-te de ouro, ceva-te nas lágrimas de cem famílias, que reduces à fome, numa só das tuas noites de febre. Joga, aponta com o teu dedo a carta, que é a um tempo o teu manancial de delicias, e o título de venda da tua alma! Aponta, que os grifos dum demónio empolgarão para ti os montes de ouro.

Comprei quantos deleites me saíam ao encontro: eram tragos de peçonha que eu bebia. Afrontei os fortes, os caprichosos, os bravos, que tinham ganhado um nome à custa dos nomes que riscavam dentre os vivos. A ideia da morte era-me como a gota de água que o avaro pedia ao justo dentre as lavaredas da sua caverna. Via cair os fortes aos meus pés. O mundo aplaudia-me os triunfos, e as almas aviltadas à protéria feliz – tantas, meu Deus! – rodeavam-me devoradas de inveja umas, e outras devoradas de amor. Mulheres e homens todos de rastos na trilha do ouro que eu deixava após de mim!

Quando te vi, Matilde, era eu assim um celerado, a quem o céu negava o refrigério do bem que fazia a mãos largas, das lágrimas que remia onde quer que o tímido anjo da caridade mas mostrasse. Mostrava-mas, e fugia, que Deus lhe negou. para mim o dom do conforto, e as consolações íntimas que tanto espinho de remorso desencrava.

Era eu assim quando te vi, Matilde.

Depois, soube o que era chorar, chorar porque te havia de perder.

Oh! eu já sabia que tu me havias de amar. Sabia-o. Disse-mo o meu demónio, que te escolhera como o supremo instrumento do meu castigo. Sabia que não poderias ser minha, porque eras um anjo, e eu o infamíssimo dos homens, o mais desgraçado dos infames. O mais desgraçado é aquele que não pode estrangular a sua consciência.

Meditei enganar-te. Ser teu marido. Fugir contigo, embrenhar-me num sertão onde ouvidos humanos me não ouvissem, e aí dizer-te: Luta com Satanás, e arranca-lhe das garras a minha alma.

E tu perdoar-me-ias, Matilde. E as tuas lágrimas de pena, de arrependimento não, lavar-me-iam, e de teus pés eu me ergueria com a face sem o ferrete, que já agora há-de aqui queimar-me eternamente.

Eu bem sabia que te havia de perder, e que tu havias de chorar-me, infeliz anjo!

Chamaste-me a mim *infeliz!*

Oh! Deus te pague em alegrias da terra e do céu o bem que me fizeste! Eras a primeira criatura que não dava uma bofetada na face do justicado exposta às afrontas do mundo.

Levo-te na minha alma, pura visão dum instante; sei que me hei-de resgatar pela dor da saudade. Chorei. Foi muito, foi o primeiro favor de Deus. Conheci que há uma providência e uma justiça superior à dos homens.

Adeus, Matilde. Quando na tua presença amaldiçoarem o meu nome, ergue o teu coração a Deus, e pede-lhe que salve do meu abismo os infelizes que se aproximam dele, empurrados pela sociedade, que os há-de crucificar depois.

Adeus»!

Matilde leu a carta, rasgou dela uma tira de papel sem letras, e escreveu a lápis estas linhas:

«Espera que eu me possa erguer deste leito, e depois irei contigo onde Deus quiser. Juntarei as minhas orações às tuas, e venceremos o teu mau destino. Bei que me esperas porque me amas.

Matilde.»

XXI

Augusto Botelho desejou formar-se em Coimbra. Teve apenas de vencer o obstáculo da saudade que lhe opunha Gregório e sua mulher. Queria Rosa que fossem habitar em Coimbra durante a formatura de Augusto; mas Gregório, a esse tempo, estava muito enredado em negócios com o governo, cujo credor ele era.

Gregório credor do governo português! exclama a Europa.

É verdade, que não ousareis contestar-me, ó nações civilizadas! O governo português devia ao senhor Gregório Redondela algumas dúzias de contos, que puderam amparar um ministério que esteve a baquear-se por um cabelinho! Com o dinheiro de Gregório, ganhado na taverna do Leão das Espanhas, no *retiro admirabile*, e na taverna da rua das Gáveas, e na carvoaria, com esse dinheiro pagou o ministro da guerra à guarnição do Porto, que queria sublevar-se, e com isso consolidou a sua permanência no poder.

Se a guarnição se revoltasse, das duas uma: ou o ministério se demitia, e vinha outro pior que assoprava a revolta; ou o ministério resistia, e, sob qualquer pretexto, a quádrupla aliança e os espanhóis vinham por esta pátria dentro, e senhoreavam-se dela em nome da ordem e do equilíbrio social. Vista a questão por esta racionalíssima face, a nossa autonomia deve-se ao senhor Gregório. Viva, pois, a independência nacional, e o senhor Gregório, que sendo galego, tinha nas entranhas uma faísca dos bravos de 1640, faísca que entra em corpos de galegos porque não acha peitos portugueses em que se meta.

Foi Augusto para a Universidade, e distinguiu-se na vida estudiosa e no porte honesto. A sua mesada era sobeja, e das demasias repartia com académicos pobres, que ali iam provar que a vida de sapateiros lhes seria menos espinhosa e muito mais prometedora de lucros.

Foi igual ao primeiro em todos os anos. Formou-se, doutorou-se, e concebeu o plano de viajar, se o não contrariasse a vontade de Gregório.

O pobre homem chorou, quando tal soube; mas acedeu, dizendo que a felicidade do seu filho era a dele própria.

Foi Augusto Botelho despedir-se a Évora de Carlota, e achou-a feliz. Pediu-lhe que fosse fazer companhia a Dona Rosa. (*Dona?* porque não! A esposa do senhor Gregório já tinha sido convidada para madrinha dum filho de oficial maior de secretaria, e andara a passear no passeio público com uma baronesa, e fora ao Tivoli com as irmãs dum conselheiro, e tinha já um cunhado comendador, o qual comendador era latoeiro, quando Gregório casou.) Carlota condescendeu com Augusto, e saiu para a companhia de D. Rosa, que passava o inverno na cama com ataques de reumatismo agudo.

Levou Augusto para o estrangeiro muitas cartas de recomendação colecionadas por Gregório nos gabinetes dos ministros e dos diplomatas.

Deteve-se em Paris o tempo necessário para se aborrecer, fugiu de Londres que não tinha sol nem lua, e foi para a Suíça, onde o convidava a fama das alcantiladas serras e pitorescas colinas e prateados lagos, que ele amava como poeta sedento de coisas grandiosas.

Estanceou alguns dias na terra natal de J. J. Rousseau, e desceu às margens do lago de Genebra. Aí ficou embelezado nas surpreendentes maravilhas que lhe absorveram o anseio de ver muito em rápido lance de olhos. Tomou um pequenino *chalet* pendurado na próxima encosta, e de lá escreveu aos seus amigos dizendo que descansaria três meses naquele ponto, o mais lindo do universo.

Andava, numa tarde, Augusto passeando à borda do lago, e viu um grupo de

peessoas sentadas sobre o prado matizado de boninas. Era um homem de meia idade, uma senhora de trinta e tantos anos, dos meninos de oito e cinco anos, e uma criança no colo da ama. O chefe daquela família estava lendo em voz alta. O menino mais velho ouvia, com o braço enroscado ao colo de sua mãe. O imediato brincava com um belo molosso; e a ama colhia flores, que a criancinha desfolhava.

Augusto parou, a pequena distância, contemplativo, disfarçando o seu reparo. Foi-se aproximando como quem seguia seu caminho e ouviu a pronúncia do leitor: era portuguesa. Já mais de perto conheceu que eram versos dos Lusíadas, no episódio de Inês de Castro.

Não conteve Augusto o seu espanto, se não era mais ainda saudades da pátria, vendo portugueses no lago de Genebra, e ouvindo tão longe os versos queridos de Camões. Parou tão vizinho do grupo, que a dama fitou nele os olhos com certo enleio também de admirada da audácia.

– Peço perdão – disse Augusto. – Parei, porque sou português, e ouvi a música da minha pátria.

O cavalheiro, que depusera o livro para encarar no adventício, disse:

– É português!? bem vindo seja o nosso patrício. Não tem de que pedir desculpa. Somos todos portugueses, excepto estes meninos, que ainda assim folgam de ouvir o poema, que não deixa morrer o nome da pátria de seus avós. Há quanto tempo está na Suíça?

– Há poucos dias, e aqui demorarei três meses, se a impressão deliciosa, que sinto, se não gastar.

– Aqui, não se gastam as impressões, meu caro patrício. Renascem em cada repontar de manhã e esconder do sol. Sente-se connosco, e ajude-nos a admirar. Vive perto do lago?

– Além, no morro daquela encosta.

– Perto vivemos. A nossa casa, há sete anos, é a que o senhor encontra do outro lado deste outeiro.

– Pois há sete anos que saíram de Portugal?

– Há mais. Viajámos e parámos aqui, e aqui morreremos, se Deus não contrariar os nossos votos. Onde é?

– De Lisboa.

– Quando saiu de lá?

– Há nove meses.

– Deve estar muito mudada nas coisas e nos homens!

– Conheci-a sempre assim nas coisas: os homens é que estão mais civilizados. Há mais cavalos e carruagens.

– É então o cavalo que prova a civilização do homem? Bom é que assim seja, para que o homem possa dar cavalo por si.

Riram todos da graça, e a esposa acrescentou ao riso:

– Quem me dera ver a Lisboa da minha infância.

– Porque não vai, e volta, se ama tanto estes lugares, minha senhora? – disse Augusto.

– Não vamos porque o Sá de Miranda recomenda que ninguém se mude, se está bem. E o senhor quando volta? – perguntou o cavalheiro.

– Passados alguns meses.

– Quer-nos dar a honra da sua convivência?

– Aceito-a com muito reconhecimento.

– Mas o dever é que eu o visite primeiro, senão convidá-lo-íamos a ir tomar chá connosco.

– Pois eu – replicou Augusto – prescindindo da cerimónia para não perder o obséquo e o prazer de os acompanhar.

Foram conversando sobre diversos relanços das viagens que ambos tinham feito nos mesmos países.

Augusto maravilhou-se da beleza do *chalet* do português, e das fertilíssimas searas, que o rodeavam, e se debruçavam no pendor da montanha para irem continuar no vale em dilatadas várzeas.

– Arrendou estas propriedades, ou elas não pertencem à casa? – perguntou Augusto.

– Comprei a casa e as propriedades. Não tenho mais do que isto que vê, e daqui tiro a frugal subsistência da minha família. Ainda lhe não disse o meu nome, para me autorizar a perguntar-lhe o seu.

– O meu nome é Augusto Botelho.

A esposa do cavalheiro soltou um ai que fez estremecer Augusto. O marido empalideceu com os olhos fitos no hóspede; mas, caindo em si no mesmo repente, disse:

– Minha mulher não pode ouvir pronunciar o nome *Augusto*, sem que o coração lhe mande aos lábios um involuntário gemido. Augusto era um irmão querido, cuja morte ela ainda chora.

– Fui, pois, eu a causa duma dor, que não podia prever... – disse Augusto, crendo, sem vacilar, na explicação do grito.

Dizer ao leitor que os habitantes das margens do lago eram Manuel de Castro, sua mulher e filhos, seria duvidar de sua penetração.

Agora, enquanto Augusto se está recreando, em pueris diálogos, com os filhinhos de Matilde, e Manuel de Castro se recobra lentamente do alvoroço, que lhe fez a quase certeza de ter em sua casa o filho de Inácio Botelho, saibamos os sucessos ulteriores àquelas linhas da filha de Francisco Valdez.

Castro, lido o bilhete, sentiu em sua alma um novo raio de graça divina. Já o raptar ao velho Valdez a filha se lhe afigurou uma indignidade. A paixão, que ele sentia, sinceramente era a primeira, porque era muito nela o respeito e a adoração; todavia, pensava ele que o roubar Matilde ao pai seria prolongar a série de seus infortúnios e encavar novos espinhos na consciência. Prometeu a Matilde esperar que ela tivesse forças para segui-lo, e logo rompeu por todos os estorvos do seu orgulho para ir lançar-se aos pés do duque, e pedir-lhe que o levantasse do seu abismo, e ouvisse a voz de Severo de Castro, que lhe estava suplicando pela voz do filho.

O duque chorou, e venceu a repugnância de apertar ao seio o infeliz filho do seu amigo. Compreendeu logo o compassivo fidalgo que era Matilde o anjo redentor daquela alma; e que Manuel de Castro, abandonado dela voltaria à vida da libertinagem, ou à desesperação do suicida.

Prometeu o duque falar com Francisco Valdez, sem assegurar o bom êxito da tentativa.

Ao mesmo tempo, Matilde pedia a seu pai que lhe ouvisse uma confissão sincera como ela a faria a Deus. E confessava o seu desgraçado amor a Manuel de Castro, e a precisão de morrer, para que seu pai a não amaldiçoasse por alguma desobediência. O velho chorou com ela.

Santo Deus! porque é que ninguém odiava Manuel de Castro?. Donde procedia o compadecerem-se todos dele, e andarem como a esconder de si mesmos o affecto que lhe tinham?

As irmãs de Matilde falavam dele como a leitora costuma falar dum mancebo muito virtuoso, que conhece, e a quem todos os pais querem dar as suas meninas. O

velho Valdez, para se desculpar a si próprio, dizia no secreto da sua consciência, que todo homem tem rapaziadas e loucuras que o levam a crimes, se a mão severa dum pai o não retém, contra os impulsos que a sociedade lhe dá.

Assim estava amolentado o ânimo de Valdez, mas indeciso ainda o requerimento de Matilde, quando o duque, depois de engenhosos rodeios, chegou ao ponto de dizer que se tivesse uma filha, e ela amasse Manuel de Castro, não teria dúvida em dar-lha. Isto enquanto a mim era mentira; mas passe, que mal se pode conseguir somente com argumentos verdadeiros coisa que preste, neste mundo, e neste século patarata.

Francisco Valdez nem levemente resistiu à solicitação do duque, muito menos quando o respeitável fidalgo lhe disse que Manuel de Castro restituíra o furto indirecto que fizera, logo que teve recursos para restituí-lo, e a este propósito veio citando passagens daquele capítulo, já mencionado a páginas, da *Arte de furtar*, e dos ladrões que em sua opinião entendem não dever restituir.

Depois desta prática, pediu o duque vénia para entrar ao quarto de Matilde, e anunciou-lhe o dia aprazado para o casamento, se ela estivesse restabelecida. Nem a homeopatia conseguiu ainda maior triunfo! Ao outro dia, Matilde estava a passear, e fazer-se rosada e linda, que seria mesmo pecado não amá-la!

Sabedor do resultado das suas súplicas ao duque, Manuel de Castro, com grande espanto de seus conhecidos, vendeu os trens, vendeu as alfaias do seu palacete, despediu os criados, e tomou um singelo quarto em hotel obscuro. Os seus haveres, realizadas as vendas, cifravam-se em trinta ou quarenta contos de réis.

O duque maravilhou-se desta resolução, e perguntou ao noivo o motivo de tal mudança. Respondeu Manuel de Castro que saía de Paris com sua esposa, logo que se recebessem, e ia comprar terras na Suíça, onde tencionava residir, em ditosa obscuridade e esquecimento do mundo.

O duque aprovou o alvitre, e curou de obter com a sua influência a necessária licença para o casamento, sem dependência de certidões.

Celebraram-se os desposórios, sem mais testemunhas que a duquesa e seu marido, Francisco Valdez e suas filhas.

No dia seguinte, saíram os noivos para a Suíça e lá se aposentaram naquela casinha em que os deixámos com Augusto Botelho.

Como temo de ouvir argumentar que a felicidade absoluta neste mundo é uma paradoxal visão dos poetas, por isso me reprimo de dizer que Matilde e Manuel de Castro tinham sido absolutamente felizes nos oito anos que haviam vivido à margem do lago de Genebra.

Nem homem mais amado, nem mulher mais estremecida ajuntou Deus, depois que expulsou o primeiro casal do Éden. Se alguma vez, o espírito lhes fugia para a pátria, o coração ficava lá, enquanto o espírito vinha e ia nas asas da saudade sem dor, e da esperança vaga sem ansiedade. Muitas vezes se disseram:

– Voltaremos a Portugal?!

Mas esta pergunta era logo repreendida por outra que a si mesmos se faziam os venturosos esposos:

– Não somos nós aqui tão felizes?!

XXII

Manuel de Castro não tinha ainda dito o seu nome ao moço viajante; mas já Augusto o chamava pelo seu apelido. Ouvira-o proferir aos criados, e nem por uma dessas instantâneas reminiscências que vagamente preocupam a memória, se lembrou do Manuel de Castro, tantas vezes falado na sua infância.

Dizia Matilde sobressaltada ao seu marido, enquanto Augusto Botelho andava no terraço da casa folgando com as crianças:

- Estás certo que é este o filho de Inácio Botelho?
- Deve ser; mas não estou bem certo, filha. Hei-de ter logo a evidência.
- Tencionas declarar-te?
- Porque não?

Quando Augusto voltou à saleta, em que era servido o chá, pediu desculpa de ter-se demorado a contemplar o lago, que, àquela hora da noite luminosa, parecia incrustado de prata.

Manuel de Castro disse que, depois do chá, desceriam ambos à margem do lago, e navegariam alguma hora encostados à costa.

Aceitou Augusto muito alegre o convite, e lastimou-se de não ser poeta, como os poetas que versejam, para poder cantar as suas comoções.

- Pois nunca fez versos? – disse Castro.
- Versos, nunca. Escrevi umas linhas que eu nem já sei o comprimento que tinham. Era eu muito menino, e muito desgraçado quando quis cantar minhas dores.
- Pois foi muito desgraçado quando era menino? – atalhou Castro.
- Muito, fui muito desgraçado.
- Há-de contar-me os seus infortúnios em prosa, já que perdeu a memória das suas poesias, sim, senhor Augusto?

- Contarei, sem pejo, e até sem desprazer.
- Pois logo será, sobre as águas do lago – disse Castro.
- E eu não hei-de ouvir também? – acudiu Matilde.

– E queres tu ir ao ar da noite? Não receias uma constipação como tantas que tens trazido da beira d'água?

- Hoje não receio; e, se me constipar, tu continuas a ser o meu enfermeiro, filho.

Desceram às dez horas à margem, e saltaram num barquinho de rodas, que obedeciam ao descansado impulso de dois dedos.

Nos primeiros quinze minutos ninguém falou. Parece que a natureza, tomada de respeito, emudecera na presença daquele céu, ou o céu estava em correspondência de misteriosas e inaudíveis palavras com as águas límpidas do lago, onde a lua se espelhava em cada ondulação movida pelo zéfiro. Depois, Manuel de Castro, guiando o barquinho a uma enseada em que as águas eram mortas, abriu mão da manivela, e deixou-o baloiçar-se brandamente - ao sabor da viração.

- Conte-me agora a sua infância, senhor Augusto – disse ele.

Principiou o hóspede recordando-se de sua mãe, que escassamente lhe deixara traços já quase desvanecidos; mas esses poucos bastaram a comoverem-no a lágrimas, que não choraria, se o local, e a hora, e as circunstâncias fossem outras. Às vezes se dá o ininteligível fenómeno de recebermos de fora a exuberância de sentir, que nos faz chorar por coisas, que em outros lugares, de todo seriam indiferentes ao nosso espírito.

Falou com muita saudade de seu pai, e repetiu frases dele, cujo valor dependia todo do amor filial que as recordava. Contou em seguida a morte solitária dele, e reflectiu no desamparo em que morrem aqueles, que se esquecem nos anos vigorosos de

criar uma família a quem doam os gemidos da agonia.

– Eu sei que dormi na antecâmara do quarto em que meu pai agonizava – disse Augusto com abafadas vozes. – Dormi, porque era uma criança; e, enquanto eu dormia, uma desgraçada mulher, seduzida por outro desgraçado como ela, tratavam de espoliar parte do dinheiro que havia em casa. Houve, nessa formidável hora do passamento de meu pai, horrorosas cenas de sangue. Um criado, que tínhamos, querendo obstar ao furto, foi apunhalado, e conduzido moribundo a um hospital, e a governante, que eu tinha em conta de mãe, endoudeceu de remorso, quando a consciência lhe abriu os olhos para ver a sua infâmia.

Manuel de Castro sem desfitar os olhos dos revérberos da neve eterna que, muito ao longe, cobria os cabeços do Monte Branco, escutava a narração de Augusto.

O sobrinho de D. Leonor prosseguiu historiando a sua ida para Montalegre, o desamor com que o receberam, o destino que lhe deram, a demanda em que foi vencido, e espoliado das últimas migalhas do seu património.

Nesta passagem, foi, pela primeira vez, interrompido por Manuel de Castro, que lhe perguntou se ele não estivera num colégio estudando preparatórios para cursar a Universidade, a expensas de sua tia.

Maravilhou-se Augusto da pergunta, e deteve-se a pensar no sentido oculto dela, antes de responder que só mais tarde estivera no Colégio dos Nobres, mas não a expensas de sua tia.

Castro remediou a precipitação da pergunta, dizendo que o julgava educado à custa dessa parenta, embora ela o deserdesse, por não imaginar que pessoa estranha tomasse a si o encargo da sua formatura.

Achou Augusto natural o reparo, lembrando-se que antes de começar a história da sua infância já havia dito a Castro que era formado, e estudara os preparatórios no Colégio dos Nobres.

Continuando, respondeu aos reparos contando o encontro, que tivera com o criado, ferido na defesa do seu património, quando o antigo criado estava rico. Disse a grandeza de alma de Gregório, e o amor de filho que lhe consagrava, sem pejo de o confessar.

Falou de Carlota, das diligências feitas para encontrá-la, e da miséria extrema em que a viu, depois de andar mendigando por portas o alimento da mãe cega. Narrou o acolhimento que lhe dera Gregório, a delicadeza da sua caridade, a ponto de nunca recordar à infeliz as cenas atrozés que a levaram à demência, como expiação do crime. Descreveu-a, depois, no convento de Évora, com aparências de felicidade, orando, trabalhando, e esperando a morte com alegre semblante, sem contudo a pedir a Deus.

Matilde chorara na última parte da narrativa do hóspede, que fora eloquente na pintura do infortúnio, como quem tinha ainda no espírito as cores, as imagens entalhadas pelo ferro das fomes, dos ultrajes, e dos desesperos abafados. Através de dez anos, no colégio, na Universidade, e nas salas, e nas viagens nunca o filho de Inácio Botelho encontrara alma digna das suas expansões. Era aquele português, acantoadado na Suíça, o primeiro homem que lhas ouvia, o primeiro coração que acordara as simpatias do moço. O rosto angelical e compadecido de Matilde parecia oferecer a Augusto uma alma de mãe para lhe entender as filiais saudades. Desde que o narrador viu lágrimas no rosto dela, deu largas à sua mágoa, e mostrou quantas jóias de elevados sentimentos entesourava no seio, acrisoladas no cadinho da desgraça, e relevadas no quilate ao fogo brando da religiosidade e da confiança na justiça divina.

Terminada a história, Manuel de Castro apertou a mão de Augusto, e disse-lhe comovido:

– Deve haver nas personagens do seu drama um ente, de quem pouco me disse, e

esse de todos é o único infeliz, porque parece que não houve quinhão para ele, nem de remorsos nem das recompensas com que, cedo ou tarde, a Providência foi recompensando todos os outros. Quero falar do homem que aceitou o roubo de Carlota, e nunca mais restituiu.

– Restituiu – atalhou Augusto.

– Sim?! – tornou com veemente júbilo Manuel de Castro.

– Restituiu a quem, segundo a lei, devia restituir. Soube-o eu sete anos depois da restituição... Já lhe disse que minha tia era casada com um magistrado, despedido do serviço como miguelista, posto que o pobre tolo aceitaria ser tudo, e servir com o diabo, se este sujeito tivesse juizes de fora nas suas judicaturas infernais. O certo é que minha tia, há dois anos, expulsou pela terceira vez o marido, e fugiu para Espanha com um filho segundo, que se encarregou, mediante o sustento e o vestido no estrangeiro, aca-riar os anos já inverniços da perdida criatura.

O bacharel andava lá por Montalegre caindo de miséria, quando lhe ocorreu o pensamento de ir a Lisboa pedir ao governo algum baixo emprego para subsistir. Andou o homem em Lisboa pelas secretarias os dias de seis meses; e de noite esmolava, dizendo sem pejo o seu nome e a sua antiga posição na magistratura. Umas das pessoas a quem ele pediu esmola foi Gregório. O bom homem, como curioso por bondade de índole, quis ouvir-lhe a história, e conheceu que falava com o marido de minha tia Leonor. Disse-lhe que o acompanhasse, deu-lhe em sua casa um quarto, mandou-me ir de Coimbra às férias de natal, e apresentou-mo, perguntando-me se eu o conhecia. A custo me recordei da fisionomia do doutor Silva, sulcada pela velhice, e pela miséria. O desgraçado, ao conhecer-me, emparveceu, e quis ajoelhar-me aos pés. Tomei-o nos braços com sincera compaixão, e entreguei-o à protecção de Gregório, cujo valimento bem podia levantar o homem muito acima das suas mais ambiciosas esperanças. E levantou-o até o fazer auditor. Ora, foi então que o marido de D. Leonor, contando as malfeitorias dela, denunciou que a quantia, roubada do espólio do meu pai, lhe fora restituída um ano depois que eu fui mandado guardar os porcos e os meninos do especieiro de Chaves. Já vê, portanto, vossa senhoria – acrescentou Augusto – que não há personagem alguma execrável na melhor tragédia. O bom Gregório, quando soube da restituição, disse com jovial sombra: «Está feito! o homem, se me restituísse o sangue, que me tirou das goelas, ficava sendo honrado na minha opinião!»

Manuel de Castro, finda a miúda exposição que levou horas, aproou à terra o barquinho, e mandou um de seus criados acompanhar Augusto ao seu *chalet*, pedindo-lhe que no dia seguinte voltasse mais cedo para navegarem o lago duma a outra margem.

Ausente Augusto, dizia Manuel de Castro a sua mulher:

– Como poderei eu dizer-lhe quem sou?! Nada me obriga a fazê-lo, salvo o coração que me impele a abraçá-lo!

– Deixa-me a mim dizer-lho – respondeu Matilde.

– Não! – replicou Manuel de Castro. – De que serviria o dizê-lo? Augusto terá o direito de perguntar-me com o seu silêncio se eu devo os bens que possuo ao dinheiro, que roubei do espólio de seu pai. Para que há-de ele conhecer-me? Este meu desejo em que necessidade se funda? Deixemo-lo viver na ignorância de quem foi o homem a quem ele confiou o segredo das suas desgraças. Eu não sei como o mundo me avaliaria se eu contasse a restituição como merecimento. Creio que mal, Matilde. Só tu me ergueste aos meus próprios olhos, porque me deste o baptismo das tuas lágrimas, O mundo não tem coração. Augusto conquanto generoso, levará de mim uma recordação negra.

XXIII

O senhor Gregório Fernandes Redondela amanheceu um dia com grandes saudades de Augusto.

Comunicou à esposa a sua inquietação; e, com este prazer agridoce, conheceu que tinha uma companheira de sentimentos. Na véspera, recebera o senhor Gregório carta de Augusto, escrita de Genebra, e a triste notícia da sua demora de três meses na linda vivenda que tomara nas montanhas sobranceiras ao lago Lemán.

O capitalista não sabia nada de geografia; razão de mais para se desgostar de que o seu Augusto escolhesse montanhas para viver, tendo-lhe ele recomendado que fosse estar em Roma, que era a primeira cidade do mundo, e não viesse de lá sem ver o Papa – recomendação em que a senhora D. Rosa insistiu muitas vezes.

– Está-me cá dando uma veneta daquela casta, Rosa! – disse Gregório, quando se estava lavando. – Vê lá se adivinhas, mulher!

– Ora, se adivinho, meu tolo! Eu leio-te no coração...

– Pois se lêes, diz pra aí o que sabes.

– Tu está a pensar em ir onde está o menino.

– Deste no vinte! Agora é que te digo que tu lêes no meu coração, Rosinha! E que mais? Não lêes mais nada?

– Leio, Gregório, pudera não ler... Isso é dos livros...

– Então, diz lá.

– E queres levar contigo a tua Rosa.

– Cáspite! Sem tirar nem pôr. Vamos, rapariga.

– É quando quiseres, homem!

– Assim que houver vapor.

– Mas o pior é que a gente não sabe como há-de lá por essas terras de Cristo perguntar o caminho para as montanhas. Mas diz lá o ditado que quem tem boca vai a Roma.

– E quem tem dinheiro vai lá mesmo sem boca, mulher. Eu vou entender-me com o mestre de francês de Augusto, e ele escreve-me as perguntas em francês pra nós lá por fora sabermos como havemos de pedir de comer lá por essas estalagens da França e da Inglaterra... Acho que o caminho para a Suíça é pela Inglaterra.

– Pois, homem, trata de saber essas coisas. Olha que o menino, quando nos vir, fica pasmado!... E, depois, Gregório, de lá vamos para Roma, sim?

– Isso é lá quando o pequeno quiser, menina. Se ele gostar de morar nas montanhas, deixá-lo, que isso é génio de temperamento, como diz o médico, e não há remédio senão dizer com ele... Pois, enfim, eu vou tratar do que é preciso, e pôr em ordem o negócio para o guarda-livros saber quando se vencem as letras. Depois irei ao resto, e por estes oito dias lá vamos, Rosinha, ver e mundo, e dar um alegrão ao nosso rapaz.

Graças ao mestre de francês, muniu-se de abundantes perguntas e requisições o viajante, excepto em inglês, porque, segundo o mestre, e com grande admiração do senhor Gregório, Inglaterra não ficava no caminho da Suíça.

Durante o trajecto do mar até Saint-Nazaire, a senhora D. Rosa, quando não ia enjoada, dava louvores a Deus pela magnificência das suas obras, e pasmava de ver o mar incomparavelmente maior do que se lhe afigurava, visto do «cais das colunas» onde ela fora algumas vezes admirá-lo.

Gregório, com o papelinho das perguntas e requisições na mão, ia perguntando e pedindo; porém o mestre olvidara-se de adivinhar as.. respostas, e escrever ao lado a

tradução.

Não obstante, bem dizia o capitalista que com dinheiro, e mesmo sem boca, se vai a Roma. Como levava carta dum ex-ministro da sua intimidade para o nosso ministro em França, foi-lhe logo dado um intérprete, que, sobre lhe aplanar as dificuldades de se fazer entendido, o forneceu de provisão de termos franceses bastantes para dar uma volta à roda do globo, levando dinheiro, que é indisputavelmente a língua universal.

Com uma carta que levou de Paris para Genebra, conseguiu Gregório saber de pronto onde morava Augusto, e não se deteve na cidade de J. Jacques Rousseau, mesmo porque o nosso viajante, quando lhe indicaram em mau espanhol a casa do filósofo, voltou-se para a senhora D. Rosa, e disse:

– Que nos importa a nós saber onde morou o homem?

– Deus tenha a sua alma no céu – disse D. Rosa – se ele fez por isso.

O cicerone, que não entendia a língua, inferiu do aspecto contemplativo de D. Rosa que a casa de Rousseau impressionara vivamente os portugueses. (Não se agravem os meus patrícios da carta de naturalidade que dou ao senhor Gregório. Se tivéssemos vinte como aquele, a nossa civilização material estaria num pé muito mais adiantado. Saibam que a ele se deve a estrada que liga Valongo ao Porto, e a conservação do ministério, que mais viação pública fomentou).

O guia dos nossos amigos, quando chegou ao cais, que, a pequena distância de Genebra, corta o lago, formando uma enseada para os barcos, entusiasmou-se quanto o seu ofício de indicador lhe impunha, e chamou a atenção dos viajantes para o majestoso espectáculo, que os rodeava. Mostrou-lhes as serras boleadas do Monte Branco com o seu diadema de gelo. À esquerda, apontou-lhes a cordilheira do Jura, cuja cor pardacenta contrasta com o alvor das serras alpinas. À beira do lago, indicou-lhes os centenaes de povoações que as águas espelham, as águas dum formoso anil, escamadas de cintilantes safiras Quando a lufada da brisa lhes encrespa a superfície. Entre as povoações avultavam Vila Nova, e a cidade de Lausana.

Quis o condutor que os viajantes entrassem na casa que habitava Staël, quando o desafecto de Napoleão a levou a conspirar em terra estranha, mas formosa terra escolhera aquela varonil alma para lutar soberana do espírito contra o soberano da força!

Estas e outras coisas dizia o francês aos nossos viajantes; Gregório, porém, umas não lhas entendia; outras achava-as extremamente secantes.

Enquanto a D. Rosa, essa, de vez em quando, cortava a veemência noticiosa do francês, para lhe perguntar onde era a casinha de Augusto.

Respondia-lhe o officioso guia que deviam ver o castelo de Ferney, onde Voltaire habitava, e lá veriam o leito, as cadeiras, a mesa, tudo, no quarto em que Voltaire dormia, e na mesma disposição em que o deixara o eminente reformador do mundo. Não esqueceu ao entusiasta do filósofo de Ferney aguçar o apetite boto dos viajantes, dizendo-lhes que lá veriam também um cinerário de mármore com seu epitáfio, destinado a entesourar o coração de Voltaire.

O senhor Gregório, já impaciente, voltou-se para a consorte, e disse a meia voz:

– Já viste uma coisa assim?

– O homem tem demónio a falar nele, Deus me perdoe! – disse a senhora D. Rosa.

Com quatro horas de jornada chegaram à povoação, donde se subia para a chá da serra, em que alvejava a casinha de Augusto Botelho.

Vinha este descendo a lombada da montanha, quando ouviu uns grandes brados, e logo conheceu Gregório, e D. Rosa. Correu o moço ofegante a abraçá-los, e, antes de poderem trocar-se as primeiras saudações, desfogaram em lágrimas a sua alegria.

O francês deixou-os neste enlevo, e veio dizendo consigo que nunca vira viajantes

mais estúpidos à borda do lago de Genebra.

XXIV

Depois que D. Rosa e Gregório declararam estar restabelecidos das forças extenuadas na agem, convidou-os Augusto a irem com ele passar uma tarde em casa de uns portugueses que moravam, havia sete anos, à borda do lago, provando que a felicidade neste mundo é realizável. Disse ele que na companhia dos esposos passava o mais do seu tempo, ora lendo, ora conversando, ou folgando com os filhinhos do seu amigo, que pareciam anjos criados no paraíso terreal com toda a inocência e meiguice que o Criador lhes dera.

D. Rosa, ansiosa de falar com uma senhora portuguesa, aceitou alegremente o convite, e pôs-se logo a caminho, encostada ao braço de Augusto.

Quando se avizinhavam ao *chalet* de Manuel de Castro, estava Matilde cuidando das suas flores, e Manuel de Castro, à sombra de uma faia, dava lições de francês aos dois meninos mais velhos.

A aparição dos hóspedes foi inesperada.

Manuel de Castro, se não fossem os precedentes, encararia uma e muitas vezes o antigo criado de Inácio Botelho sem conhecê-lo. Gregório, porém, apenas se defrontou com o português, reteve o passo e a respiração, abrindo a boca, e espavorindo os olhos.

– Aqui lhe apresento os meus pais adoptivos, sr. Castro! – disse Augusto.

Manuel de Castro não respondeu, e Matilde estava a um lado, com a cor perdida, e os olhos espantados no rosto pálido do esposo.

Augusto sentiu-se enleado no meio desta cena muda.

Castro rompeu o silêncio, e disse com sorriso, que tem este nome, por ser realmente um sorriso:

– O senhor Gregório já me conhece, eu estendo a minha mão ao pai adoptivo do senhor Augusto Botelho. Receba-ma, senhor Gregório, e corte-a, se a vê ainda salpicada do seu sangue.

A imagem era levantada de mais para Gregório, que decerto lhe estenderia a mão, sem tanto consumo de estilo: mas o que ele não teve foi palavras, que possamos repetir, em prova da sua perturbação.

O mais perturbado parecia Augusto. Foi a ele que Manuel de Castro se dirigiu nestes termos:

– Era forçoso que o senhor Augusto, antes de sair da Suíça, me tirasse a afeição, que deu ao desconhecido. Eu prezava-o muito, por isso lhe ocultei os infortúnios da minha mocidade. Poderia chamar-me ingrato à confiança, que lhe ganhei: mas repare que a sua infância eram desgraças, e a minha mocidade eram infâmias. Despreza-me, senhor Augusto Botelho?

O filho de Balbina apertou a mão de Manuel de Castro, conduziu-o à beira de D. Rosa, e disse-lhe:

– Peço-lhe que apresente a seu marido o amigo de seu filho, minha querida mãe.

– Não é preciso tanta coisa... – disse Gregório recobrando a sua razão alguns momentos ourada. – Dê cá um abraço, senhor Manuel de Castro. O passado, passado. Se o senhor não acerta de me segurar, quem o matava era eu. E de mais a mais, o senhor fez uma acção, que é de homem honrado. Não falemos em mais nada. Com que então, esta senhora é sua mulher, e aqueles meninos são seus filhos?

– Sim senhor.

– Por muitos anos e bons. Então que faz Vossa Senhoria por aqui? Não lhe é melhor ir para a pátria?

– Não tenho pátria, senhor Gregório. O homem deixa de ter pátria, quando precisa

esconder em terra estranha um vilipêndio que o tornou indigno de seus concidadãos.

– Ora, deixe-se disso, o senhor há-de tornar para Portugal, ou eu não hei-de ser Gregório!

Riram os olhos de Matilde à palavra *Portugal*. Manuel de Castro, à força de abafar a sensibilidade que se enleva na magia das esperanças, nenhum sentimento exprimiui no aspecto impassível.

A boa Rosa, com os seus dizeres singelos e candura de benevolente coração, chamou de parte a Matilde e pediu-lhe que resolvesse o marido a voltar para Portugal.

– Tem lá a nossa casa – disse ela – que é um convento, e não envergonha enquanto a limpeza. Eu hei-de ser muito amiga de Vossa Excelência, e verá que o meu Gregório se afeiçoa a seu marido. Nós, graças a Deus, somos muito ricos: trabalhámos muito algum tempo; agora tudo nos corre bem para nós e para quem precisa do nosso amparo. O que eu queria era que o nosso Augusto nos não deixasse. Meu marido sem ele parece que anda a morrer de tristeza. É verdade que o pobre moço precisa de ter com quem converse, e nós bem sabemos que somos gente sem educação para o entretermos. Olhe, minha senhora, venha connosco já; venha. Vamos todos a Roma se o meu Augusto quiser que vamos.

E prosseguiu nesta intimidade subitamente contraída a carinhosa consorte de Gregório.

Parece coisa desnatural isto assim como eu o vou contando! Há-de sair-me a crítica do meu leitor, impugnando que Rosa, à primeira vista, se afeiçoasse à mulher do homem que lhe tivera o marido às portas da morte. Confesso-lhe eu que me não insurji contra a verosimilhança da história, quando assim ma contaram. Não obstante, contrapus os meus reparos para, a todo o tempo, poder satisfazer às dúvidas do leitor, que eu venero muito.

Disse eu a Augusto:

– Se eu, alguma vez, contar a sua vida, como você me pede, muita gente razoável duvidará que o santo homem Gregório – a quem eu já não posso chamar galego aceitasse tão depressa a mão de Manuel de Castro, que lhe cortou a garganta, e fez outros estragos nas costelas. Duvidará também que a senhora D. Rosa metesse logo tão dentro na sua estima a mulher de Manuel de Castro, e ambos levassem a sua simpatia ao excesso de os quererem trazer para Portugal, e hospedá-los em sua casa, como quem recebe velhos amigos. Hão-de dizer, acrescentei eu, que o senhor Gregório, afinal de contas, estava revelando a procedência galiciana com as baixezas da sua indignidade, e que a senhora Rosa lá tinha os seus princípios de pundonor trazidos do estaque ou do primeiro marido, que fora ponto no teatro do Salitre, posto que os princípios da dignidade dum ponto devem de testar saturados, por assim dizer, dos altos brios dos personagens trágicos, que ele deve saber de cor.

Augusto Botelho achou desgraciosas estas minhas reflexões, e disse-me com desgosto:

– Pois se acha que os factos, como eles se deram, não são naturais., invente-os você para serem mais aceitáveis. O que eu lhe assevero e que Rosa tinha o coração à flor dos lábios, e Gregório, se não tinha grandes brios, sobejava em honra, em caridade, e desejos de bem-fazer a amigos e inimigos. E, todavia, não diga que este homem rezava de braços abertos nas igrejas, para que o público lhe acredite as virtudes de Gregório como sobre-humanas e milagrosas.

XXV

Tenha o leitor a condescendência de ir comigo a uma época, trinta anos anterior àquela em que deixamos os viajantes em Genebra. E observem, de passagem, que este romance sobreexcede todos os meus romances na complicação das situações, em que os outros andam acoimados de pobreza. É que raras vezes se apanham de surpresa histórias tão maravilhosas, e eu, quando mas não contam, escrupulizo sinceramente em inventá-las. A verdade na novela é a minha religião; e aposto eu que muitas religiões são menos verdadeiras que as minhas novelas.

É o caso que, em 1813, havia em Lisboa uma menina de família limpa. Chamava-se Carolina, tinha vinte e cinco anos, rara formosura, e virtudes admiráveis.

O pai desta menina era empregado no erário, e vivia decentemente do seu emprego. Não tinha outra filha, nem outros cuidados nesta vida: na outra, tinha a alma da esposa no céu, e para lá aspirava, sem contudo pedir a Deus que o ajuntasse à alma da consorte, enquanto a filha não tivesse amparo certo e digno no mundo.

Carolina amava, desde os vinte e um anos, um moço pobre, empregado no comissariado, e órfão, com duas irmãs que sustentava, O pai de Carolina ignorava esta afeição, e cuidava em lhe escolher marido. Como a amava muito, e a queria ver feliz, escolheu-lhe um sexagenário, chefe da sua repartição, homem só, e abastado.

Quando ele veio radioso de alegria dar a boa nova à filha, viu que o seu júbilo era correspondido com lágrimas. Cerrou com ela em perguntas, já severas, já carinhosas, e soube que Carolina amava o pobre amanuense do comissariado.

Porque a amava muito, repreendeu-a com quanto azedume o seu muito amor lhe permitia, e fixou o dia em que devia realizar-se o casamento.

Carolina ouviu-o silenciosa; e, na véspera do dia aprazado, fugiu de casa, e abrigou-se em companhia das pobres irmãs do amanuense.

O pai, ignorando o destino da filha, e a morada do moço, que lha roubara, andou louco, enquanto a febre o não prostrou. Desta febre morreu, e morreu amaldiçoando Carolina, porque a amava muito.

Carolina só pôde saber que seu pai agonizava, quando ia para a igreja paroquial receber-se com o amanuense. Quando eles entravam no templo, saía o sagrado viático para o enfermo. Entraram nas turbas, que acompanhavam o Senhor; mas, quando o pálio parou desceu um criado, anunciando a morte de seu amo.

Não obstante, o casamento celebrou-se naquele dia; os esposos entraram na posse da casa do defunto empregado no erário; mas, nessa mesma hora, aberto o testamento, souberam que a mobília estava hipotecada a dívidas, e dinheiro não aparecia algum em casa. O pai irritado alienara fraudulentamente quanto possuía, porque amava muito sua filha e queria provar-lhe o seu amor além da morte.

Voltou Eduardo Pinto para a companhia de suas irmãs: era mais uma boca a sustentar, mais uma boca aberta à miséria.

O velho, que quisera casar com Carolina, prometeu continuar a vingança do seu defunto amigo. Facilitou-se-lhe influir na demissão de empregado, e conseguiu. Eduardo foi expulso sem argumento nem satisfação.

Queria pedir recursos, e não tinha a quem; queria ganhá-los, e todas as repartições se lhe fechavam; queria vender os utensílios domésticos para comprar pão à mulher e irmãs, mas tudo que tinha não valia o sustento de três dias.

Primeiro, chorou, e viu que as lágrimas não remediavam nada. Depois, rompeu em desatinos de louco, e num intervalo de reflexão viu que a fome aumentava, e o terror que infundia nos seus, tornava mais deforme o aspecto da indigência.

Um dia saiu para se precipitar do arco grande das águas-livres, e encontrou um capitão de navios com quem falara no escritório de seu trabalho algumas vezes. Parou a contar-lhe o seu destino, e cedeu o braço ao marítimo, que o levou consigo. Do facto, que se deu oito dias depois, podemos inferir o que se passou entre eles:

Eduardo foi no navio do capitão, avisando sua mulher, de bordo.

Carolina recebeu a nova, quando estava aleitando uma filha de ano e meio. Os peitos da atribulada mãe secaram naquele instante. A criança retirou os lábios, e chorou. A mãe, desmaiada e caída em braços de suas cunhadas, já lhe não ouviu os gritos.

Dias depois, cada uma de suas cunhadas, recebia o seu amante, que as tinham mimosas e fartas. Carolina saiu com a filha, e alugou uma casa ao rés da rua no beco das Galhas, onde pagava três mil réis cada seis meses.

Daí saiu, com a filha nos braços, por casa das antigas relações de seu pai, pedindo, não esmola, mas trabalho. Algumas afastaram-na com brandos modos e promessas de lhe arranjar um recolhimento e uma subscrição para se sustentar; outras, menos generosas em promettimentos, deram-lhe que fazer trabalhos de costura grossa, e obra de engomadeira.

Carolina aprimorou-se neste trabalho, e conseguiu alcançar fama de excelente engomadeira.

Entretanto, Eduardo, que dizia a sua mulher seguir a rota do Brasil, foi para a África, iniciou-se na tomada de escravos, aventurou-se à fortuna dos sertões, e na pesquisa dela, que tão próspera lhe acenava, foi-a seguindo e internando-se no interior do país. De diversos pontos, onde o ensejo se lhe oferecia, mandou a sua mulher fartos meios de subsistência; mas estas remessas eram entregues às irmãs, e, estas, já então decaídas da efémera glória que dá a desonra, não escrupulizaram em consumir os seus recursos e os da cunhada. Alguns anos depois, para se livrarem de remorsos completaram a infâmia da acção: o meio de não sentir remorsos é estalar a última fibra dos sentimentos bons. Fizeram sentir a Eduardo que Carolina se separara delas, para naturalmente evitar testemunhas da sua vida desagrada.

Eduardo engolfou-se em aventuras arriscadas para enriquecer-se: era a maneira de olvidar-se, trazendo a vida em transes; mas a fortuna amoldava-se-lhe às mais arremessadas ambições.

Trinta anos vagou nos sertões da África e da América, sem experimentar os reveses que intervalam os arrojados da cobiça insaciável. A pátria já lhe tinha esquecido, quando, segunda vez na sua vida, encontrou no Amazonas o capitão do navio, que o levava à África.

Tinha estado o velho marinheiro em Portugal um ano antes, e a curiosidade o movera a indagar acerca da família do rico Eduardo Pinto. Então soubera que a mulher do seu protegido, vinte e nove anos antes, nunca recebera uma migalha das sobras do mau marido; que a filha desta infeliz, depois de se ter prostituído, estivera douda num hospital, e que a pobre mãe cegara de chorar, e acabara os dias da vida, pedindo por portas, tendo sempre tido vida de trabalho, de honra, de exemplo, e de lágrimas.

Já o leitor sabe que o rico Pinto é o pai da Carlota, reclusa no mosteiro de Évora.

XXVI

O capitão, quando encarou Eduardo, disse-lhe com a rudeza de homem do mar, que avassala as fúrias do oceano como as soberbas dos poderosos vermes da terra:

– Por minha honra lhe digo que me arrependi de impedir que o senhor, há vinte e nove anos, se atirasse do arco grande das águas-livres! Eu quis conservar uma vida, que devia amparo a outras, e fiz um monstro, cevado nas riquezas que eu lhe mostrei. Sempre cuidei, senhor, que sua mulher e filha viviam na abundância; procurei notícias delas com o desejo vaidoso de lhe dizer que era eu o salvador de seu marido e pai, e o homem a quem elas deviam tudo abaixo de Deus. Boa a fiz, não tem dúvida! posso limpar as mãos à parede! Sua mulher, depois duma vida honrada, morreu a pedir esmola; sua filha, depois de ter-se dado a quem lhe matasse a fome, esteve douda no hospital, e de lá saiu para dar a mão à mãe que tinha perdido os olhos. Ao mesmo tempo soube que o senhor fora liberal com duas irmãs, que andavam por lá dissipando em devassidões as suas liberalidades. Uma morreu; a outra, já com cabelos brancos, ainda sabe como o dinheiro atrai amantes de cabelos pretos. Ora isto é que eu não esperava de si, senhor Eduardo. Com que diabo de consciência você tem vivido? Que mal lhe fez a pobre senhora, que, segundo ouvi de sua própria boca, se fez desgraçada por desobedecer ao pai?

O capitalista mostrou ao capitão as cartas de suas irmãs, avisando-o da vida irregular de sua mulher. O capitão, firmado nas informações que colhera, defendeu Carolina, mas desculpou até certo ponto o marido.

Desde esta hora o coração de Eduardo era presa dum abutre que lho espicava com dúvidas atrozes e remorsos inconsoláveis.

Deu-se pressa em voltar a Portugal, abandonando tudo, que pouco importava para a grande riqueza que possuía realizada.

Chegando a Portugal em Janeiro de 1844:, foi procurar a irmã que ainda existia. Apresentou-se com um nome suposto, e sondou a vida de sua irmã. Não discrepava um ponto das informações, que lhe dera o capitão. Falou na mulher de Eduardo Pinto, morta de miséria. A irmã mostrou ignorar que ela tivesse morrido; mas fugia de falar da vida de sua cunhada. Perguntou-lhe o suposto amigo de seu irmão se era certo Carolina ter desonrado seu marido. A irmã empalideceu, e não ousou confirmar a calúnia. O hóspede insistiu pertinazmente na devassidão de Carolina; e a mulher, vencida do seu remorso, ou não ousando caluniar a infeliz que tinha morrido, disse que sua irmã e não ela, escrevera a Eduardo deprimindo as virtudes da cunhada.

Então, o homem da escravatura, tirando duma carteira um maço de cartas, abriu uma, e disse:

– Esta letra é sua ou de sua irmã?

– É minha... – disse ela tremendo e vergando, debaixo da mão de Deus.

Eduardo fez um pé atrás, e assentou-lhe o outro em cheio no peito.

– Hás-de morrer entre farrapos, infame!

Estas palavras sufocaram o grito da mulher. Conheceu então o irmão, e prostrou-se para beijar o pé que a impelira contra a parede. Eduardo saiu, olhando de relance para a opulência de sua irmã. Acudiu-lhe um pensamento de atroz vingança. Meditou em pôr uma mordação na boca daquela mulher, incendiar os trastes de estofos que rodeavam as saias, e forçá-la, atada de pés e mãos, a morrer nas lavaredas.

À natureza do homem deste século repugna a melodramar de tal feitio! Venceu a natureza do século, que é de luzes, mas não gosta de fogueiras.

Eduardo saiu, aprazando outro género de vingança, como se não fosse bastante

deixá-la vender os móveis para comer, e morrer de fome, quando não tivesse móveis.
Então se leu nos jornais de Lisboa o seguinte anúncio:

Precisa-se saber se vive e onde vive uma senhora chamada Carlota, filha que ficou de Carolina Amélia de Bastas, que morou no beco das Gralhas com profissão de engomadeira, e foi casada com Eduardo Pinto dos Reis, ausente em parte incerta há trinta anos. Se alguém puder dar os pedidos esclarecimentos, faça-o no hotel de Itália ao proprietário do mesmo, na rua de S. Francisco, que fará nisso grande bem à pessoa procurada.

Chegou às mãos do capelão do convento de Évora o jornal. Sabia ele que a reclusa de Lisboa se assinava *Carlota dos Reis Rastos*. Chamou-a à grade, leu-lhe o anúncio, confirmou-se de que era a mesma, e encarregou-se de escrever ao proprietário do hotel de Itália nos seguintes termos:

D. Carlota dos Reis Rastos, filha legítima de Eduardo Pinto dos Reis, ausente de Portugal há trinta anos, e de Carolina Amélia de Rastos, falecida em Lisboa, em 1841, reside actualmente no mosteiro das franciscanas de Évora cidade. O capelão do mesmo convento, padre Luís de Sousa.

O milionário, acabando de ler a carta, sentiu uma alegria que tocava no extremo da dor, tamanhas convulsões lhe sacudiam os nervos e desordenavam o giro do sangue. Dava ordens sobre ordens, ora pedindo carruagens, ora cavalos para transporte.

Aos hóspedes mais estranhos contava a ventura de encontrar sua filha; às filhas do dono do hotel prometia grandes presentes no dia em que a sua chegasse; aos criados dava dinheiro por não poder dar-lhe abraços; era a doídice da felicidade, a mais ridícula de todas, quando as pessoas, que a presenciavam, não tomam parte dela.

Foi Eduardo a Évora, e fez-se anunciar como pessoa que desejava ver a senhora D. Carlota dos Reis.

Teve em resposta que a secular não costumava receber visitas desconhecidas.

– Queira dizer-lhe – replicou o velho à porteira – que é um antigo amigo de seus pais que a procura.

Veio Carlota à grade.

Já disse, noutra parte deste escrito, que a reclusa, meses depois que entrara no convento, recuperara os traços da perdida formosura. Agora, acrescentarei que, por efeito duma nutrição mediana, as feições se haviam arredondado, as cavidades tinham desaparecido, a cor renovara-se sadia e bela com o sangue, e Carlota aos quinze anos não fora mais bela do que estava sendo com trinta e dois incompletos.

Orgulho de pai! Eduardo, quando a viu tão bela, sentiu o que poderia sentir um noivo que, pela primeira vez, se avistasse com a esposa prometida! A voz traiu-o, o coração paternal queria subir aos lábios, e romper nos doces nomes que lhe dava a ternura que o enchia, e os raptos de felicidade que desobedeciam a um propósito feito.

Reprimindo quanto podia o sobressalto, disse

Eduardo:

– Conheci-a, minha senhora, quando vossa excelência tinha ano e meio. Fui amigo de seu pai, que vossa excelência não conheceu.

– Tinha eu essa idade, quando ele saiu de Portugal.

– Seu pai é vivo?

– Nunca mais tivemos notícias dele. Minha mãe esperou-as alguns anos; mas afinal perdeu as esperanças.

– E suas tias, por parte de seu pai, nunca lhas deram?

– Minhas tias abandonaram-nos. Vossa senhoria conhece-as?

– Conheci; mas disseram-me que elas viviam em abundância.

– Penso que sim; mas à custa de vergonhas.

– Ouvi dizer que seu pai as socorria fartamente.

– Não pode ser... Se meu pai socorresse as irmãs, é natural que também socorresse a mulher e a filha.

– A senhora D. Carlota tem dúvida em me contar a sua história e a de sua mãe?

– A história de minha mãe reduz-se a poucas palavras: trabalhou enquanto teve vista; e pediu esmola depois que cegou. A minha história é uma cadeia de desgraças que Vossa Senhoria por delicadeza me não perguntaria, se tivesse uma leve suspeita da minha vida.

– Não farei mais alguma pergunta. Era seu pai que desejava notícias de Vossa Excelência.

– Meu pai! – exclamou Carlota – pois meu pai ainda vive!?

– Sim, minha senhora.

– Onde vive meu pai?! poderei eu ainda vê-lo...

– Queira esperar um instante – disse Eduardo comovido.

E desceu à portaria, deixando Carlota perplexa da saída.

O velho foi ao ralo, chamou a porteira, e disse-lhe:

Dá licença que minha filha me venha abraçar à portaria?

– Sua filha?! A senhora D. Carlota?

– Sim, minha senhora.

A porteira subiu à grade, e disse:

– Minha senhora, vá abraçar seu pai, que está à espera na portaria.

– Meu pai?! — disse Carlota.

– Sim, menina; o sujeito que a chamou à grade.

Carlota ergueu-se, quis descer, mas tremia a ponto de precisar amparar-se ao ombro da porteira. Abriu-se a porta, e Eduardo, contra os estatutos da casa, deu dois passos dentro do mosteiro, e apertou a filha nos braços com tanta ânsia e soluços, que a porteira andou a chamar gente para verem o tocante espectáculo.

Nestes sublimes transes, raros na vida, há mais raras palavras ainda que os descrevam. O certo é que a filha de Carolina Amélia foi levada em braços para o seu quarto, quebrantada pelo peso da alegria, e Eduardo Pinto pediu por caridade à priora que o deixasse passar o dia ali, enquanto sua filha recuperava as forças, à portaria do convento para saber muitas vezes do seu estado.

O capelão, que forçosamente devia entrever nestes lances, consultou os seus praxistas em regras monásticas, e autorizou a priora a deixar entrar aos aposentos de Carlota seu velho pai.

As doenças motivadas pela felicidade são síncope passageiras. Carlota, no dia seguinte, estava pronta para acompanhar seu pai. O capelão, que se fazia valer muito por ter sido o ditoso assinante do jornal que publicara o anúncio, acompanhou-os para Lisboa. Duas seculares amigas de Carlota foram também. A alegria do velho era tamanha, que daria a sua imensa riqueza para ver toda a gente feliz.

Quinze dias depois, todos, salvo o capelão, saíram para Paris, onde Eduardo Pinto resolveu fixar a sua residência.

Carlota sabia que os seus protectores viajavam, e teve o doce pressentimento de encontrá-los em França.

XXVII

Nunca Eduardo Pinto perguntou a sua filha o menor episódio de sua mocidade. Sabia, por lho haver dito o capitão, que ela, depois de uma grande queda, se levantara desonrada e douda. O amantíssimo pai compunha um romance desta dupla desgraça de sua filha – o romance vulgar da sedução, do abandono, e da loucura. A não ser sua própria filha, quem iria em Paris contar-lhe o repugnante crime, cujo remorso a enlouquecera?

O que ele sabia é que o filho dum fidalgo, em cuja casa ela estivera servindo, encontrando-a, passados anos, muito pobre e doente, a levava para casa dum galego rico, antigo criado do mesmo fidalgo, e este lhe dera meios para ela se recolher a um convento.

Miserável orgulho do homem! Eduardo, se bem que do coração agradecesse ao benfeitor que deu asilo à filha desamparada, secretamente desejava não se encontrar com o benfeitor para sua filha se não ver humilhada! É assim formado este barro, que ergue a cabeça para o céu, e diz que o seu destino é lá. Será, será: eu desisto de questionar o destino de cada um; oferece-se-me, porém, cuidar que o céu tem outros objectos, incomparavelmente mais grandiosos que o homem, com que se adornar; por exemplo: o cão, não só o cão que lambeu as chagas de S. Francisco, mas todo e qualquer cão que vos segue, e ama, e agradece o bocado de pão, até morrer por vós, e lambe morta a mão que lho dava. Se o céu estivesse a concurso, o opositor, que eu mais temia, era decerto o cão.

Tornando aos racionais, Eduardo Pinto comprou casa em Paris, com magnífico frontispício, e jardim de muitas raridades da flora. Mobilou-a asiaticamente, e serviu-a de criados com suas librés, e pejou os pátios de carruagens de diferentes tamanhos e feitios.

D. Carlota dos Reis foi pouco tempo Carlota dos Reis.

Eduardo deixara em Portugal os seus agentes encarregados de comprar um título para sua filha. Quem isto ler, há-de pensar que em Portugal se compram títulos. Isto é um modo de escrever, aprendido no artigo de fundo. Os estadistas é que dizem uns aos outros que as graças estão à venda, e que os corretores do cofre são pessoas capitais da república. Se eles mentem, sua alma sua palma.

O que sei de pessoas fidedignas é que D. Carlota dos Reis Pinto e Bastos, em galardão das avultadas esmolos que deu aos estabelecimentos de caridade, e valiosos donativos com que sobreveio às necessidade do estado, recebeu o titulo de viscondessa dos Reis em duas vidas, e pouco depois a faixa da ordem de Santa Isabel, vinda de Espanha, não sei por que serviços feitos às necessidades de Espanha.

Eduardo Pinto manteve-se ileso de hábitos, como se aquele espírito vulgar pudesse competir em isenção com os raros heróis, que repelem de si os títulos e as honras que não são honra.

O viscondessa dos Reis cativou a atenção dos parisienses; mas, como não estava relacionada, o valor da sua pessoa era meramente extrínseco: maiores seriam os reparos e as idolatrias, se soubessem que estava ali uma viscondessa, uma dama da ordem de Santa Isabel, e, sobretudo, o valor de alguns milhões de francos.

Chegaram cartas de Portugal a Paris recomendando a altos personagens o português Eduardo Pinto dos Reis. Correram espontâneos os hóspedes à casa do milionário, e ele a todos apresentou a elegante viscondessa, que, em pouco tempo de prática, falava a língua francesa com passageira correcção, e um *sotaque* mui gracioso aos ouvidos parisienses.

Já o camarote de Eduardo Pinto era concorrido de grandes leões, e de leões pequenos; uns, notáveis senhores por seus avós, outros, por seu dinheiro, outros por sua indústria misteriosa.

Francisco Valdez, o legitimista ainda emigrado, porque jurara não consentir que a pátria ingrata lhe carcomesse os ossos, foi um dos portugueses chamados a honrarem-se nos salões da viscondessa dos Reis. Levava ele suas filhas, e a cada passo falava numa, que tinha casado com um português na Suíça. Abstinha-se, porém, de divulgar-lhe o nome, porque a consciência lhe dizia que o nome de seu genro não era muito para se dizer a portugueses.

Uma filha de Valdez, íntima da viscondessa, correu um dia com grande satisfação a dar-lhe parte de que sua irmã estava na volta de Roma, caminho de Paris.

– Que alegria eu tenho! exclamava ela, abraçando-se com a viscondessa – tu verás que linda e que meiga é minha irmã! Tem quatro filhos, e eu sou madrinha do mais novo. Se ela tiver outro, hás-de ser tu a madrinha, sim, viscondessa?... Não sabes? a minha irmã é baronesa, dá-me hoje essa parte, e o pai, como é realista, não gostou que ela tenha título. Forte caturrice de meu pai! tomara eu um!

Exclama agora o leitor: «Pois o Manuel de Castro está barão?»

Tenho o consolador patriotismo de lhe dizer que está, e não fui eu que o fiz, foi Gregório Redondela, foi o ministro do reino, foram os seus merecimentos, que lá constam do decreto, posto que o decreto, por motivos que passo a narrar, nunca apareceu no *Diário do Governo*; mas quem quiser, vá à Torre do Tombo que lá o encontra. *Torre do Tombo!* é bem dado, e profético o nome. Um *tombo* assim como aquilo tem levado! É onde pode chegar!

Pois aí vai a história deste baronato; e, se vossas excelências quiserem, conto-lhes, assim mais trinta e duas, afora outras trinta e duas, que o meu vizinho me há-de contar.

Manuel de Castro dissera uma vez expansivamente a Augusto Botelho que não podia voltar a Portugal com o nome com que saíra, porque o seu nome recordaria o facto do seu precipício a um abismo de infâmia irreparável. Os argumentos de Augusto não o demoveram do propósito.

Contou Augusto o acontecido a Gregório, e este, depois dum curto recolhimento ao profundo recesso dos seus expedientes, disse:

– Se não é mais do que isso, diga ao senhor Manuel de Castro que há-de ir para Portugal com outro nome.

Disse, a escreveu pelo primeiro correio, estando em Roma.

Quinze dias depois que escreveu, era expedido do governo de Portugal ao ministro em Roma o diploma de barão da Nóbrega para Manuel de Castro da Nóbrega Aboim, apelidos que eu apresento ao leitor pela primeira vez, e que Augusto descobriu numa conversação intencional com o seu amigo.

Manuel de Castro, ao receber o ofício, ficou muito mais admirado que o leitor, quando eu lhe dei a notícia: mas como a admiração é coisa que se gasta, o novo barão convenceu-se de que o era, e que já não tinha evasiva plausível, Para aparecer em Portugal com uma cara muito diversa, da que levara, e um nome completamente desfigurado.

E Gregório viu que era óptimo tudo o que fizera, e disse entre si, com legítima ufania, que tinha feito um barão, e podia fazer quatro, se quisesse.

Ora aqui têm. Não há nada mais correntio que isto.

Admiram-se que Gregório não seja já de visconde para cima? Também eu. Há-de confessar-se que o único sujeito de perfeito juízo, neste romance, e estava quase a dizer neste mundo, é Gregório, não desfazendo em ninguém.

XXVIII

A última vez que Augusto escrevera a Carlota fora de Genebra, incluindo a carta noutra a Gregório. Contava-lhe a intimidade em que vivia com uma família portuguesa, que habitava no lugar mais formoso do mundo. Dizia-lhe que se deteria três meses naqueles sítios, e depois iria à Itália, e, tornando por Paris, recolheria a Portugal, onde o chamavam saudades dos seus verdadeiros amigos.

Carlota, quando saiu do convento, escreveu a Augusto, dirigindo a carta para Genebra. Pediu ao pai que a fizesse chegar ao seu destino, e Eduardo Pinto, conhecedor da intenção louvável da carta, fez que ela fosse na mala da legação.

Quando a carta chegou à Suíça, já Augusto e as outras famílias portuguesas tinham saído para a Itália. A pessoa, que de Paris fora encarregada de entregar a carta a Augusto, achou mais seguro retê-la, e esperar que o viajante voltasse.

Quando recolheram, com intenção de descansarem, e continuarem para Paris, Augusto recebeu a carta, na qual Carlota extensamente lhe contava a vinda de seu pai, trinta anos ausente, a sua saída do convento, os extremos de afecto com que era tratada, a inútil riqueza de que se via rodeada, e a sua próxima ida para Paris, onde o pai queria residir. Terminava Carlota pedindo-lhe a ele, e aos seus benfeitores que, ao passarem por Paris, lhe dessem ocasião de lhes pagar com reconhecidas lágrimas o bem-fazer que lhes devia.

Augusto comunicou a carta a Gregório e Rosa, pedindo-lhes que não proferissem uma palavra a tal respeito diante de Manuel de Castro, que já a esse tempo era barão da Nóbrega.

Andava Augusto cismando no modo de desviar o barão de Paris, propunha-se jornadas por outras direcções; mas a baronesa, que desejava ver a sua família, quando tal proposta ouviu, pela primeira vez na sua vida sentiu ódio a quem tal propunha. Além disso, já ela tinha avisado os seus, e com tanto contentamento, que seria amargurá-la sem precisão o desviarem-na do seu destino.

– Que razão há, senhor Augusto, dizia o barão, para que não vamos a Paris?

Augusto não sabia com que dissimular a resposta.

Na correnteza destes sucessos, recebeu Matilde uma carta de sua irmã mais nova com o seguinte período:

«Vem depressa, que está aqui a mais amável criatura do mundo, portuguesa, muito linda, da tua idade, e viscondessa. Amamo-la todas como irmã, e ela já te quer como a nós. Eu já a convidei para madrinha do teu quinto filho. Estou morta que o tenhas. Os elegantes andam todos atrás dela, que de mais a mais é milionária. Estou a ver que esse rapaz português, que anda convosco, se apaixona por ela, e o papá já disse que talvez fosse um óptimo marido para alguma de nós. Não te demores, comadrinha. Estou ansiosa por devorar com beijos a minha afillhada.»

A baronesa, com o riso nos lábios, mostrou esta carta a Augusto, e disse-lhe:

– Olhe lá se vai apaixonar-se pela viscondessa...

– É possível, minha senhora – respondeu Augusto. – Quando se vai de Itália, leva-se o coração cheio de amor.

Partiram para Paris. D. Rosa adoeceu no caminho. Pobre senhora! nunca tivera tanta saúde como quando se deitara na cama doente... Que absurdidade! diz o leitor. Parece; mas é outra coisa. Augusto, receando que Carlota, sabedora na legação da

morada de Gregório, os fosse procurar, e necessariamente aí encontrasse Manuel de Castro, pensou no modo de se adiantar a preveni-la, e só achou expediente na simulada doença de D. Rosa. Disse ele ao barão que se não detivesse com sua mulher à espera da convalescença de enferma; o barão, porém, contra vontade de sua mulher, sacrificou-se ao dever de esperar. Isto queria Augusto, e logo aproveitou o azo para se antecipar dois dias de jornada, e ter em Paris tudo pronto à chegada da família. Pareceu ao barão pueril a pressa; mas não a contradisse, entendendo que Augusto era moço, e queria aproveitar alguns dias de desassombrada liberdade em Paris.

– Bem o entendo, maganão!... disse ele ao ouvido do seu amigo. – Vá, e viva dois anos em dois dias. Desforre-se da vida anacoreta do *chalet* do lago.

Partiu Augusto, e chegou a Paris. Foi à legação, e perguntou por D. Carlota dos Reis. Ninguém lhe soube responder. Foi ao teatro da ópera, sem leves esperanças de encontrá-la; correu inutilmente outros teatros na mesma noite, e volto ao outro dia a indagar na legação, contentando-se com achar algum apelido, que indiciasse o pai de Carlota.

De feito, encontrou um Eduardo Pinto dos Reis.

– Deve ser este, disse ele.

– Esse é o conhecido em Paris pelo negreiro, e é pai da viscondessa dos Reis, que naturalmente é a Carlota que o senhor procura – disse-lhe o secretário da embaixada.

Com o nome da rua, e número da casa, foi Augusto dar ao vasto peristilo dum palácio. Fez-se anunciar, e esperou na sala um alentado homem de bigodes brancos, que disse ser o pai da senhora viscondessa dos Reis, que ia já entrar.

Surgiu no limiar a deslumbrante senhora, que seis anos antes Augusto vira sentada no chão térreo, comendo côdeas de pão amolecidas em água.

A viscondessa recebeu o filho de Inácio Botelho nos braços, e beijou-o na fronte, exclamando: «meu filho!»

Eduardo Pinto enrugou o sobrolho, e pareceu-lhe grande desenvoltura o acto.

– Fui eu que o ensinei a falar, meu pai! –acudiu ela, adivinhando o ânimo do velho.

– A amizade e a gratidão – replicou o pai – têm mil outras maneiras de se manifestar.

Eduardo era duas vezes selvagem: uma pelos sertões, onde vivera vinte e tanto anos, outra pelos milhões que trouxera das selvas.

Augusto arrefeceu diante daquele carácter de ferro, e não atinou com o que devia dizer. Perdidas as esperanças de poder falar a sós com ela, o moço, recordando-se da carta da irmã de Matilde, disse abruptamente:

– A senhora viscondessa conhece em Paris, uma família portuguesa, cujo chefe é Francisco Valdez?

– Perfeitamente: sou amicíssima das pequenas, e meu pai muito amigo do velho. Agora estão elas esperando a baronesa da Nóbrega, que vem de viajar na Itália. O senhor Augusto conhece esta família?

– Conheço a baronesa: foi minha companheira de viagem, e chega aqui depois de amanhã.

– Sim? oh! que alegria vai ter a família!... Vamos todos esperá-la.

Augusto empalideceu visivelmente.

– Está incomodado, senhor Augusto?! que mudança de semblante lhe notei!

– É verdade! – ajuntou o velho.

– São padecimentos instantâneos, minha senhora. Um instante de repouso me basta.

– Descanse. Encoste-se a essas almofadas –disse Eduardo, fazendo passar

Augusto da cadeira cerimoniosa para os fofos dum divã.

– Peço o favor de uma gota d'água.

Eduardo passou à sala imediata para chamar um criado. Apenas ele desapareceu, Augusto disse precipitadamente à viscondessa:

– Olhe que o barão da Nóbrega é Manuel de Castro!

Carlota expediu um grito, ergueu-se convulsa, e mal se ergueu, caiu no mesmo sofá, sem sentidos.

Acudiu o velho ao grito, viu sua filha sem cor de vida, e exclamou:

– Que foi isto?

Augusto tartamudeou:

– Um acidente súbito da senhora viscondessa...

– Não creio em acidentes súbitos – replicou o velho colérico, com a face e olhos chamejantes.

– Que disse o senhor a minha filha?

O que não pode ser dito a Vossa Excelência – respondeu Augusto serenamente.

Apareceu então o criado que ele fora chamar.

Eduardo, indicando Augusto, disse ao criado:

– Acompanhe aquele senhor até ao pátio.

O filho do fidalgo transmontano sorriu, e murmurou:

– Podia Vossa Excelência obrigar-me a uma saída menos pacífica. Agradeço-lhe esta.

– Que diz o senhor? – replicou o velho.

– Que se enganou comigo, senhor Reis. Bom será que Vossa Excelência ignore sempre o que eu vim aqui fazer; mas, se o souber, convença-se de que está perdoado.

E saiu, quando Carlota se agitava vertiginosa nos braços do pai.

XXIX

Horas depois, entravam duas filhas de Francisco Valdez, anunciando que a baronesa chegava no dia seguinte.

Já então a viscondessa estava no leito, respondendo com soluçantes gemidos às instantes perguntas do pai.

Felizmente, entraram as meninas. Carlota compõe o rosto, enxugou as lágrimas e recebeu-as sentada no leito.

– Não posso acompanhar-vos a esperar vossa irmã – disse a viscondessa – estou doente, prostrada, não posso comigo.

– Hás-de ir, filha – disse carinhosamente O pai. – Por isso mesmo é que um passeio de carruagem te há-de ser útil.

– Pois, sim, eu verei se posso ir – disse Carlota, obedecendo a uma inspiração luminosa. – Querem vocês ir dar agora um curto passeio comigo?

– Vamos! – exclamaram as meninas.

Meu pai, manda sair uma carruagem?

– Vou já, e eu hei-de acompanhá-las. Minha filha está com feições de louca.

– De louca, meu Deus! – bradou com transporte Carlota, lembrando-se dos quatro anos no hospital. – De louca! Estarei eu douda outra vez!?

As irmãs de Matilde aterraram-se da exclamação, e o velho, estreitando a filha ao seio, disse muito comovido:

– Não, não, meu anjo. Isto foi um dito impensado. Tu sofres muito, seja pelo que for; mas não tens sinais alguns de louca.

Estava a carruagem à espera. Carlota lançou um xaile sobre os ombros, enastrou os cabelos desalinados, saiu com um lançar de olhos sinistro, desceu as escadas oscilante, relanceava a vista penetrante para coisas insignificantes em que nunca reparara, e entrou na carruagem maquinalmente.

E o pai ia limpando as lágrimas, enquanto as filhas de Francisco Valdez se encaravam assombradas.

A carruagem chegou aos Campos Elísios, e recebeu ordem de retroceder para casa de Valdez. Fora Carlota que dera a ordem num brado, que arrepiou os cabelos ao velho. Já para ele era como certa a reincidência na loucura.

Aparearam. Carlota pediu para ficar a sós com a mais velha das meninas, e disse-lhe:

– Está em Paris um rapaz português chamado Augusto Botelho. Preciso falar com ele em tua casa, senão morro, ou mato-me. Sai na minha carruagem a procurar, por meio da embaixada, onde ele mora. Vai tu mesma procurá-lo. Vê se o introduzes num dos quartos da tua casa, sem que meu pai o saiba. Se me queres salvar, não te demores um instante.

A perturbada menina saiu imediatamente. Eduardo ouviu o rodar do seu trem, e perguntou se alguém mandara os criados embora. Carlota respondeu:

– Emprestei a carruagem à minha amiga para ela ir fazer compras.

Eduardo, conquanto muitas vezes emprestasse a sua carruagem a Valdez, enfiou com a resposta, e sentiu que aquela partida tinha relação com Augusto.

A irmã de Matilde voltou uma hora depois. A viscondessa correu ansiosa ao encontro dela, como se seu pai lhe não visse o arrebatamento.

Em todas aquelas acções aceleradas, nas palavras desconexas que dizia, no olhar errante e torvo com que parecia querer penetrar a intenção de quem lhe falava para distraí-la, era tudo ameaças terríveis da demência; ela mesmo sentia já o peso das trevas

sobre a razão.

A senhora, que voltava com aspecto aflito, disse:

– Falei-lhe.

– E então?

– Não vem.

– Como? não vem?

– Escreveu este bilhete. Lê.

Era uma carta lacrada.

Dizia assim:

«Tranquelize-se. Eu vou fazer agora o que já devia ter feito. Vou encontrar-me com*** Farei que ele não entre nessa casa. Como, não sei. Tenho confiança nele. Eu ia pedir-lhe a vossa excelência que saísse de Paris, porque vai para Portugal. É tarde. Era preciso que seu pai soubesse tudo. Quem lho dirá? Adeus. Creio que não a verei mais. Reputo-a desgraçada. A sua felicidade ficou no mosteiro de Évora.»

– E não vem? – exclamou Carlota.

– Pois ele não to diz? – observou a amiga.

– E perdi o anjo da minha redenção? – bradou com mais força.

A estes gritos, acudiu o pai, perguntando que papel era aquele.

Carlota concentrou-se, esteve queda e silenciosa alguns segundos, dobrou o papel, fechou-o na mão direita, e murmurou:

– A minha felicidade ficou no mosteiro de Évora... É preciso que eu vá procurar a minha felicidade no mosteiro de Évora...

– Que dizes, minha filha? – balbuciou o pai com entranhável paixão.

– Leve-me, por piedade, ao convento donde me tirou!

– Jesus! – exclamou o velho, abraçado com Francisco Valdez – a minha filha está douda!

Isto foi dito ao ouvido do fidalgo, que o chamou ao seu quarto.

– Ouça-me, disse ele, aqui há amor contrariado em sua filha.

– Amor!?

– Sim. Vossa Excelência deve saber o que deu causa a isto.

– Pode ser, pode ser... amará ela Augusto?

– Quem é esse Augusto?

– É um português, que hoje a procurou, e disse-lhe palavras, que a deixaram neste estado.

– Aí tem, senhor Reis. Adivinhei. Salve sua filha: deixe-a casar, que eu também deixei casar a minha com um homem de reputação perdida, para salvá-la. E esse homem é hoje o barão da Nóbrega, é mais que barão, título que eu cordialmente detesto – é mais que fidalgo, porque é honrado. Deixe-a casar, meu amigo.

– Mas ela nunca me disse que amava tal homem!

– O verdadeiro amor é assim: retrai-se, quando o contrariam, e mata.

Dá-me licença que eu chame aqui sua filha, sem testemunhas?

– Eu lha trago: salve-ma à custa seja do que for.

Foi Carlota, guiada pelo pai, ao gabinete de Francisco Valdez.

– Senhora viscondessa, reanime-se. Adivinhei a sua dor: tem um excelente pai. Quero ver o seu coração a sorrir nos olhos. Tem licença para casar com Augusto.

Carlota abriu uma vista estúpida, e fez um gesto de lábios como quem atenta para ouvir palavras que não entendeu.

– Que é? – disse ela.

– Seu pai consente que Vossa Excelência case com Augusto.

– Com Augusto? – tornou ela. – Augusto Botelho?

– Sim, com Augusto Botelho.

– Meu pai disse isso? Eu casar com Augusto! eu! a Carlota! a pobre Carlota! casar com a criancinha!

Valdez não sabia já qual dos dois era mentecapto, se o pai, se a filha! Pois se Augusto era uma criancinha, como pôde o velho suspeitar que a filha o amasse até a loucura? Se era um homem feito, como podia a viscondessa figurá-lo criança? Ao parecer de Francisco Valdez, um dos dois era doudo varrido, e não havia que fazer da razão perdida da viscondessa, se ela tinha o dom de fazer criança o homem por quem se apaixonara.

A segunda parte do raciocínio era racional.

Carlota já não ligava ideias, nem palavras com sentido. As senhoras da casa choravam, vendo-a rir. Eduardo escondia-se para que a filha o não ouvisse. Os médicos entravam chamados a um tempo por diferentes criados. Encaravam a febril senhora, que nem sequer dava por eles. Nada diziam, nenhuma esperança davam. Ouviam-na falar de sangue nas escadas, nas agonias do moribundo, do cofre roubado; e de tudo concluíram que se apagara a luz daquela formosa lâmpada, que tão funda tristeza fazia nas trevas.

XXX

A cinco léguas de Paris, encontrou Augusto as duas famílias. A baronesa, ao vê-lo, cuidou que a sua gente viria perto. Augusto ia triste, lívido, e com um pensamento atroz gravado na fronte.

Na primeira estação em que pararam as carroças, o filho de Inácio Botelho chamou de perto o barão da Nóbrega, e disse-lhe:

– O meu amigo vai sacrificar-se à salvação de Carlota dos Reis.

– Carlota! – exclamou o barão – onde está essa mulher?

– Carlota é a viscondessa dos Reis, a amiga íntima de suas cunhadas. Esta mulher, se o vir, volve à demência, e dá ao mundo a história esquecida das suas desgraças.

Manuel de Castro ouvia-o com uma estranheza de idiota.

– Possui-se bem do que eu lhe digo, *senhor Manuel de Castro*? É preciso que *Carlota doe Reis* não diga, douda, à sociedade de Paris que alianças Vossa Excelência teve com ela. Perdida a razão, o mundo há-de perguntar o mistério, e o mistério falará pelas mil bocas do escândalo. É preciso que Vossa Excelência engane sua senhora. Que, a distância de Paris, se afaste comigo para um pretexto que eu lhe indicarei. Sua senhora vai para casa dos seus. Vossa excelência vai para Portugal, sem entrar em Paris. Irá às costas da Bretanha esperar que saia um vapor. Eu, e Gregório e D. Rosa, lhe conduziremos a senhora para Lisboa.

– Pois é forçoso que eu deixe minha mulher e meus filhos?! – replicou Manuel de Castro. – Não posso eu existir em Paris sem me avistar com essa senhora?

– Não, sem que o seu mesmo desvio dê margem a que tudo se saiba. A família de sua senhora vive mais em casa da viscondessa dos Reis que na sua própria. O senhor há-de necessariamente explicar a razão por que se esconde. Carlota tem pai, senhor barão; e, pela amostra que eu tenho do seu carácter, penso que lhe é menos cara a vida que o prazer duma afronta a quem lhe causou todas ou parte das desgraças da filha. Para que estou eu a cansar-me com argumentos, quando o tempo nos foge?! Definitivamente, vai Vossa Excelência para Portugal?

Manuel de Castro apertou a mão de Augusto, e disse:

– O que quiserem de mim. Não discuto: obedeco. Guio-me por uma cabeça de criança; mas respeito a sua intenção, que é nobre.

Voltaram ao grupo que os esperava com espanto de tão longa prática em segredo. Em poucas palavras disse Augusto ao barão qual seria o pretexto para se retirar, perto de Paris. O barão explicou a sua mulher o motivo simulado da secreta conversação com Augusto. Este, entrando na carroça de Gregório, contou exactamente as coisas como elas se passavam.

O bom do Gregório espantando-se de tudo, não se espantou nada de ver Carlota viscondessa.

Tinham andado um terço do caminho, quando Manuel de Castro, apertando estremecidamente a mulher ao peito, murmurou em palavras que mais eram gemidos:

– Eu menti-te, Matilde. Não há duelo algum de que eu deva ser testemunha. O que há é uma borrasca eminente à nossa felicidade de oito anos. Parece que a fortuna se cansou de nos bafejar. Ajuda-me a conjurar a tempestade, filha. Vamos procurar a bonança no doce remanso que indirectamente deixámos.

– Que é, Castro, que tens tu? – Atalhou três vezes Matilde no breve espaço daquelas palavras. – Diz-me o que queres que eu faça...

– Que voltemos daqui mesmo para a Suíça.

– Pois... – balbuciou aturdida a baronesa.

– A viscondessa, em que tuas manas te falam, é Carlota, a Carlota que...

– Ah! – exclamou Matilde, e logo bradou ao condutor: – Pára!

– Queres dizer que voltamos, filha? – acudiu Castro.

– Sim, quero!... voltemos. Bem hajas, Manuel, que foges, e me poupas a grandes dores. É Deus que me inspira. Mas eu posso ver a nossa família. Minhas irmãs devem de estar perto daqui. Esperemo-las, deixa-me abraçá-las, quero ver meu pai ainda uma vez, e depois... Oh! já não tenho saudades senão da nossa casinha, e da quietação de espírito que já não sinto!

Aproximava-se o carro de Gregório.

O barão tinha apeado, e combinado com o condutor o retrocedimento.

– Que há? – perguntou Augusto.

– Há que vamos dar o abraço da despedida, meus caros amigos. Os senhores seguem para Paris, eu volto para o lago de Genebra com minha família.

– Então como é isso? – disse Gregório, atalhado, enquanto D. Rosa abria a boca na sublime expressão do seu espanto.

– É a precisão de agarrar a felicidade que nos quer fugir – disse o barão.

Augusto abraçou Castro, e disse-lhe:

– É um grande passo, meu amigo. Não me atrevi a propor-lho, porque pensei que sua senhora se indignasse contra um alvitre, que a privava da família, de Paris, e da pátria. Se é sacrifício que fazem, verão como a ventura os galardoa.

Detiveram-se um quarto de hora quase silencioso.

Matilde esperava, e não desfitava os olhos do horizonte da estrada.

– São elas! – exclamou – devem ser minhas irmãs.

E eram. Vinha com elas o velho Veles.

Apeararam, e enlaçaram-se todos num mesmo abraço em redor de Matilde e do marido. A mais velha, vendo Augusto, ficou atónita; e mais ainda notando que ele fingia não conhecê-la..

– Vamos para Paris, que são horas – disse Valdez. – Os meus filhos, que vêm cansados da má locomotiva, entram na carruagem, e verão o que é regalar-se o corpo. Não cuidem vocês que eu já tenho destas equipagens! A carruagem é de Eduardo Pinto...

– Eduardo Pinto – acudiu a mais nova das meninas – é o pai da viscondessa.

– Da viscondessa?... da Carlota?... – atalhou Matilde.

– Sim – disse o pai – que por sinal está douda.

– Douda?! – exclamou Augusto, e Gregório, e D. Rosa simultaneamente.

A irmã mais velha de Matilde pôs os olhos em Augusto, e dum modo que parecia dizer-lhe: «tu foste a causa!»

– Porque endoudeceu ela? – perguntou a baronesa.

– Amores – respondeu o velho.

– Ah! sim? – tornou Matilde. – Amores a quem?

– A um tal Augusto Botelho, que nenhum de nós conhece.

E todos, salvo o velho, convergiram os olhos sobre Augusto, que entreabriu nos lábios roxos um sorriso indescritível.

– Ora essa é de cabo de esquadra! – disse Gregório que ainda não tinha falado.

Francisco Valdez, como achasse nimiamente plebeia a frase, levou a enorme luneta de caixa de tartaruga ao olho direito, e disse ao interruptor:

– Ainda me não apresentaram este cavalheiro, que me promoveu a cabo de esquadra.

– É um meu amigo – disse Castro. – Um homem cujas palavras são inofensivas.

– Ah! são inofensivas?... mas parece que duvidou com certos ares de zombaria

que a viscondessa amasse um tal Augusto Botelho...

– Não só duvidou, mas nega, senhor Valdez – disse Augusto. – Eu apresento-me a Vossa Excelência como Augusto Botelho.

– O senhor?! pois é o senhor a pessoa?! Oh! queira perdoar... Eu disse isto por me parecer que a opinião do meu amigo Pinto dos Reis devia valer alguma coisa.

– O senhor Pinto dos Reis enganou-se, retorquiu Augusto.

– Pois peço perdão, se fui indiscreto... Mas a gente não fica a discorrer agora na estrada. Vamos a caminho.

– O nosso caminho termina aqui – disse Castro.

– Como?! – tornou confuso o velho.

– Retrocedemos para. nossa casa, senhor Valdez.

– Pois a minha filha que me tinha dito nas suas cartas?!

– Mudámos de parecer, meu pai – respondeu Matilde. – Noutra ocasião, cumprirei a minha promessa. E tenha o pai a generosidade de nos não pedir explicações.

– Fazem-me doudo! – interrompeu o velho.

– Se a minha autoridade é alguma coisa na vossa vontade, mando que venham para Paris, ou que se expliquem.

– Minha mulher disse tudo o que podia dizer. Espere Vossa Excelência que o mistério se esclareça mais tarde – redarguiu Manuel de Castro.

Seguiram-se súplicas das irmãs; mas o espanto, a tristeza, e as lágrimas eram o essencial do quadro. Detiveram-se ainda minutos em despedidas; afinal, Matilde arrancou-se aos braços das irmãs, e saltou à carroça; o marido acomodou os filhos e a velha criada de sua mãe; apertou a mão de Augusto, de Gregório, de todos, e mandou voltar o carro.

XXXI

Horas depois que chegaram a Paris, foi Augusto procurado no seu hotel por Eduardo Pinto.

Preparava-se o moço para algum desatino do velho; e Gregório, adivinhando-lhe o sobressalto, quis assistir à recepção do visitante, desejo que Augusto delicadamente contrariou.

Eduardo entrou manso e urbano. Revelava dor aflitiva, e mal secas as lágrimas. Começou falando, e os soluços embargaram-lhe a voz. Contorcia-se em silêncio, ora escondendo o rosto nas mãos, ora recurvando-as sobre as fontes em ansiado frenesi.

– Que imensa dor é a sua, senhor Reis! – disse Augusto – sei a causa. Sua filha sofre muito...

– Não sofre – balbuciou o velho – não sofre; eu é que morro... Minha filha endoudeceu; está irremediavelmente perdida.

– Perdida, não. A senhora viscondessa, já depois que esteve alguns anos douda, teve um novo ataque; mas, graças ao repouso do espírito, e aos cuidados da santa gente, que nos amparou a ambos, sua filha recobrou o juízo, e em três anos não experimentou o menor desconcerto de razão. Tenha algumas esperanças, senhor, que eu tenho-as todas.

Reanimou-se o aspecto do velho.

– Tem esperanças, o senhor Augusto? –disse ele com alegre ar.

– Todas. Sua filha em que estado ficou?

– Prostrada; mas os acessos são terríveis... Venha vê-la, venha comigo, talvez que ela, ouvindo a sua voz, se tranquilize... E perdoe-me a alucinação com que o tratei em minha casa... Este amor de pai é um castigo, um inferno que eu tenho em vida!... Se o senhor Augusto me dissesse logo os sentimentos de minha filha, os afectos que os prendiam há tantos anos... Porque mo não disse? porque hesitou em confessar que amava minha filha?...

– Eu, senhor!... – interrompeu Augusto –confessar-lhe que amava sua filha!... Quem poderia dizer a Vossa Excelência que eu amava a senhora D. Carlota em tempo algum?

– Ninguém mo disse... ninguém... foram as lágrimas dela... mas, meu Deus! que lhe diria o senhor Augusto para que ela desde esse momento nunca mais me parecesse a minha amada filha?... Foram ciúmes? Desconfiou o senhor que ela amava outro homem? Mentiram-lhe, mentiram-lhe, pela minha honra lho juro. Coitadinha! ia ao teatro porque eu lhe pedia que fosse; ia aos passeios porque eu ia soberbo com ela ao meu lado. Por amor dela é que eu amava a riqueza; pensava em fundir montes de ouro para lhe levantar um trono, onde todas as mulheres a invejassem... E agora, douda, perdida, sem remédio! Como Deus castigou o meu orgulho, que eu julgava digno de que o mundo mo respeitasse... Ó senhor Augusto, se vê que a podemos salvar, diga-me como, ajude-me a recuperar-lhe a razão, porque é nossa, é um coração que ali temos ambos, e morrerá para ambos, se a razão lhe não volta!

Pareceram a Augusto intempestivas as explicações, que azedariam acerbamente o coração do infeliz pai. Deixou-se supor o amante e o amado de Carlota, vendo que a suposição nenhum desaire, nenhum dissabor podia trazer a algum dos dois, enquanto o velho ignorasse que sua filha tinha sido a concubina de Inácio Botelho.

E porque não havia ele de ignorá-lo sempre!...

Acompanhou-o Augusto, consolando-o com esperanças não mentidas, porque ele as tinha quase como realizadas, pelo muito que fiava do affecto que Carlota lhe tinha

mostrado, durante a sua residência no mosteiro de Évora.

Conduzido pela mão de Eduardo, entrou Augusto no quarto da viscondessa.

Estava ela com dois médicos à cabeceira, e a sua criada grave, limpando-lhe o suor da face.

Os médicos tinham ordenado uma sangria; mas a doente repuxava o braço, quando brandamente o tomavam para o lancetarem. Esperava-se que o pai viesse, para lhe pedirem licença de empregarem a força.

Ouvindo Augusto a pergunta, e vendo a vacilação de Eduardo, disse:

– Parecia-me que se reservasse esse recurso para outra hora. Por enquanto, não.

Acedeu prontamente o pai, e os médicos saíram, segredando-se na antecâmara:

– O rapaz lá sabe como a há-de curar, e pode bem ser que nós sejamos mais doudos que ela, por a termos capitulado douada...

Augusto disse à criada que se retirasse. E Eduardo seguiu a criada, quando Augusto, muito enleado sem atinar com o melhor modo de o convidar a deixá-lo só com ela, mostrou a turvação no rosto.

Mas era sempre o pai cioso do amor da filha! amor, que bem definido estava por ele – inferno em vida. Não se afastou para longe: deu uma curta volta, e foi colar o ouvido à fechadura dum gabinete de banho, contíguo ao quarto.

Augusto apertou a mão de Carlota, e disse-lhe:

– Minha amiga, ouve-me?

Abriu ela os olhos pávidos, reconheceu-o, e sentou-se no leito com movimentos rápidos e descompostos.

– Conversemos tranquilamente, sim? – tornou Augusto. – Imaginemo-nos na grade do convento de Évora. A minha amiga está costurando um peito da minha camisa, enquanto eu lhe leio o «Eurico».

A viscondessa sorriu, a acenou afirmativamente com a cabeça rápidas vezes.

– Está mais sossegada. Reconhece no homem grave que lhe dá conselhos, a criança a quem ensinou a falar. Se a minha amiga não sente ao pé de mim a serenidade de espírito que eu espero ver-lhe, então, hei-de acreditar o meu pouco poder em sua alma.

Carlota soltou uma estridente casquinada de riso e recaiu subitamente numa atrofia de rosto cadavérica.

Augusto compôs-lhe as almofadas, e recostou-a.

Tocou uma campainha, e logo acudiu o velho.

– Sua filha tem dormido? – disse Augusto.

– Nada, há duas noites.

– Uma simples bebida para obrigá-la a dormir é o que primeiro precisamos. Lembra-me que, na recaída que teve há quatro anos, a primeira aplicação foi uma opiata.

Daí a pouco foi Augusto ministrar-lhe a bebida diante de seu pai. Chamou-a, chegou-lhe o copo aos beiços, e ela, com os olhos fitos nele, bebeu-a até à última gota.

Quebrantou-a o narcótico. Dormiu profundamente algumas horas, e, no entanto, Augusto saiu para encurtar a ansiedade de Gregório e Rosa.

Passadas horas, estava à porta do hotel uma carruagem de Eduardo, e um bilhete que o chamava.

– Assim me Deus salve – disse Gregório – que eu não sabia que o menino tinha estudado para médico!

D. Rosa veio com uns bentinhos de Nossa Senhora do Carmo, e disse-lhe:

– Olhe, meu filho, bote-lhe isto ao pescoço.

Augusto aceitou os bentinhos mas a filosofia deixou-os ficar esquecidos na

algebra.

XXXII

Carlota, ao despertar, chamara Augusto. Acercara-se o pai do leito; e a filha, beijando-lhe as mãos, repetiu, como interrogando: «Augusto?»

– Vem já, filha, vou mandá-lo chamar.

E mandou sair o trem, enquanto escrevia a carta.

Quando voltou ao quarto a viscondessa estava em pé, e murmurava dialogando consigo própria: «Ele lia-te o Eurico, e tu bispontavas o peito da camisa, que ele ontem vestia. Ontem! foi ontem? quando foi que eu vi Augusto?»

– Foi há três horas – respondeu o pai.

Carlota aconchegou do seio o corpete do seu casaco de veludo escarlate, e deu laço aos cordões, com o afogo de quem é surpreendida em trajos desonestos.

– Porque não te deitas, filha? – continuou o pai.

– Deitar-me?!

– Sim, que estás a cair de fraqueza.

– Pois não vamos para Évora?

O ar, com que fez a pergunta, era já sossegado, clara a luz dos olhos, e compostas as feições.

– E queres ir para Évora, para o convento, Carlota?

– Não me disse Augusto que eu tinha li deixando a minha felicidade?

O velho, cuidando que a sisudeza destas falas era sinal de restauração de juízo, cedeu à amorável impaciência de perguntar-lhe se amava Augusto.

– Se o amas, filha, dúvida tens que eu o amarei também?!

Carlota estremeceu num calafrio, e clamou:

– Eu amá-lo!... O pai não sabe o que diz!... Isso é atroz, é impossível, é horroroso!

– Não é, filha! – atalhou o pai enleado. Embora tenha menos doze anos que tu, se tanto é, que impossibilidade há para que seja teu marido?

– Oh! cale-se por piedade! – exclamou muito agitada, como a querer fugir da presença do pai, que a reteve.

Seguiu-se um ansiado silêncio de ambos, que durou até ao momento em que entrou Augusto.

Saiu o velho à antecâmara a recebê-lo, e disse-lhe:

– Já pensei que a tinha salva; mas foi Ilusão passageira. Fez-me perguntas sensatas, e respondeu serenamente às minhas. Depois, quando eu lhe dizia que aceitasse o seu amor, que eu de modo nenhum contrariava, desatinou, exclamando que o casarem-se era impossível, horroroso, e atroz! E pediu-me que por piedade me calasse...

– E eu também por piedade lhe peço que se cale – interrompeu Augusto, entrando no quarto da viscondessa.

Tomou-lhe as mãos, e disse:

– Passou a nuvem?

Carlota sorriu, e disse com rápida mudança para rosto amargurado:

– Que é feito do meu «Eurico»? Quando te verei, meu livro querido, no quarto tão lindo do meu convento!... Aqui é tudo oiro, senhor Augusto. Lá, era tudo flores. Tantas jarras que o senhor me dava, e tantos ramos que as freiras andavam colhendo sempre para mim. Ai! que saudades!... que saudades!...

E rompia em pranto, que Augusto acintemente lhe desafiava com as recordações do convento.

O melhor médico do espírito será aquele que maior porção de intimo fel diluir em lágrimas.

Por largo espaço o coração da enferma obedeceu à pressão de Augusto. Parece que a pele do rosto dela, ao contacto das lágrimas, se ia retingindo da cor suave, que tivera três dias antes. As pulsações regularizavam-se; e a placidez do olhar era para Augusto, que a vira noutra igual crise, a evidência da cura.

– Está passada a borrasca! – exclamou ele, apertando as mãos do pai e da filha. – Alegre-se, minha senhora, da alegria que dá aos seus dois amigos, um como pai, e outro como irmão. Quando quer Vossa Excelência ver o bom Gregório, e aquela santa mulher, que nos quer tanto?

– Onde estão?! – disse Carlota.

– Em Paris.

– Em Paris?! estão, e não os vejo!? Oh meu pai, pois não sabe que tudo devo a Augusto e a eles?

– Sabia; mas ignorava que essas pessoas estivessem ca.

– Ó senhor Augusto, poderei eu ir vê-los?

– Pois não pode, minha senhora? Seria uma excelente coisa ir Vossa Excelência respirar agora, dar um largo passeio de carruagem, e vir passar connosco a noite.

– Vamos, meu pai? – disse ela com alvoroço.

– Sim, filha, vamos.

Neste momento anunciou-se Francisco Valdez.

Augusto travou do braço de Eduardo, saiu com ele do quarto, e disse-lhe:

– É forçoso que esse homem não fale diante de sua filha.

– Porquê, diga-me porquê, senhor Augusto?... Eu ando aqui perdido no labirinto de tanto mistério!...

– Se quer sua filha com razão, vá Vossa Excelência recebê-lo, e afaste-o donde ela possa ouvi-lo.

Entretanto, a viscondessa entrara numa recâmara para vestir-se, e a vinda de Francisco Valdez nem de leve a inquietara.

Ora, vejam se Augusto não era profeta, ouvindo o diálogo de Eduardo Pinto e do pai de Matilde.

– Como está a senhora viscondessa?

– Melhor, creio que a tenho salva.

– Tomou o meu conselho?

– Qual, meu amigo? Já me não recordo... tem sido tal o atordoamento das minhas ideias...

– Pois esqueceu-se que eu lhe disse que a casasse com Augusto?

– Ah!... não me esqueceu...

– E foi isso, hein?

– Não, senhor; minha filha é apenas unia irmã extremosa de Augusto.

– Ah! sim? Como ela está boa, ou melhor do que estava, isso é que é o importante, meu caro Pinto. Sabe que estou consternadíssimo?

– Que tem, amigo?

– Meu genro, barão ou que diabo o fizeram da Nóbrega, e minha filha eram esperados há um mês, como Vossa Excelência sabe, como delírio pelas pequenas, e por mim que há oito para nove anos não via minha filha. Fomos esperá-los daqui duas léguas; eis senão quando, depois dos cumprimentos, voltam para a Suíça, sem me darem nem palavra que explicasse o desatino!

– É célebre o seu genro e a sua filha! notou Eduardo Pinto.

– Aqui há um segredo impenetrável! Mas minha filha mais velha disse à mais nova umas palavras, que me chegaram aos ouvidos... mas é impossível... é impossível!...

Augusto, que estava escutando, entrou de golpe na sala, e disse:
Senhor Eduardo Pinto, a senhora viscondessa espera-o já pronta.

– Vão passear? – disse Valdez.

– Vamos visitar uma família portuguesa.

– Quem é?

– Vossa Excelência decerto não conhece – atalhou Augusto. – São burgueses da gema.

– À laia daquele personagem que ontem disse que vossa senhoria não podia casar com a senhora viscondessa?

– É esse justamente.

– Ah! – tornou Valdez muito galhofeiro. – Vai ver um tipo dos bons tempos de Portugal... Que eu, a dizer a verdade, fiquei entendendo que o homem não era de todo português.

– Pensou Vossa Excelência admiravelmente – disse Augusto. – O que ele é, sem mescla e estreme, senhor Valdez, é honrado, e um santo, se Vossa Excelência crê em santos.

– Creio em santos, pois não creio?

– E além de santo é um homem de grande influência no governo português.

– Isso creio eu; porque os ministros de agora, à excepção de meu primo, o conde de ***, são todos daquela farinha grossa.

– E de tanta influência – acrescentou Augusto – que sua excelentíssima filha a ele deve ser baronesa da Nóbrega.

E voltando-se a Eduardo, disse:

– Sua filha espera-nos. Um pai pode fazê-la esperar; mas eu que vim de sua ordem chamá-lo...

– Vamos – disse o velho, cada vez mais enredado na labirinto de mistérios, como ele dizia.

Despediu-se Valdez; e Augusto disse ao pai de Carlota:

– Rogo-lhe que nem uma palavra do que ouviu a este homem na presença de sua filha!

– Mas, senhor, diga-me que intriga é esta...

– Escolha: saber a intriga, ou ver sua filha incuravelmente douda.

Novo enleio para o pai.

A viscondessa lançou-se aos braços de Gregório e de D. Rosa. Os dois velhos choravam de alegria.

– Foram os bentinhos de Nossa Senhora do Carmo! – exclamou Rosa.

Eduardo voltou-se para Augusto, e perguntou a meia voz:

– Que é aquilo dos bentinhos da Senhora do Carmo?!

– É a fé duma santa alma. Repare nesses dois entes, que são os enviados da Providência. Sem eles, sua filha teria perecido de fome, e eu ter-me-ia talvez suicidado, antes de encontrá-la na última penúria.

Eduardo, involuntariamente, sentiu ferido o seu coração de milionário. Não obstante, aproximou-se de Gregório, e disse:

– Eu agradeço a Vossa Senhoria e a sua consorte os muitos benefícios que a minha filha lhes deve.

– Não tem que nos agradecer Vossa Excelência nem ela – respondeu Gregório. – Eu cá estou bem pago com outro abraço, e minha mulher também.

– O que eu e ela lhes pedimos – continuou Eduardo – é que aceitem a nossa casa, enquanto nos derem o prazer de os termos em Paris.

– Nós aceitávamos da melhor vontade, se nos demorássemos; mas isto está por

poucos dias. O senhor Augusto acho que é do nosso parecer.

– Decerto: nós vamos para Portugal brevemente – confirmou Augusto.

– Vamos todos, meu pai? – disse a viscondessa.

– Tens vontade de deixar Paris, Carlota?!

– Oh! quem me dera!... Vamos, meu querido pai?

E, dizendo, beijava-o na face, e apertava-o ao coração.

– Faça-lhe a vontade, senhor Reis – disse D. Rosa. – Venham daí. Lisboa é uma terra tão bonita! Eu digo a verdade: não vi nenhuma que me agradasse tanto... Nem Roma, Deus me perdoe, se peço. Pois então Paris? Isto é de a gente se aborrecer desde que se levanta até que se deita. Parece-me que estou aqui há dois anos!...

Eduardo chamou Augusto ao peitoril duma janela, e disse-lhe:

– Um velho pede conselhos a uma criança:

Que me diz? Vamos para Portugal? Será isso favorável ao completo restabelecimento de minha filha?

– É a sua completa salvação. Em Paris, juro-lhe que a há-de ver sucumbir afinal irremediavelmente.

Voltou-se Eduardo ao grupo, e disse:

– Vamos para Lisboa.

Carlota lançou-se-lhe de novo ao pescoço, abraçou todos, e, na veemência da sua alegria, beijou Augusto na face.

O pai viu este feito arrebatado; e, como se um beijo pudesse ter a importância de mistério, o velho descobriu que o seu labirinto ainda tinha mais um zig-zag. E, logo, caindo em si, Carlota disse:

– Era assim que eu o beijava, quando o tinha no meu colo, se o menino repetia com todas as sílabas as palavras que eu lhe ensinava... Lembra-se, senhor Gregório?

– Se lembro!...

Saíram juntos para o palácio de Eduardo, convidados a jantar.

– A jantar? – observou Gregório – são sete horas da tarde. Vossa Excelência queria dizer *cear*, não é assim? Vamos lá cear, e jantaremos em minha casa em Lisboa, de hoje a duas semanas; mas lá janta-se ao meio dia; merenda-se às quatro; e ceia-se às oito.

Sempre alegre, sempre feliz; o coração do bem-fadado da Providência!

XXXIII

E quinze dias depois, jantavam Eduardo Pinto dos Reis e as viscondessa, em Lisboa, no largo da Abegoaria, em casa do capitalista Gregório Redondela.

E, depois de jantar, recolheram aos seus aposentos, que eram no segundo andar da casa.

E Augusto Botelho desceu ao escritório, onde tinha os seus livros, e fechou-se por dentro, lendo uma a uma quantas cartas recebera de Carlota, do convento de Évora.

E, depois de as emaçar, e arrecadar num escaninho privativo delas na secretária, Augusto pôs o rosto sobre as mãos, que assentava abertas sobre a banca, e ouviu um grito do seu coração que dizia: FATALIDADE!

Porque chora este moço de tão venturosas aparências? Que mulher resistiu aos seus encantos, às suas virtudes, e à presuntiva herança de centenaes de contos?

E, após largo espaço de angustiosa reconcentração, Augusto abriu um cofre de prata, e tirou de dentro um retrato de mulher.

Via-se uma beleza peregrina a meio caminho da existência. Um porte de suma elegância; um rosto de extremada nobreza; uns olhos que deviam poder muito, quer fulminando com império, quer comovendo com lágrimas. E deteve-se a mirá-lo muito tempo, horas seriam, e lançou-o depois de si, exclamando outra vez: FATALIDADE!

E aquele retrato era o de Carlota!

Sentira ele passos na escada, e conheceu-os. Suspendeu-se-lhe a respiração, e o sangue. Ouviu o manso bater da mão delicada, abriu, e estendeu a sua com tremor a Carlota, que vinha muito risonha.

– Sabe o que meu pai me disse?

– Que disse?

– Vai encontrar um amigo a Inglaterra, demora-se alguns meses, e disse-me se eu queria, entretanto, ficar no meu saudoso convento.

– E a viscondessa quer?...

– O meu filho! – disse com veemência Carlota – quando estiver a sós comigo, ou diante da nossa família, não me chame viscondessa, não? Lembra-se como me tratava em menino? Era por tu. Sei que me não pode dar agora esse tratamento; mas chame-me como no convento: *minha irmã*, ou *minha amiga*. Não quer?

– Pois, sim, minha irmã.

– Diante de gente não: que poderiam rir-se, porque já posso ser sua mãe. Trinta e três anos! estou velha!...

Carlota relanceou os olhos sobre uma banquetta de charão, e viu o seu retrato.

– Ai! Tem isto aqui?!

E reparando viu os vestígios ainda húmidos de duas lágrimas.

E Augusto reparou também que as mãos convulsas da viscondessa pareciam não poder com o retrato.

Carlota fez-se da cor do mármore, e lançou a mão para se amparar à coluna dourada de um espelho de vestir.

Augusto aproximou-se dela, e amparou-a pela cintura; e, como quer que o corpo se deixasse pender como a buscar um apoio, o moço ajoelhou para sustê-lo, e com uma das mãos arrastava uma cadeira de espaldar para sentá-la:

– Minha irmã! – exclamou ele.

A viscondessa ouviu-o, descerrou as pálpebras, tomou-lhe a face entre as mãos, e murmurou:

– Diga-me que estou louca... diga-mo, senhor Augusto... Eu não vi lágrimas, não?

– Não... – tartamudeou o infeliz – não eram lágrimas... Porque choraria eu, contemplando a minha irmã no seu retrato? Poderia chorar, adivinhando que ia separar-se de nos... mas eu não vaticinava a má nova que me veio dar com tanta alegria...

– Ó Augusto, bem haja... O céu lhe abençoe a afeição fraternal que me dá...

– Eu não irei para o convento, se me quer aqui. Ficarei, meu filho, e farei com que meu pai não vá... Tenho remorsos de lhe ter mentido...

– Mentiu-me?!

– Sim... Meu pai não me disse que saia, nem me perguntou se eu queria entrar no convento. Quis experimentar o coração do meu amigo... Quis ver o que era na sua vida...

– É tudo! – exclamou Augusto num transporte inflexível.

E Carlota fitou os seus mágicos olhos nos olhos chamejantes do filho de Inácio Botelho, e então viu que ele caíra de joelhos com as mãos suplicantes.

Ergueu-se a viscondessa impetuosamente, esteve instantes com a fronte apertada entre as mãos, e fugiu do gabinete, para entrar no seu quarto.

E aí lhe saltaram lágrimas ardentes do coração, como nunca as sentira a queimar-lhe o rosto.

– Endoudecer! – exclamou ela.

Conversemos, leitor.

– Que lhe parece isto a Vossa Excelência!

– Parece-me um escândalo inaudito! Eu tenho lido todos os romances de mais nomeada pela extravagância, e nunca vi uma coisa assim! Tenho desculpado todos os amores extravagantes; mas a minha bondade repugna escusar que

estas duas pessoas se amem, embora a razão aceite a possibilidade de se amarem.

– Ah! Vossa Excelência confessa que a razão aceita? Pois se a razão se conforma, que fará o coração? Não vê que aquela mulher é bela, daquela expressiva, imperiosa, e fascinante beleza dos trinta e três anos?

– Pois sim; mas não esteja você a puxar muito pelo fiado, que eu, se me apoquento, lembro-lhe que Carlota...

– Foi a amante do pai de Augusto? é o que quer dizer-me?

– Está claro.

– Então Vossa Excelência ainda não sabe nada do coração humano, nem da história. Repare que não há aqui sequer um amor incestuoso. Não há Neros, nem Hipólitos, nem Ciniras, nem as filhas do duque d’Orléans, que Vossa Excelência conhece do *Século de Luís XV*, e dos romances que esmoeu sem amargos de boca. Trata-se de uma mulher formosa, e de um moço de vinte e um anos que ama pela primeira vez, e que já amava, – saiba-o agora, já que eu tive pejo de lho dizer em tempo mais oportuno – já amava, quando foi viajar, e esconder o seu coração no *chalet* da Suíça.

– Seja como quiser; mas não é de bom gosto o episódio do seu romance.

– A natureza, meu bom amigo, não se amolda ao bom ou mau gosto dos romancistas. A natureza faz destes amores, – monstruosos, se Vossa Excelência quer – atira-os à circulação, e diz: «os noveleiros que vos definam, se podem.» E não está bem definida a coisa? Que tem o coração de Augusto com o passado?

– A dignidade.

– Com o que Vossa Excelência me vem;... A *dignidade!*... A dignidade, quando a

paixão lhe sai de rosto, agacha-se, e deixa-se sovar aos pés, se é que a paixão pode ter pés, não tendo cabeça.

E dou a polémica por concluída.

XXXIV

Eduardo Pinto, decorridos dois dias em seguimento do diálogo de Carlota e Augusto, faiou assim a Gregório:

– O generoso amigo de minha filha tem obrigação de olhar pela felicidade dela em tudo e por tudo. O senhor Gregório vê minha filha de cama, há dois dias, e cuida que o sofrimento dela é um passageiro incómodo. Eu vejo-a com o coração de pai, e receio que a morte seja o único remédio ao seu mal, se da nossa parte nos confiarmos à cura do tempo.

– Senhor Reis – atalhou Gregório – veja o que eu posso fazer, que estou pronto, como se fosse eu pai da senhora viscondessa.

– Ora diga-me: o senhor não desconfiou que Augusto e minha filha se amassem antes dele ir viajar?

– Não, senhor, eu não desconfiei... como havia eu de desconfiar de crime tamanho!?

Isto foi dito com uns trejeitos de assombro, que iam causando riso ao interlocutor.

– Crime tamanho! – redarguiu Eduardo – Pois entende o senhor Gregório que o amarem-se honestamente duas pessoas livres seja um grande crime?!

Gregório caiu em si, compôs o gesto apavorado e acudiu logo simuladamente:

– Sim... a falar a verdade, o crime não é grande; enfim, como o outro que diz, a diferença das idades...

– E das posições... queria o senhor dizer... Bem sei... Minha filha, nesse tempo, era uma rapariga pobre, que recebia no convento a sua esmola...

– Alto lá – interrompeu Gregório – que vêm cá fazer esses contos de esmola? Quem fala nisso, senhor?

– Perdão; ninguém falou em esmola, senão eu, e ela que francamente o diz; mas como a dependência diminui o grau de merecimento de cada qual, poderia ser que o senhor Gregório achasse estranho que o senhor Augusto, seu futuro herdeiro, casasse com uma mulher, que tinha sido criada de sua casa.

– Não é isso... – disse Gregório muito enleado, e morto por se desentalar de tais apertos.

– Pois que é? Que razão há de nos espantarmos, se o senhor Augusto amasse Carlota!?

– Há-de perdoar... mas eu não posso crer isso.

– Senhor Gregório, dói-me a sua dúvida, e sou obrigado a revelar-lhe um segredo que roubei a minha filha. Por descuido dela, achei aberta a sua secretária em Paris, e li algumas cartas de Augusto, escritas de diversos pontos das suas viagens. Se não eram bem expressivas as cartas, eram-no demais para fundamentarem uma razoável desconfiança. Hoje mesmo, encontrei aberta, à cabeceira de sua cama, uma carteira de viagem. Como ela dormia, pude de relance ver algumas cartas, e esta, que tem a data de ontem, diz mais que as escritas há um ano.

– E de quem é a carta? é de Augusto?

– Certamente.

– Pois ele está cá de portas a dentro, e precisa escrever-lhe?! A gente enquanto vive aprende sempre!... E que diz ele então?

Eduardo leu:

«Tranquelize-se, minha amiga. Não sucumba para me dar coragem; senão, o mais fraco serei eu. Onde quer que eu vá? Diga-o. Irei até onde a

distância faça que entre nós seja impossível a comunicação de uma palavra. Que lhe deixo eu, minha irmã? Uma crença, que a deve fazer orgulhosa do que é. Viu que era amada, e por quem!... Já vê que nenhuma culpa lhe pode diminuir o valor aos meus olhos. Amo-a eu, amo-a perdidamente eu, que desde os quatro anos a conheço! Na grade de Évora não lhe falava assim; mas dizia-lhe mais. Então o seu recato impunha-me silêncio. Desde então, vi o mundo, e vi-a à luz do mundo, Carlota...»

– Estou pasmado! – disse Gregório – não leia mais nada, que eu não sei onde tenho a cabeça!...

– Mas eu não fico menos espantado com o seu espanto, senhor Gregório! Diga-me o senhor o que é que o faz perder a cabeça!

– O que é?... pelo amor de Deus!

– Sim... o senhor acha um disparate que Augusto seja marido de minha filha?... Não é ela formosa, não sou eu rico, não é ele um homem com coração, como tantos que, em poucos dias que a trataram, ma pediram em Paris, e todos pessoas distintas, da velha nobreza, e com fortunas independentes do dote de uma mulher?

– Não duvido, não duvido; mas o caso é outro...

– Sei o que me quer dizer – tornou com azedume e tristeza o velho – Sei, desgraçadamente, sei...

– Pois se sabe... admira-se, senhor Eduardo, que eu perca a cabeça!?

– Admiro! Pois se minha infeliz filha, aos dezesseis anos, se deixou seduzir por um homem, que soube mentir ao infortúnio, e a abandonou... se minha filha foi obrigada a servir uma casa para ganhar pão com honra... se a desgraçada enlouqueceu, quando, aos vinte anos, viu o abismo de desonra em que tinha caído... tudo isto é bastante para que minha filha perca o direito a ser amada, a ser esposa do seu Augusto, do filho do homem que foi seu amo?!

Quem lhe contou essas coisas, senhor Reis?

– Quem mas contou?! A pessoa que me informou, um antigo amigo que me impeliu a Portugal, onde eu tinha esta filha... talvez para me castigar involuntariamente da cruza com que eu deixei morrer sua mãe na miséria...

Como Eduardo tivesse os olhos turvos de lágrimas, Gregório não teve alma para protrair o diálogo, nem aclarar uma verdade funesta para o pobre pai. Ao mesmo tempo, não sabia o benfeitor de Augusto que dizer no tocante ao amor de que ele tinha as provas presentes naquela carta.

Foi para ele um grande alívio o aparecimento de Augusto, que empalideceu ao ver a sua carta sobre uma mesa.

O pai de Carlota achou excelente a oportunidade de falar peremptoriamente a Augusto, nestes termos:

– Senhor Augusto, vejo que o incomoda encontrar esta carta: fui eu que a subtrai da carteira da minha filha, estando ela a dormir. Sejamos francos, que é preciso sê-lo. Ama minha filha? case com ela. Não careço de fazer a mesma pergunta a Carlota. Vejo-a deste ontem definhar-se, e pedir a Deus a morte. Roga-me a chorar que a leve para o convento. Que há-de fazer um pobre pai senão perguntar a Deus que segredo há aqui nesta afeição de anos? Que estorvo os priva de se unirem? Se ela teve no seu passado uma culpa, absolvida pela inocência e pelo infortúnio, seja o senhor Augusto igual a Deus, perdoe-lhe, se entende que a passada e expiada culpa ofende o seu pundonor de marido.

– Por Deus lhe peço que não continue! – disse o atribulado moço.

Eduardo encarou em Gregório, que tinha os olhos postos no chão; voltou-os para

Augusto, e viu-o a soluçar com o rosto entre as mãos.

Durou segundos este lance, até que Augusto, erguendo-se de golpe, saiu da saia enxugando as lágrimas.

Duas horas antes, tinha ele recebido este bilhete em resposta à carta, cujo período ouvimos ler a Eduardo:

«Vá, vá, Não me queira ver mais. Lembre-se da minha indignidade. Não há ferida de coração que resista a esse bálsamo. Vá, anjo de melhores destinos! Sabe os quadros da minha vida horrenda, um por uru. Lembre-se de todos. Em pouco tempo terá pejo de si próprio, pejo do seu amor, e admiração dolorosa da sua fraqueza. Tenha tudo; mas conserve de mim uma piedosa lembrança. A compaixão é o único sentimento que eu deveria inspirar-lhe, se o coração humano fosse menos absurdo. Eu sou uma desgraçada sem igual. Até de lhe abrir a minha alma devo ter vergonha. Sou mulher condenada a jamais poder dizer-lhe o que sinto. Vê-se que não expiei os meus crimes ainda: agora é que eu reconheço o castigo. Vá, fuja de mim, meu querido filho. Veja-me no passado; olhe que infâmias lá ficam sem reabilitação possível... Deixe-me morrer, por misericórdia lho peço; porque já não espero uma hora da vida em paz. A vergonha é mil vezes mais pungente que o remorso!...»

XXXV

Vinte e quatro horas depois, Gregório recebia a seguinte carta de Augusto:

«Quando o meu benfeitor ler esta carta, já eu tenho saído a barra. Não sei onde o destino me leva. De Paris lhe direi as minhas intenções. Escuso explicar-lhe a razão da minha saída. Dê um abraço na minha querida boa mãe, e peça-lhe que rogue a Deus por mim.»

D. Rosa rompeu em choro, quando ouviu ler a carta; e deixou de soluçar, para erguer de joelhos as mãos ao Senhor.

Gregório caiu numa taciturnidade, e inteiro desapego da vida e dos negócios. Respondeu em poucas palavras a Augusto, e quis que um seu guarda-livros saísse logo por terra a levar ordens de dinheiro a Paris.

Eduardo, sabendo a saída de Augusto, pediu que não a comunicassem a Carlota, e, no fundo de sua alma, amaldiçoou o moço. Depois, avassalado pelo orgulho, buscou pretexto para sair da casa de Gregório; mas, como era forçoso explicar à filha o motivo da saída, e esperasse salvá-la também pela vaidade ultrajada, revelou-lhe a saída imprevista de Augusto.

A viscondessa respondeu que já o sabia, e disse-o com os olhos enxutos, e sossegado semblante, do que muito se admirou e folgou o pai.

Com quanta ternura o faria uma filha, se despediu Carlota de Gregório e D. Rosa, rememorando todos os bens, que lhe fizeram, deixando soltar palavras de censura amarga aos erros da sua passada vida, e terminando por dizer que só Deus lhe dava uma cela onde ela pudesse viver sem confusão e terror de si própria.

Supunha a viscondessa que seu pai lhe consentiria recolher-se ao mosteiro de Évora. O velho porém, olhava já para a filha como instrumento necessário à sua vingança, e foi com ela inexorável.

– Iremos viajar – disse ele.

Queria Carlota redarguir; mas o pai consentiu apenas que ela chorasse.

Tomou navio por sua conta o milionário, e abordou às costas de França.

Abriu os salões do seu palácio, ainda ornamentado qual o fechara meses antes, e dependeu-se em maiores pompas para chamar as atenções em dobro.

Viu muitos portugueses, sabia os nomes de quantos estanceavam em Paris, e não viu o nome de Augusto Botelho.

Isto lhe deu muito que sofrer.

Envidou quantos meios tinha ao seu alcance para descobrir que Augusto saíra de Paris com direcção a Constantinopla.

Descoroçoou de parte do seu plano, plano que seria estúpido, se a vingança não fosse, como dizem, o néctar dos deuses. Era dar à filha um marido celebrado na sociedade parisiense, e forçar o moço a contemplar a irradiação gloriosa de Carlota.

No entanto, rodeou-a de numerosos mancebos que vinham duas vezes atraídos pelo cevo do ouro, e pela pertinaz formosura da portuguesa.

Enquanto ele delirava neste frenesi de bailes, de jantares, e magnificências, Carlota passava da sala para o leito; chorava durante as noites, e vestia-se de cetim e brilhantes para que seu pai não avincasse a fronte de rugas que a atemorizavam.

Pediram-na um duque que era pobre, e um visconde que era opulentíssimo.

Eduardo optou pelo duque. Recebeu Carlota com um sorriso a nova. Vestiu-se com a máxima riqueza, segundo a escolha de seu pai. Foi ao salão em que era esperada,

e viu o homem a quem seu pai a dera. Deixou-os a sós Eduardo, porque outras visitas o esperavam no salão imediato. Carlota falou assim:

– Vossa Excelência tem direito a saber o que eu fui. Tive uma mocidade tempestuosa. Tive amantes, e tenho paixões de que sou escrava. Se assim lhe covenho, Vossa Excelência sujeita-se a ver alguma vez nas salas de Paris o homem que amei, e que pode apontar-me aos seus amigos, e dizer: «Aquela mulher foi minha». Pode ver o homem que amo, e este, se não disser que fui sua, poderá dizer que o sou, quando ele quiser. Vossa Excelência decerto não quer assim uma mulher, porque ela é rica.

– Decerto não; mas seu pai ignora...

– Meu pai ignora a maior parte da minha vida, e Vossa Excelência conte-a a todo o mundo, se lhe apraz; mas a ele não. É a paga que lhe implora a minha franqueza.

O duque saiu, e no mesmo dia foi para as suas pequenas herdades na província, e de lá saiu para Londres, adido à embaixada.

Eduardo Pinto esperava o genro, e recebeu uma carta em que o duque mui simplesmente pedia dois anos de espera para realizar o casamento. Não infringia assim a palavra, nem temia que, findo o prazo, o obrigassem por ela.

Nova punhalada no orgulho do milionário.

Pensava ele em negociar o casamento com o visconde, quando a Providência lhe deu um golpe mortal.

A viscondessa era plena senhora de suas acções. Saía só nas suas carruagens, e sob cor de pagar visitas, saía muitas vezes.

Com as indicações duma criada francesa, que trouxera consigo de Paris e outra vez levara, descobriu um homem, que devia tirar passaporte para si e duas irmãs, com destino a Portugal.

Feito isto, Carlota saiu uma tarde, apeou num ponto designado, deu alguns passos a pé, dobrou uma esquina, e nunca mais voltou com a criada, que a seguia.

Eduardo Pinto viu chegar de noite a carruagem sem a filha. As primeiras horas gastou-as em pesquisas inúteis. Muitas outras em exclamações e desesperos. Foi afinal à embaixada, e voltou desanimado.

Tornou pela terceira vez ao quarto da filha, e já tinha olhos claros para ver uma carta no toucador. Eram seis linhas:

Procure-me no convento onde me foi buscar, se prefere amar sua filha feliz, a despedá-la lentamente neste mundo que não é o dela. Perdoe à desgraça as suas fraquezas. Antes quero lá morrer. Até lá, meu querido pai. Fujo-lhe, quando o seu amor já não era o amor que dá felicidade a uma filha.

CONCLUSÃO

Deixemos correr dois anos.

Carlota está no mosteiro de Évora. Recebe uma grande tença, com que sustenta as seculares pobres, e convida outras a recolherem-se, pagando-lhes casa no mosteiro, e alimentando-as.

Eduardo Pinto vaga de país em país, arrastando uma velhice amarga como devia ser a de sua mulher: ela suspirando pela luz dos olhos, ele oferecendo os seus milhões por um raio de luz das almas.

O barão da Nóbrega lá está no lago Lemán, educando os filhos, amando a esposa, e suspirando pela pátria, que nunca mais espera ver.

Gregório passa os dias e as noites em diálogo com a imagem da esposa, que Deus chamou para si, seis meses depois da saída de Augusto.

E Augusto, depois de viajar dois anos no Oriente, forçado pela doença de peito que o ia devorando, recolheu à ilha da Madeira, e espera aí a convalescença para voltar a Portugal, onde o velho Gregório o chama com a ansiedade dum moribundo que quer despedir-se.

Augusto sabe que Carlota está no mosteiro e escreve-lhe.

É a carta dum mero amigo. Conta-lhe o que viu na sua peregrinação, e pede-lhe a história da sua vida. Carlota responde-lhe, omitindo tudo em que podia ressoar a história dum coração revelada a outro. Narra a sua fuga de Paris, os pormenores da viagem, a entrada no claustro, e o seu viver em tudo semelhante ao doutro tempo, menos na leitura do Eurico, e na costura das camisas.

Diz, sem encarecimento, que padece, que está de todo velha, que vê sem tristeza a morte aproximar-se.

Volta Augusto à pátria, e encontra em Lisboa Eduardo Pinto, que o recebe friamente, e não lhe fala na filha.

Carlota recebe carta de Augusto em que lhe pede licença para ir vê-la. Responde, protelando a ida, até que ela possa convalescer dum ataque mais forte da sua doença do peito.

Gregório, que pressentira o seu fim, quando chamava Augusto, morre na serenidade dum santo, legando ao seu filho adoptivo quanto possuía, excepto o terço, que manda repartir pelos parentes de sua mulher.

Augusto não sabe que valor possa ter a riqueza para ele. Olha-se espantado de sua desventura e soledade aos vinte e quatro anos, e enche-se-lhe a alma de tédio, e o futuro de visões sinistras.

Carlota responde às novas instâncias de Augusto pedindo-lhe que espere. Pinto dos Reis encontra-o nesta ocasião, e diz-lhe com amargura:

Minha filha está a morrer.

– A morrer?! – exclamou Augusto.

– Sim.

– Aqui tem Vossa Excelência uma carta dela; está na convalescença.

– A mim diz-me o mesmo; mas a priora avisa-me que morre.

– Porque não vamos dar-lhe o adeus? – disse Augusto debilhado em lágrimas.

– Porque eu não quero vê-la morrer.

– Mas tenha coragem... vamos!

– Vá o senhor, que não é pai.

E Augusto foi.

Disse o seu nome à porteira do convento, que já o não conhecia.

Carlota ergueu-se do leito, e foi amparada à grade. As amigas sentaram-na, e deixaram-na sozinha. Augusto contemplou-a, e chorou: estava magra e pálida; mas formosa como as virgens cristãs, como os mártires de Chateaubriand. E Carlota tirou da algibeira do avental de seda um peito de camisa, e um livro. Passou o livro a Augusto, e disse:

– Leia, que é o EURICO.

E costurou no peito da camisa, enquanto Augusto lia com olhos lagrimosos uma página do livro, a última que ele dobrara, ali mesmo, naquela grade, anos antes.

Depois, Carlota ergueu-se, e disse: – até. amanhã.

Augusto estendeu os braços por entre as grades, e exclamou:

– Minha esposa!

– Do céu... – murmurou ela, e chamou quem a levasse amparada para a sua cela.

No dia seguinte, foi o moço à grade, onde Carlota o estava esperando.

Deteve-se largas horas, e saiu com um semblante luminoso de alegria. A alegria deste mundo! A brincadeira atroz do zombeteiro demónio que tem absoluto direito sobre predestinadas criaturas!

Saiu para Lisboa neste mesmo dia, e procurou Eduardo Pinto.

E, após breves instantes, saíram ambos. Igual alegria rebrilhava nos cansados olhos do velho.

Partiram nesse dia para Évora, e levaram certidões e licenças para o casamento se fazer no templo do mosteiro.

Chegaram à entrada da cidade: e ouviram um dobre funeral.

– Parecem os sinos do convento! – disse Augusto.

Avizinhavam-se, empalideciam ambos a um tempo; e olhando-se mutuamente não ousavam falar.

Aparearam-se na portaria, quando os sinos dobravam segunda vez.

Correram ao raro, a chamar a priorosa, e esta mandou-os subir à grade, sem lhes dizer outra palavra.

Desafogaram-se da opressão num abraço fremente de alegria o velho e o noivo.

Chegados à grade esperaram, e ouviram o rugido de vestidos.

Abriu-se a porta interior: era a priorosa.

– Minha filha?! – disse Eduardo.

– Está no céu. Pois não ouve que todas choram?

E, de feito, ouvia-se um carpir aflitivo que reboava nos dormitórios: eram as muitas desvalidas, que viviam do bem-fazer da defunta.

E a priorosa entregou a Augusto um livro, e uma carta entre as páginas.

E a Eduardo Pinto dos Reis outra carta, e uma argolinha de ouro, que ele havia dado em solteiro a sua mãe, e a filha tirara do dedo de Catarina morta.

Na carta do pai, dizia:

«Minha mãe, quando teve fome, nunca quis vender esse anel, que meu pai lhe dera. Deposito nele um beijo, e restituo-lho, meu pai. Lembre-se dela e de mim. Espero encontrá-la no céu. Pediremos por meu pai ao Senhor.»

A carta de Augusto continha estas palavras que, por quase serem ininteligíveis, deviam ter sido escritas na derradeira hora:

«Eu só podia ser sua esposa no céu, onde a alma está pura das nódoas do corpo. Lá o espero, filho da minha alma. Enquanto viver, creio que verá a minha imagem sem o estigma fatal. A terra do sepulcro é um crisol de

purificação.

Agora lhe digo que o amei até morrer, e morri porque Deus não quis que dos meus olhos se afastasse o negro quadro do meu passado. As maiores desgraçadas são aquelas que a si próprias não podem perdoar. Adeus, Augusto. Chore-me não pelo que sou, mas pelo que fui. Deus, tirando-me muito, deu-me o mais que podem ter mulheres como eu: rodeou o meu leito de infelizes, que dependiam de mim. Deixo-lhas a si, Augusto. Sei que esta herança lhe dará horas de felicidade, a felicidade da esmola, que é um instante do perpétuo contentamento do céu. Não posso mais. O seu retrato vai na minha mortalha. Adeus.»

Há dez anos que Augusto Botelho me contou a sua história, em Lisboa.

Procurei-o, no ano seguinte, para elucidar dúvidas em que ainda estou. Achei-o em posição de todo o ponto incompatível com os meus desejos. Estava no cemitério dos Prazeres, com uma pedra lisa sobre o peito, e este epitáfio sem data:

VELUT UMBRA

que quer dizer:

SIMILHANTE A SOMBRA

Edições desta obra

- 1ª – edição – Lisboa – 1862 – Livraria de António Maria Pereira.
- 2ª – edição – Lisboa – 1864 – Livraria de António Maria Pereira.
- 3ª – edição – Lisboa – 1902 – Livraria de António Maria Pereira.
- 4ª – edição – Lisboa – 1904 – Parceria António Maria Pereira.
- 5ª – edição – Lisboa – 1911 – Parceria António Maria Pereira.
- 6ª – edição – Lisboa – 1917 – Parceria António Maria Pereira.
- 7ª – edição – Lisboa – 1923 – Parceria António Maria Pereira.
- 8ª – edição – Lisboa – 1946 – Parceria António Maria Pereira.
- 9ª – edição – Lisboa – 1969 – Parceria António Maria Pereira.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera a partir da 4ª edição.
Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
